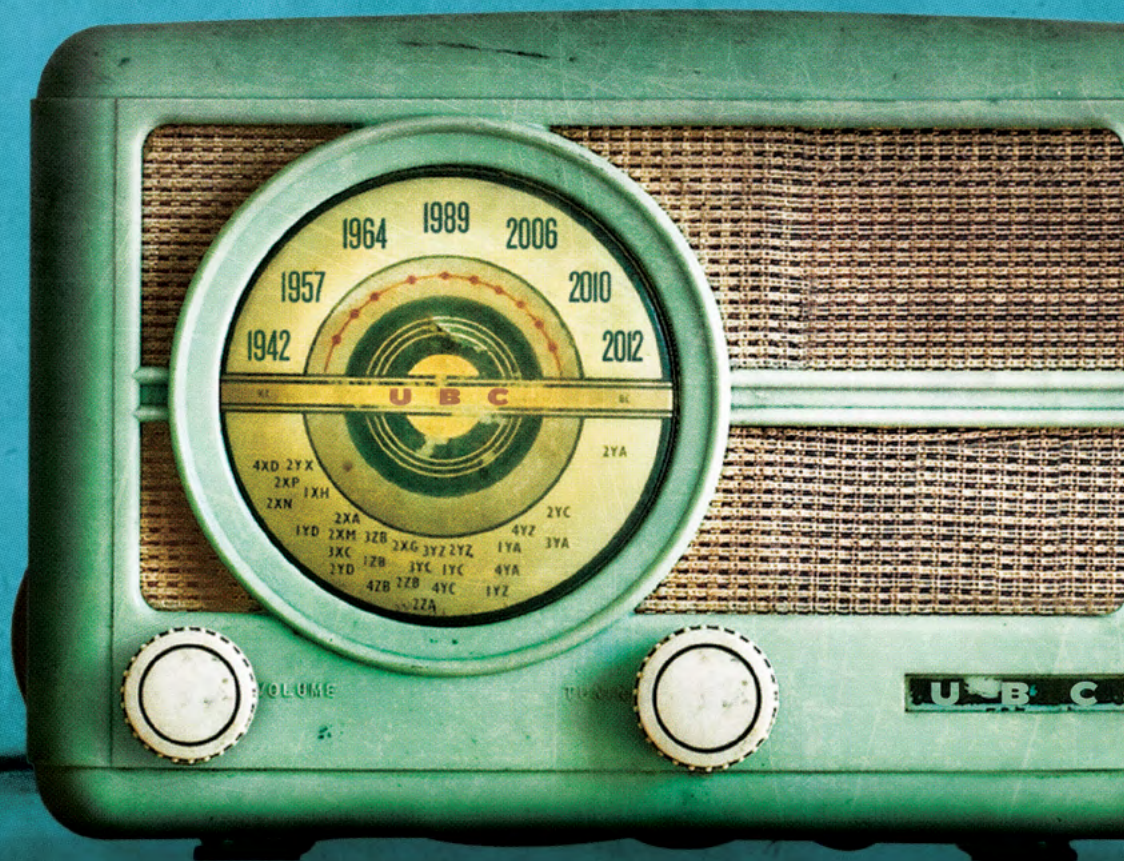


UBC 70 ANOS

o autor existe



UBC

**REVISTA DA
UNIÃO
BRASILEIRA DE COMPOSITORES**

ANO XXIII — N.º 79 — ABRIL A JUNHO DE 1965



UBC 70 ANOS
o autor existe



UBC 70 ANOS

o autor existe

Projeto: UBC
Coordenação do projeto: Beth Ritto e Marisa Gandelman
Texto: Beth Ritto e Marisa Gandelman
Pesquisa: Elisa Eisenlohr e Haline Tavares
Revisão: Elisa Eisenlohr e Mina Multimidia
Transcrição das entrevistas: Elisa Eisenlohr e Haline Tavares
Fotos das entrevistas e depoimentos: Mariana Quintão
Design: 6D

Grande parte das imagens utilizadas neste livro fazem parte do acervo histórico da UBC. Nem todos os autores são conhecidos e alguns não puderam ser localizados. Na hipótese de algum autor ou titular de direitos autorais de imagens se sentir prejudicado com essa publicação, ficamos à disposição para esclarecimentos através do Departamento de Comunicação da UBC, telefone (021) 2223-3233 ou e-mail comunicacao@ubc.org.br.



Índice

10
O Autor existe
UBC 70 anos
 por Fernando Brant

12
A história
da história
 por Marisa Gandelman



16
Música no Ar!
Uma história exemplar



24
História
no Brasil



46
A Formação
da UBC



80
A Retomada



94
70 anos da UBC



126
UBC
pela UBC

O autor existe. UBC 70 anos.

Imagino aquele dia 22 de junho de 1942.

Estaria nublado, frio ou solar o Rio?

Todos os que participavam daquele encontro tinham consciência do momento único que estavam vivendo. E a maioria estava de paletó, elegantemente vestida.

Os maiores compositores brasileiros se reuniam em nome de um projeto coletivo de defesa dos criadores musicais do país.

Compositor não é muito de solenidade, mas aquela ocasião merecia certas formalidades.

Depois das conclamações pela justiça do que almejavam e da importância de estarem juntos naquele sonho, um por um se dirigiu à mesa e pôs seu nome na ata de fundação da União Brasileira de Compositores, a UBC.

Saíram dali para compor e se alegrar.

Esta é a bandeira que recebemos das mãos dos pioneiros brasileiros da canção e da luta pelos direitos autorais.

Nós a carregamos com orgulho e trabalho, até o momento de passá-la aos jovens criadores que virão.

Viva a UBC, viva a União Brasileira de Compositores nos seus setenta anos de fundação.

Fernando Brant

A história da história

Nasci no mesmo ano em que meu pai passou a integrar o quadro de associados da UBC – União Brasileira de Compositores. Henrique Gandelman escreveu arranjos na Rádio Clube, ao lado de Antonio Carlos Jobim e Radamés Gnatalli, compôs em parceria com Mário Lago, conheceu Heitor Villa-Lobos e fez parte do grupo de Oswaldo Santiago para militar na defesa dos direitos autorais dos compositores. Essas histórias eu ouvi desde criança, ao mesmo tempo em que estudava piano e recebia educação musical e artística com os professores mais respeitados e ilustres, mestres de muitos músicos, compositores e artistas hoje conhecidos do público.

Será que essa minha pequena história, ou uma pequena história que nasce no mesmo ano que eu, tem relação com a minha participação na comemoração dos 70 anos da UBC e com a função que hoje desempenho nesta casa? Será que estava escrito que eu estaria na direção da operação da UBC, cumprindo um mandato concedido por diretoria tão ilustre, em momento tão significativo e emocionante? Ou será que a coincidência histórica é fruto do contexto no qual nasci e cresci, misturado com a minha própria história, experiência, saber e conhecimento?

Essa dúvida não pode ser solucionada e nem precisa, mas serve de cenário para me inserir na comemoração do aniversário de 70 anos. Por que estou aqui com a tarefa e a oportunidade de contribuir para esse documento que quer contar uma história e, ao mesmo tempo, produzir uma história que não é minha e nem de cada um de nós individualmente? É uma história de uma organização que é fruto da vontade coletiva dos compositores e outros profissionais da música, constantemente renovada, construída continuamente de forma dinâmica.

A história que começa em junho de 1942 está contada em outra parte desse livro, com documentos, imagens, depoimentos de pessoas que viveram mais tempo do que eu dentro dela. Minha experiência como participante dessa obra coletiva continuamente em progresso não é longa o suficiente para justificar qualquer tentativa de minha parte de ser a narradora. Penso que minha contribuição será mais valiosa se eu tentar buscar uma história mais ampla e genérica que tenta dar conta de explicar o processo dinâmico de construção da vontade coletiva que movimenta uma organização como a UBC. Quem sabe? Uma história da história, ou uma história de histórias.

Mas, onde começa essa história da história? Se temos de escolher um ponto de partida, vamos ao livro “O Corcunda de Notre-Dame”, uma história que se passa na cidade de Paris pré-renascentista, em um tempo de mudanças extremas, quando Gutenberg inventa a máquina que viabiliza a impressão de cópias de livros. Victor Hugo escreve sua história em meados do século dezenove, também um tempo de grande mudança. Para ele, a máquina de imprimir de Gutenberg havia representado a maior das revoluções, desde Cristo e até a Revolução Francesa. Em sua história parisiense medieval há um capítulo – “Isso matará aquilo” – no qual o Bispo discute com o Rei sobre a ameaça que a máquina de tipos móveis pode representar para a autoridade e para a ordem prevalente das coisas. O Bispo pretende convencer o Rei de que ele deveria tomar uma atitude a respeito da novidade; ele deveria usar sua autoridade para impedir que a máquina passasse a fazer parte da vida cotidiana, sob pena de perder o controle e ter de assistir, passivamente, os homens se tornarem livres para expressar suas ideias sobre o justo e o injusto, o conveniente e o inconveniente, o bem e o mal, e, assim, tornar possível a realização do seu desejo de se livrar do que foram até então, para lutar pelo que poderão vir a ser.

Victor Hugo escreve no século dezenove uma história que marca a chegada do século dezesseis – um novo tempo – e ilustra contingências de contextos específicos que provocam a imaginação de cenários em que as mudanças estão em gestação ou em pleno desenrolar. Cria um cenário onde se desenrola uma dinâmica de mudanças relevantes para a compreensão da relação entre os processos de elaboração do conceito de autoria e de um sistema de proteção à criação intelectual por meio de normas e regras que se apoiam no conceito e na lógica da propriedade.

A força inaugural que Victor Hugo atribui à máquina de Gutenberg faz da sua criação, ou da sua divulgação ao público, um momento mágico, da chegada da Renascença, do renascimento do homem, um novo homem que da submissão total passa a ser movido pela razão, tornando-se capaz de criar, ele mesmo, alguma coisa onde antes não havia nada, e de fazer dele mesmo autor de sua própria vida. Muito já se escreveu sobre a fertilidade desse momento mágico, no que diz respeito à criatividade, arte, cultura, ou qualquer outro termo que possa ser usado para indicar os vários usos que o homem faz da linguagem.

Em todo caso, vale lembrar que Victor Hugo, apesar de falar de um momento mágico de criação do Autor na concepção moderna, vive intensamente o movimento revolucionário, portanto, transfere para o passado a atmosfera na qual ele mesmo vive e escreve sobre a libertação do homem da opressão do poder absoluto do rei. Com a revolução francesa, no final do século dezoito e como resultado do desenvolvimento das ideias e narrativas iluministas, são apresentados novos aspectos a serem considerados no debate sobre autoria. Em todo o período revolucionário, assim como fizeram Victor Hugo e seus contemporâneos, os autores brigavam pela soberania de um homem guiado pela razão.

Portanto, podemos concluir que a partir do momento inaugural descrito por Victor Hugo – ele mesmo um revolucionário em luta pelas garantias e direitos do autor – tem início um processo que resulta na lei que assegura proteção, como propriedade privada, ao trabalho intelectual. Independentemente da definição do beneficiário da proteção e das razões da lei desde a invenção de Gutenberg

no século quinze tem início a construção de um discurso, consagrado nos ideais humanistas da Revolução Francesa, que fornece as ferramentas necessárias para justificar a estrutura legal que tem finalidade econômica e de suporte para o desenvolvimento de um mercado do qual passam a fazer parte os bens intelectuais e seus criadores.

A partir daí, constrói-se uma estrutura legal fundamentada em um conjunto de justificativas humanistas que refletem, não somente o passar do tempo que produz o conteúdo histórico de que necessita, como uma nova forma de pensar a respeito da produção e difusão do conhecimento.

Essa estrutura legal é parte integrante, ao mesmo tempo causa e efeito, de uma ordem liberal consagrada no século dezanove que, por sua vez, pressupõe que a realização individual atenderá ao interesse coletivo, não havendo oposição, mas sim complementaridade entre os dois. Portanto, a ordem liberal produz e, ao mesmo tempo decorre de, uma estrutura legal que responde à necessidade de mitigar o conflito de interesses partindo do pressuposto que são convergentes e tendem à cooperação, desde que cada indivíduo seja livre para dar o melhor de si, inclusive como autor criador. Ao mesmo tempo, a estrutura legal visa atingir certos fins econômicos, usando como conjunto de justificativas o homem moderno racional e a necessidade de assegurar sua realização completa como ser humano portador de um conjunto de direitos.

Assim, são criadas as organizações coletivas com a finalidade de gerir conjuntamente os interesses idênticos e convergentes de uma série de pessoas que se encontra na mesma situação. Criadores conscientes de sua própria liberdade e em luta para construir um mercado através da institucionalização de um conjunto de direitos que o autor tem sobre sua obra.

Essas organizações, ou sociedades de autores, fazem parte da construção da estrutura político-regulatória que sustenta a operação do mercado de trabalho do criador e atuam, por autoridade concedida pelo autor, como tradutoras, ou representantes, da vontade coletiva construída não pela soma das vontades individuais dos criadores dentro de uma ordem liberal, mas como expressão do resultado do inter-relacionamento entre todas as partes interessadas em produzir resultados econômicos a partir da livre atuação do mercado.

De lá até aqui, essas organizações se profissionalizaram e foram muito bem sucedidas na elaboração de uma compreensão convergente a respeito da necessidade de viabilizar sua livre operação na gestão de direitos de indivíduos que se encontram na mesma situação relativamente à proteção desses direitos.

Esse processo de profissionalização dos criadores, do qual o surgimento e desenvolvimento das sociedades de autores fazem parte, é acompanhado, assim como acompanha, o desenvolvimento tecnológico. As novas tecnologias têm potencial para produzir profundas mudanças na inter-relação entre as partes envolvidas na produção e o desenvolvimento do mercado e são elas mesmas, antes de tudo, resultantes do esforço intelectual visando à criação de algo que antes não existia e ao qual se pode determinar valor econômico, valor de troca que regula e viabiliza a inclusão no mercado, um mercado para os bens intelectuais, da arte e da indústria.

O contexto no qual a atividade dos criadores – profissionais da arte inseridos em uma indústria que vive da sua obra e que se desenvolveu com base na garantia fornecida pela estrutura político-regulatória e a atuação dos agentes investidos dos poderes decorrentes dessa estrutura – vive uma mudança profunda, determinada pela tecnologia digital e o ambiente por ela proporcionado. As obras artísticas são reproduzidas em arquivos digitais, armazenadas em bases de dados cuja localização geográfica é irrelevante, e podem circular globalmente, sem limite espacial ou restrição temporal. A transmissão de dados tem alcance global em tempo real, isto é, pode ser percebida em qualquer lugar, no momento da transmissão, e o lugar de origem do sinal transmitido não importa. Nesse ambiente, o que importa, mais do que tudo, é a informação e a possibilidade de fazer essa informação acompanhar a circulação das obras ou a transmissão dos dados contendo as obras artísticas.

As obras artísticas são compactadas e reproduzidas em dados e a informação à qual nos referimos, são os dados que identificam as obras, seus autores e titulares, tornando possível, dessa forma a manutenção de um relacionamento saudável e produtivo entre todas as partes envolvidas no mercado no qual convivem. Os dados a respeito das obras artísticas e a possibilidade de catalogá-los e compactá-los para que circulem na forma de metadados que acompanham as criações artísticas, elas mesmas reproduzidas na forma de dados armazenados em plataformas intangíveis são por si só um produto de grande valor. Condição sem a qual, o mercado cujo desenvolvimento foi relatado acima não pode produzir os resultados desejados por todas as partes envolvidas no seu funcionamento.

Assim, chegamos aos dias de hoje, ao momento de comemoração do aniversário da UBC. Na sua tarefa de tradutora da vontade coletiva dos envolvidos no mercado profissional da música – os compositores e autores, a indústria que vive da sua criação, incluindo-se aí os provedores de serviços digitais – a UBC se empenhou na luta pelas garantias à construção de uma estrutura político-regulatória que proporcionou a existência desse mercado. Agora, ao completar 70 anos, está preparada para produzir a informação necessária para o funcionamento do mercado que ajudou a construir e que passou a funcionar também em um ambiente sem limites espaciais e restrições temporais. Um ambiente que promove novas perguntas e dúvidas e no qual vale, mais do que tudo, a capacidade de usar a inteligência de negócio construída ao longo de sete décadas para produzir dados de qualidade, extrair deles informação – entendida como a transformação dos dados em produto que tem valor econômico em si mesmo – e com isso garantir a realização da vontade coletiva de seus integrantes e constituintes: a renovação dinâmica de um mercado de trabalho saudável, onde possam se realizar plenamente como criadores e sua obra possa circular e produzir os resultados desejados por todos.

Marisa Gandelman está na UBC, como diretora executiva, desde 2008, pouco tempo, se compararmos aos setenta anos da associação. Mas na verdade, Marisa esteve a vida inteira na UBC. Ela é uma das donas dessa história.



Música no ar!

Uma história exemplar



"Ambassadeurs: Artiste Bruant"
Toulouse-Lautrec, 1892.
Litografia em seis cores (cartaz),
141 x 98 cm, coleção privada.

Paul Herion, compositor, Victor Parisot, seu colaborador, e o autor Ernest Bourget, franceses do século XIX, resolveram, certo dia, jantar no Café Les Ambassadeurs, em Paris. O ambiente era típico de um estabelecimento do gênero na Belle Époque: salões amplos, espelhos em toda parte e uma pequena orquestra animando uma seleta freguesia. Brindaram com bons vinhos, pediram os melhores pratos e, ao final, recusaram-se a pagar a conta. Formada a confusão, afirmaram que nada deviam ao estabelecimento que também não lhes pagava o direito autoral devido por tocarem suas músicas. A discussão chegou a render atenção da imprensa da época, cujo veredito era francamente favorável ao dono do local.

"Le Café-concert des
Ambassadeurs"
Edgar Degas, 1876-77.



Fac-símile da Lei instituída
Pela Revolução Francesa
Acervo UBC



Toda Obra tem um autor

O episódio do Café francês, típico da Belle Époque, é um bom exemplo das dificuldades que o compositor enfrenta ao longo dos tempos para sobreviver com autonomia e respeito aos seus direitos. Pelos idos de 1840, os compositores que tinham as suas músicas tocadas no palco do Café Les Ambassadeurs não recebiam nada por isso. Ainda que a música ao vivo fosse um dos atrativos do lugar, os compositores que forneciam a matéria prima não ganhavam um tostão dos donos do estabelecimento. Boêmios famosos e talentosos como Edgar Degas e Toulouse Lautrec eram freqüentadores assíduos e eternizaram a exuberância festiva do Café em suas pinturas. O Teatro e Café Les Ambassadeurs, testemunha de um momento inigualável na cultura parisiense, continua no Champs-Élysées, só que agora como o centro cultural Pierre Cardin.

Alguns exemplos históricos confirmam a vida dura do compositor longe da proteção do Estado ou Tutor, em tempos passados. A filha de Richard Strauss não desfrutou da leveza das valsas do pai. Pelo contrário, passou por muitas dificuldades, enquanto a obra do genial compositor alemão rendia bons dividendos aos empresários que a comercializava. Mozart também penou para fazer o que queria e dar vazão a todo o seu talento musical longe das encomendas da Corte. Os autores que chegavam a receber algum tipo de compensação, como Shakespeare e Molière, deviam isso a bons relacionamentos e ainda assim eram valores simbólicos por serviços prestados. Se de um lado estavam os que lucravam com a exploração desse trabalho, do outro, artistas, músicos, literatos e cientistas ainda idealizavam a figura de Mecenas, Ministro do Imperador romano Otávio Augusto em 67 a.C., que protegia e patrocinava seus artistas, poetas e filósofos preferidos. Um incentivador da arte, mas com algumas restrições à liberdade criativa dos artistas.



"Cosimo de' Medici, o Velho"
Jacopo Pontormo, 1518-19.
Retrato de Cosimo de' Medici,
filho de Giovanni di Bicci di
Medici (1389-1464).

Os ideais humanistas que sacudiram a França em 1789 e tingiram para sempre de azul, vermelho e branco as palavras Liberdade, Igualdade e Fraternidade, atingiram também a categoria dos autores. É de lá que vem o primeiro documento que estabelece o princípio legal do direito do autor.

Um pouco antes, em 1777, o compositor e dramaturgo francês, Pierre Beaumarchais, propõe a alguns autores a fundação da primeira Sociedade de Autores Dramáticos e depois participa da luta pelo reconhecimento do direito de autor na Assembleia Constituinte de 1791. Daí nasce a primeira lei que tem como objeto de proteção os autores e seus direitos. Beaumarchais, mestre na arte de construir frases, declara que "A mais sagrada, a mais inatacável e a mais pessoal de todas as propriedades é a obra, fruto do pensamento do escritor". Vinte e dois autores formam, por iniciativa de Beaumarchais, o primeiro Bureau de legislação dramática e constroem a base da Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques, SADC.

O conceito da propriedade intelectual começa a ganhar forma e força, e faz do autor um profissional com direitos reservados e protegidos, como outros trabalhadores. Mas as dificuldades continuavam. Empresários e agentes, respaldados por forças conservadoras da própria sociedade, não conseguiam perceber o autor por trás de cada criação artística. Os autores se uniram e, em março de 1829, nasce da junção dos *bureaux* criados em 1791 e 1798, a primeira associação de autores para a gestão coletiva de seus direitos autorais. A diferença da SACD em relação às outras iniciativas era a gestão feita pelos próprios autores e não mais agentes e terceiros.

A Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques - SACD, criada para organizar e defender os interesses de escritores e teatrólogos, abrigava também compositores, mas só os que escreviam partituras para o teatro, como parte do Grande Direito. O conceito de A União faz a Força se espalhou e inspirou um grupo de compositores de canções ligeiras, músicas para bailados e esquetes, fantasias, cançonetas e variedades, a defender suas próprias questões.

Em 31 de Janeiro de 1851, nasceu a Société des Auteurs, Compositeurs et Éditeurs de Musique – SACEM, destinada à cobrança do chamado “direito não dramático”, ou o pequeno direito.

A gritaria foi grande! Donos de hotéis, cabarés, e cafés-concerto que utilizavam música em suas atividades não aceitavam a nova ordem. Os proprietários de teatros e salões de concerto, muito a contragosto, pagavam tributos à entidade teatral e não se conformavam de ainda ter que pagar pela execução musical. Mas era o que determinava a lei e ela deveria ser cumprida, o que nem sempre transcorria num mar de rosas.

A criação dessas associações, como era de se esperar, não garantiu o cumprimento das leis da noite para o dia. Os impedimentos eram muitos. O principal deles, e que persiste nos dias de hoje, era a dificuldade de fiscalizar estabelecimentos, em todo o país, que utilizavam música em sua programação. Estamos falando de uma época em que o rádio e o disco ainda não existiam. Além disso, as associações enfrentaram desafios como lidar com as habituais vaidades dos criadores, criar tabelas, estabelecer critérios para divisão de valores, tourear conflitos jurídicos e toda sorte de resistência dos contribuintes. Mas valeu a pena. Em dez anos de atividade, a SACEM, através de uma gestão competente e determinada em avançar na questão do direito autoral, conseguiu aumentar substancialmente o faturamento e implantar uma nova mentalidade no meio. Os associados agora trabalhavam conscientes de que deviam e mereciam ser respeitados.

No início do século XVIII, o direito autoral foi reformulado e deu origem ao *copyright* moderno. Desde 1557, a Inglaterra já tinha uma regulamentação para a imprensa e atribuía um privilégio de exclusividade perpétuo aos membros da corporação de ofício de gráfico e livreiro (Stationers' Company). O privilégio beneficiava os livreiros, não os autores.

PRIMEIRA CONQUISTA DE UM DIREITO AUTORAL ARTÍSTICO

*Em 1474 foi aprovada a primeira lei de patentes em Veneza.

Em 1486 foi concedida pela primeira vez a patente de um livro e, em 1567, Ticiano recebeu o primeiro direito autoral artístico.

Fonte: *Genealogia e Crítica do Direito Autoral: Colocando em questão o autor e as formas de fomento e proteção das criações intelectuais.*
Autor: Marco Antônio Alves.
Trabalho publicado nos Anais do XVII Congresso Nacional do CONPEDI, realizado em Brasília - DF, nos dias 20, 21 e 22 de novembro de 2008.*

Em 1709, o monopólio da corporação chega ao fim com o Estatuto da Rainha Ana. O documento é considerado o primeiro texto legislativo a organizar o tema: pôs fim à perpetuidade do privilégio de exclusividade de publicação das obras e eliminou a censura e o controle prévio. Além disso, fez do *copyright* um direito dos autores, não só dos editores.

Segundo o pensamento medieval, as ideias eram uma graça de Deus e não uma propriedade do autor.



A França e a Inglaterra tiveram grande influência no desenvolvimento do conceito de direito autoral por terem sido, nos séculos XVIII e XIX, os principais produtores e exportadores de bens culturais, sem contar outros processos políticos e sociais que viabilizaram o desenvolvimento do conceito do direito que o autor tem sobre sua criação.

A França, com seus ideais revolucionários e ousadia, apontou caminhos em busca do direito do autor e influenciou várias outras iniciativas em relação ao tema. Outros países aderiram à causa e cada um foi enriquecendo a discussão com suas considerações sobre as múltiplas facetas pelas quais a questão do direito autoral pode ser observada. ■

“La Liberté Guidant le Peuple” Eugène Delacroix, 1830.



*História
no
Brasil*



Chiquinha Gonzaga – compositora
1847-1935

Em 1917, Chiquinha Gonzaga, Viriato Correa e Raul Pederneiras fundam a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT, que tem como primeiro presidente o escritor João do Rio. O Teatro, na época, era considerado uma arte maior que a música.



Vista Rio antigo

José de Alencar – escritor
1829-1877

“A propriedade literária e artística é inviolável como a propriedade geral; goza das mesmas garantias e transmite-se hereditariamente, sem limitação de tempo e de nacionalidade. Esta lei garante a propriedade das obras publicadas em países estrangeiros, cujos governos assegurem a reciprocidade para as obras publicadas no Brasil”.



No Brasil, o clima era de assimilação dos costumes trazidos pela Corte Portuguesa, que chegara em 1808. O espírito europeu receptivo às iniciativas culturais e ao desenvolvimento das artes e das ciências se espalhava pela região. Em pouco mais de vinte anos de reinado o Rio de Janeiro já tinha uma Biblioteca Nacional, Escola de Belas Artes, Museu Nacional, o Teatro São Pedro e várias instituições de ensino superior, como a Escola Politécnica e a Escola de Medicina e, não podemos esquecer, o Banco do Brasil. E com toda essa eferescência, o direito do autor era uma questão que precisava ser trabalhada.

Em 1856, foram levados à Câmara dos Deputados dois projetos sobre a proteção à criação intelectual, nenhum deles foi aprovado. O legislativo só pensava nos problemas relacionados à Monarquia e às agitações abolicionistas. Logo depois aconteceria a Guerra do Paraguai (1864-1870).

O pioneiro na luta pelo direito de autor no Brasil foi o escritor, jornalista e teatrólogo, José de Alencar, autor de clássicos como “Iracema”, “Lucíola” e “Senhora”. Nascido no Ceará, mas radicado no Rio a maior parte da sua vida. Em 1875, ele apresenta uma plataforma à Câmara, com uma visão firme e objetiva sobre o direito autoral. O escritor formulou um texto onde demonstrava todo o seu interesse e conhecimento sobre o assunto. * “A propriedade literária e artística é inviolável como a propriedade geral; goza das mesmas garantias e transmite-se hereditariamente, sem limitação de tempo e de nacionalidade. Esta lei garante a propriedade das obras publicadas em países estrangeiros, cujos governos assegurem a reciprocidade para as obras publicadas no Brasil”. Não teve sucesso! José de Alencar foi alvo de chacotas na imprensa, acusado de individualista e mercenário. Em contraponto à visão do Imperador D. Pedro II, os deputados eram contra qualquer avanço em relação à questão do direito do autor.

*Impresso no Brasil – Dois séculos de livro no Brasil. Publicação da Biblioteca Nacional em parceria com a Editora UNESP – 2011.**

1942

AH! QUE SAUDADES DA AMÉLIA
ATAULFO ALVES
 Compositores: **Ataulfo Alves**
 e **Mário Lago**



PRAÇA ONZE
CASTRO BARBOSA E TRIO DE OURO
 Compositores: **Herivelto Martins**
 e **Grande Otelo**



O TIC TAC DO MEU CORAÇÃO
CARMEM MIRANDA
 Compositores: **Alcyrr Pires Vermelho**
 e **Walfrido Silva**

FEZ BOBAGEM
ARACY DE ALMEIDA
 Compositor: **Assis Valente**



O movimento atíça o meio artístico e a indústria de entretenimento. Empresários combatiam a associação alegando que o teatro era deficitário e que já investiam muito nos artistas. Paschoal Segreto, dono de várias companhias e casas de espetáculo, chegou a disponibilizar os seus livros contábeis para justificar as dificuldades do setor frente às novas demandas da SBAT. O empresário morreria pouco tempo depois deixando um patrimônio considerável.

Três anos depois da fundação, a SBAT é reconhecida pelo governo como entidade de utilidade pública. Os associados são representados pela Sociedade e o autor não precisa mais negociar diretamente com os empresários o pagamento dos direitos da obra.

Uma vitória para Chiquinha e os parceiros na luta pelos direitos do autor. O reconhecimento da associação traz um sopro renovador à classe e provoca o interesse de grupos que se mantinham afastados da causa. Em 1928, a SBAT apresenta ao Congresso nova proposta de regulamentação dos direitos dos autores que incluía a participação dos compositores populares. O redator do projeto aprovado pela Câmara foi o então deputado Getúlio Vargas. A SBAT prospera!

De forma geral, as associações foram fundadas com a colaboração de maestros, regentes e representantes das músicas erudita e popular. O cenário só mudaria com a chegada do rádio no Brasil, em 1922, em plena comemoração do centenário da Independência. Os primeiros programas ainda obedeciam à tendência mais erudita da produção artística nacional junto com algumas reportagens informativas. Os aparelhos eram caros e para poucos, e as estações eram financiadas por grupos de associados. Em 1931, com a liberação da publicidade, até então proibida por decreto, o primeiro veículo de comunicação de massa traria para os queridos ouvintes a voz das ruas e a música popular começa a ganhar espaço nas grades de programação. Foi uma revolução nas artes! Os programas de variedades com auditório atraíam gente de todas as partes, a dramaturgia ganha um novo impulso e as radionovelas se tornam sucesso de público. Os artistas populares viram ídolos de fãs devotas, incansáveis e ruidosas.

A praxe que se inicia nessa época e que perdura até hoje é o de assinatura de contrato de edição e cessão às editoras. Ou seja, naquele início a editora imprimia a partitura da obra, dava certa quantia ao cedente a título de “gratificação” e em troca ficava com todos os direitos e rendimentos da obra. Mas alguns nem isso tinham e vendiam suas criações por uma pechincha para atender às necessidades básicas de sobrevivência. A prática era um péssimo negócio para o compositor. Entre os inúmeros prejudicados está, por exemplo, Carlos Gomes, que vendeu sua obra-prima “O Guarani” por um preço irrisório, muito abaixo do que viria a render.

Mas foi uma mulher, Chiquinha Gonzaga, que abriu o século XX pedindo passagem de forma lírica e musical, “Ô abre alas, que eu quero passar, eu sou da lira não posso ficar...”, quem marcou a história do direito autoral no Brasil. Numa viagem ao exterior a compositora encontrou várias de suas obras editadas em Berlim sem o seu conhecimento ou autorização. Bem, se estavam na Alemanha, por que não estariam também na França, na Itália ou nos Estados Unidos? Chiquinha era uma mulher de atitude e voltando ao Brasil foi pedir explicações ao profissional que vendera as composições à editora alemã. Para quem já desafiara a sociedade escolhendo uma profissão sem reconhecimento e vivendo como queria e com quem queria, lutar pelas suas músicas era apenas mais um episódio no contexto de uma vida sob o signo da transgressão. O profissional que espalhou a obra da Chiquinha pelo mundo se chamava Fred Figner, um empreendedor que trouxe a indústria fonográfica para o Brasil em 1899. Ela gritou, enfrentou o empresário, e conseguiu o pagamento de 15 contos de réis, uma soma considerável na época, pela edição de sua obra no exterior. Ponto para a maestra!

Além de compositora, Chiquinha era autora teatral e desde muito cedo lutou para ser respeitada em suas múltiplas atividades artísticas. Acontecia de tudo: empresários alteravam cenas de suas peças, trocavam títulos, roubavam ideias para escrever novos roteiros, um cenário deplorável de desconsideração e aviltamento à artista e à mulher. Em 1916, foi inserido no Código Civil um capítulo sobre a propriedade literária, artística e científica garantindo aos autores a propriedade de suas obras. O exemplo das primeiras associações francesas permanecia firme, atual e emblemático: sem a união da classe, a justiça não daria conta. Em 1917, Chiquinha Gonzaga, Viriato Correa e Raul Pederneiras fundam a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT, que tem como primeiro presidente o escritor João do Rio. O Teatro, na época, era considerado uma arte maior que a música.



José Fortunato. Viagem dos Batutas a Paris. Revista A Maçã, 1922. O livro de ouro da MPB

1. Benedito Lacerda (ao centro, com a flauta) e seu conjunto regional, o melhor da época. A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras.
2. Os Batutas. A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras.



1. Braguinha - Caricatura de Lan Acervo UBC
2. Ary Barroso - Caricatura de Lan Acervo UBC
3. Oswaldo Santiago - Caricatura de Lan Acervo UBC
4. Ata de Fundação – Assinaturas dos presentes - 1942 Acervo UBC

Para acompanhar esse novo tempo e atender à demanda do veículo que distribuía conteúdo musical em quantidades surpreendentes, a SBAT criou, em 1928, o Departamento de Compositores e se organizou para apresentar a conta às emissoras. Foi uma confusão! As rádios fizeram greve e durante três dias o silêncio da programação só era quebrado por anúncios contra a decisão da SBAT. O texto ia direto ao ponto: “contra o rude golpe desferido por uma entidade mercenária que visa destruir as nobres iniciativas da radiofonia”. O governo intervém e aos poucos as programações voltam ao normal. Todo esse barulho era por quase nada, já que o valor cobrado pela Associação era muito baixo.

Ao contrário da atividade teatral, limitada aos teatros, a música popular não tinha limites para a sua propagação. Estava nos saraus, tertúlias, bailes, circo, praças, enfim, no ar, para quem quisesse ouvir. O controle para cobrança de direitos era muito difícil e a SBAT não tinha estrutura para executar o trabalho de maneira satisfatória. Além disso, ainda tinha como referência primordial o autor da obra dramática. A arrecadação crescia, mas de forma muito incipiente frente à realidade do mercado. O valor destinado ao autor pela execução da sua obra era pouco e mal dava para sobreviver. As queixas contra a administração da associação tornam-se mais frequentes e explodem em insatisfação coletiva. Em 1937, os compositores se unem para pedir explicações. A direção ignora a importância do fato e resolve a situação com a exclusão dos compositores insatisfeitos do quadro de associados. A SBAT ainda via a casa como uma representante dos autores teatrais. Ainda assim, o Departamento de Compositores continua em atividade.

Em 1938, os excluídos da SBAT e mais alguns que se desligaram voluntariamente se unem e fundam a Associação Brasileira de Compositores e Autores – ABCA. A SBAT tomou uma série de atitudes a fim de obrigar a nova associação a mudar seus estatutos, com o objetivo de enfraquecer a recém-criada entidade e de reconquistar os compositores com a oferta de bons adiantamentos pelas suas canções. Essa contra-ofensiva abalou a nova associação que, antes mesmo de conseguir uma estrutura mais firme, já sofria um esvaziamento no seu quadro de associados e até mesmo na sua proposta de funcionamento. Mas, aos trancos e barrancos, ia sobrevivendo. Em 1940, sob nova presidência, a SBAT decide rever as contas dos anos anteriores. Foi constatado um enorme desfalque no caixa com prejuízo para os associados. Um ponto a favor dos compositores que não desistiram da causa e de lutar pelos seus direitos.



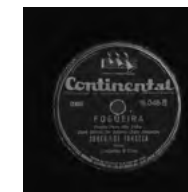
A União faz a força

A experiência do embate com a SBAT mostrou para os associados da ABCA que só unidos eles teriam condições de enfrentar a batalha pelos direitos autorais. Essa constatação foi o mote para nova tomada de posição da classe e se espalhou para os compositores que ainda estavam na SBAT.

O meio musical se agita e, dessa vez, para buscar um caminho mais claro e objetivo na luta pelos seus direitos. A ideia era criar uma organização para toda a classe, agregadora, bem preparada e representante do maior número possível de compositores. Ary Barroso, chefe do Departamento de Compositores da SBAT, João de Barro, o Braguinha, e Oswaldo Santiago da ABCA participam das discussões. Depois de muitos encontros e troca de ideias, chega-se a uma etapa marcante e simbólica do processo da garantia do direito autoral no Brasil – em 22 de junho de 1942, nasce a União Brasileira de Compositores, a UBC.

1943

A DAMA DE VERMELHO
FRANCISCO ALVES
Compositores: Pedro Caetano e Alcyr Pires Vermelho



APANHEI-TE, CAVAQUINHO
ADEMILDE FONSECA
Compositor: Ernesto Nazareth e Darci de Oliveira
Lançada como choro em 1930, pelo selo Odeon. Em 1943, ela ganha letra de Darci de Oliveira e é gravada por Ademilde Fonseca, a rainha do choro.

1944

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA
ATAULFO ALVES
Compositores: Ataulfo Alves e Mário Lago

A dupla de compositores emplaca mais um sucesso e lembra que telhado de vidro existe para todos.

FALSA BAIANA
CIRO MONTEIRO
Compositor: Geraldo Pereira
Em 1971, “Falsa Baiana” foi gravada por Gal Costa, baiana de verdade, no disco “Fa-Tal”.

EU BRINCO (COM PANDEIRO OU SEM PANDEIRO)
FRANCISCO ALVES
Compositores: Pedro Caetano e Claudionor José da Cruz

Chiquinha Gonzaga "Sultana", polca para piano. O livro de ouro da MPB – A história de nossa música popular de sua origem até hoje



Ary Barroso ao lado de outro grande compositor, Hervê Cordovil. Revista da música popular - FUNARTE



“Antigamente os próprios compositores cobravam os seus direitos de autor e quase sempre eram ameaçados de agressão e, em alguns casos, até de prisão.”

Mário Lago

Um breve intervalo na cronologia dos fatos

Marisa Gandelman e Sydney Limeira Sanches, respectivamente Diretora Executiva e Consultor Jurídico da União Brasileira de Compositores, têm suas histórias confundidas com a da associação.

ENTRARAM EM ACÔRDO

Os herdeiros do compositor Zéquinha de Abreu, que vinham demandando a firma editora Irmãos Vitale, a propósito dos direitos de propriedade da música “Tico-Tico no Fubá”, resolveram entrar em acôrdo com a referida firma.

Por êsse acôrdo ficou estabelecido que Irmãos Vitale custearão a construção de um mausoléu para o compositor e que sua família passará a participar dos direitos de execução que suas obras produzirem.

Foi, sem dúvida, um acertado passo, para o qual a U.B.C. concorreu desinteressadamente, alcançando um resultado honroso para ambas as partes.

Marisa passou a vida tocando piano até decidir seguir os passos do pai e se tornar advogada e doutora em relações internacionais. Foi criada entre acordes musicais e artigos sobre direitos do autor. Seu pai, Henrique Gandelman, músico e compositor associado à UBC desde 1957, foi um dos mais renomados advogados de direito autoral do país. Seus irmãos, Lia e Leo tocam oboé e saxofone, respectivamente, e a mãe, Salomé, foi professora da Pró-Arte, uma Escola de Música do Rio de Janeiro que nos anos 70 e 80 foi responsável pela formação musical de dezenas de talentos que se destacaram na música popular brasileira. Foi decana do Centro de Artes da Uni-Rio onde, até hoje, dá aulas e orienta dissertações e teses.

Sydney Limeira Sanches é pós-graduado em políticas sociais e culturais pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, onde é professor na disciplina Propriedade Intelectual. Está na UBC desde 1993 e faz parte do Comitê jurídico da CISAC—Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores.

Sydney e Marisa, além de serem mestres e doutores no tema principal da UBC, direito do autor, conhecem a história da associação como poucos.

A história do direito autoral percorre um longo caminho até chegar aqui. Como se deu este processo?

M G – A criação dessa estrutura decorre de uma realidade iluminista, é resultado do processo histórico do Iluminismo. Quando você coloca essa história em contexto mais amplo, percebe que ela é eurocêntrica, contada de um ponto de vista europeu, porque ali foi o berço do Iluminismo. A Revolução Francesa é humanista, por isso, autores como Victor Hugo (1802-1885) são revolucionários, e é em prol da criação artística no sentido da maior manifestação da liberdade humana que este direito surge. É um discurso que faz parte da construção do próprio mercado de trabalho, da construção de um autor autônomo profissionalmente.

O músico não é mais um funcionário da corte

M G – Se você voltar muito mais para trás, você vai encontrar o autor-músico, que é funcionário da Corte, que atende aos interesses do Príncipe ou da nobreza. Ele tinha uma função social diferente do que passou a ter, quando se torna autônomo. Então, a construção dessa ideia, de um direito, tem importante função instrumental na criação de um mercado profissional onde o músico cria para se expressar e não depende mais do patrono.

Nasce um mercado

M G – Essa estrutura legal permitiu, então, o surgimento de uma nova realidade: o autor cria para um público que ele não sabe quem é. Ele cria nesse entendimento de que sua arte não tem finalidade, não é mais para agradar o monarca soberano, é o meio de expressão de um indivíduo livre. Esse processo está totalmente interligado com o movimento iluminista e tem profundas consequências sociais. Então, esta estrutura legal é muito importante, é fundamental para a sobrevivência dos autores. É preciso que eles tenham os instrumentos legais para garantir o seu sustento a partir de sua criação artística.

Imaterialidade da criação artística

M G – A obra artística não tem matéria. Ela existe desmaterializada. A música, por sua vez, é a forma de criação artística mais desmaterializada de todas, porque um desenho ou uma pintura precisam ter um suporte físico para o público apreciar. A música está no ar, toca na nossa lembrança, temos nosso ouvido interno. E essa imaterialidade, ou a ideia de um direito exclusivo sobre um bem imaterial, é de difícil compreensão para o senso comum, pois as pessoas têm uma noção muito simplificada da propriedade das coisas. Mas a turma do meu pai, Henrique Gandelman, da qual faz parte Oswaldo Santiago e Mário Lago, dentre outros, compreendia isso e tinha o compromisso de tentar organizar uma estrutura para fazer valer essa ideia de que você criou uma obra artística e por isso você tem um direito sobre ela que se equipara ao direito que as pessoas têm sobre as coisas materiais.

1945

MARIA BETÂNIA NELSON GONÇALVES
Compositor: Capiba



PEGUEI UM ITA NO NORTE DORIVAL CAYMMI
Compositor: Dorival Caymmi
Nesse mesmo ano, Caymmi grava o samba canção “Dora”, que já estava pronto desde 1941. “Dora”, a rainha do frevo e do maracatu, é uma homenagem do compositor baiano às festas do Recife.

1946



MENSAGEM ISaurinha Garcia
Compositores: Aldo Cabral e Cícero Nunes.
Nesse mesmo ano, ela gravou Edredon vermelho, de Herivelto Martins.

LOUCO ARACY DE ALMEIDA
Compositores: Henrique de Almeida e Wilson Batista



Alcyr Pires Vermelho, Roberto Martins, Lamartine Babo, Paulo Barbosa e Ataulfo Alves, em uma reunião na União Brasileira de Compositores. A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras.

Termo de abertura do livro da fundação da UBC - 1942
Acervo UBC

3º OFICIO
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
V. MIGUEL PEREIRA
OFICIAL
RAUL DOS SANTOS ROCHA
SUBSTITUTO
Rua Buenos Aires, 58 - Telef. 23-3050

Termo de abertura

Servirá este livro, contendo duzentas folhas numeradas de um a duzentos, para nele serem lançadas as atas das sessões da "União Brasileira de Compositores".

Rio de Janeiro, 22 de Junho
de 1942.

Oswaldo Santiaço
Presidente da sessão de
fundação.



Desenho de Nassara
Acervo UBC

Uso comercial da música

M G – Se você vai a um restaurante, o dono dele precisa ter a comida para servir, ninguém precisa de uma música para comer. Ninguém vai ao restaurante porque ali toca uma música. Procuramos um restaurante que tenha uma comida que nos agrade. Só que o dono quer colocar a música para tocar, então deve haver uma razão. Ele realmente não precisa da música, então por que ele usa a música? Porque aquilo ali está agregando valor ao seu serviço.

Música para comprar tudo

M G – Meu filho (o músico Alberto Continentino), diz que existe um tipo de música que ele chama de "música para comprar roupa": é aquela que vai dar todo aquele clima que tem a ver com aquele tipo de roupa, que a pessoa, ao vesti-la e se olhar no espelho, já se sente na festinha. E assim, também acontece no consultório ou no restaurante: a música diminui o incômodo no tratamento do dentista e melhora o ambiente no restaurante. Ela agrega valor.

Sobre a tecnologia

M G – Ao longo desses 70 anos, por ter sido a UBC sempre líder nessa atividade da gestão coletiva no Brasil, líder na atividade da gestão coletiva dos direitos autorais de execução pública de música e dos direitos dos compositores, ela foi também se aprimorando tecnologicamente, de forma a utilizar a tecnologia em defesa dos direitos de seus associados. E também, usar essas ferramentas tecnológicas, as ferramentas de comunicação, para mostrar aos compositores que o direito existe, a lei está lá, mas está na dela. A lei precisa ser aplicada, ela precisa ser chamada à vida. Essas ferramentas devem ser desenvolvidas e utilizadas justamente na viabilização do direito que a lei garante.

O compositor brasileiro já tem maturidade para lutar pelos seus direitos?

S L S – Bom, nós estamos falando de 70 anos de atividade, 70 anos dos compositores atuando. A UBC nada mais é do que o reflexo da vontade de um segmento da sociedade muito importante. É óbvio que se for comparar as décadas de luta, eu até acredito que a gente possa encontrar no passado alguns momentos mais ativos do que outros. Porque estamos falando de um processo que é da própria construção do direito. É aí que eu acho que entra o papel da UBC, que não tem 70 anos à toa. A sociedade foi o instrumento pelo qual os compositores conseguiram se organizar, postular e obter resultados concretos para retornos econômicos da sua obra.

M G – Agora, também é preciso dizer que muitos compositores não se dispõem a dar a sua contribuição. Uma coisa é você participar no sentido de cuidar do seu interesse. Mas aqueles que se dispõem a lutar por esse coletivo são muito poucos. Essa aqui é uma casa que é dirigida por compositores. Eles estão aqui dando uma direção, um Norte, no sentido político e institucional. Mas os que se dão, que têm generosidade para chegar e lutar por um interesse coletivo são poucos. Por isso é que a gestão coletiva é a única solução.



Marisa Gandelman. Foto Mariana Quintão



Sydney Sanches. Foto Mariana Quintão

S L S – Poucos se dispõem a se expor porque a exposição gera uma série de desconfortos até no exercício da própria profissão, do ofício de compositor, do ofício de cantar, o que seja. Associações de classe têm essa natureza, daqueles que têm um espírito público maior que os outros. Então se pegam histórias das diretorias e, nelas, estão muito mais presentes os compositores, letristas e os editores. O número de intérpretes ou de compositores-intérpretes é muito menor. Por quê? Porque as atividades são outras, o interesse é outro, a gente sabe. A importância da gestão coletiva para o compositor-letrista é muito maior, ela é sentida mais diretamente por ele, do que a do cantor-compositor. O cantor-compositor faz show, então ele consegue resolver. Enquanto ele estiver na vida ativa profissional, ele resolve seus problemas relacionados com a manutenção do cotidiano. O letrista consegue ter uma musculatura muito maior para a gestão da sociedade do que o cantor-compositor, não tenha dúvida disso. Historicamente, são eles que são os tocadores aqui do negócio.

Quando o compositor chega na UBC pela primeira vez, como ele é recebido?

M G – A gente tem um modelo aqui no Brasil, diferente do resto do mundo: são várias associações atuando na mesma atividade. Isso gera muita competição. E essa competição pode se transformar em uma coisa muito predatória, mas ela pode ter um lado muito positivo. O lado positivo é exatamente o uso que nós fazemos dessa operação do dia a dia. Fazemos uso da nossa criatividade, da nossa inteligência para oferecer serviços muito pessoais, personalizados.

As ferramentas da comunicação

M G – A única exigência para uma pessoa ser sócia da UBC, realmente, é que ela possa comprovar que compôs uma música. E essa comprovação se faz a partir de uma mera declaração que fale: "Essa música aqui é minha, fui eu que fiz." E aí, essa pessoa recebe uma série de informações quando vem aqui, sobre como deve manter seu relacionamento com a UBC, as coisas que precisa informar, etc. Existe uma orientação ao nosso corpo operacional no sentido de que as pessoas tenham disponibilidade para ouvir os problemas daqueles que vêm nos procurar e que estão em busca exatamente daquilo que a gente faz: garantir que, havendo execução das suas obras, ele receberá o pagamento devido pelos organismos de radiodifusão ou outros usuários de música.

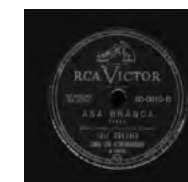
E a questão das novas mídias, como está sendo vista pela UBC?

S L S – Eu vejo, antes de tudo, como uma grande oportunidade. É a prova de que o direito se renova, que ele continua sendo um processo. O setor da música precisou amadurecer para entender como lidar com esse novo ambiente. Então, acho que o momento hoje é o momento das boas oportunidades. Acho que a década que se inicia vai ser a do retorno financeiro, enfim. O desespero da primeira década do segundo milênio tem tudo para se traduzir em retorno econômico agora. O terreno é fértil para negócios, mas também fértil para as discussões.

LINHA DO TEMPO



COPACABANA
DICK FARNEY
Compositores: Braguinha e Alberto Ribeiro
"Copacabana" teve mais de 80 gravações e se mantém irresistível até hoje.



ASA BRANCA
LUIZ GONZAGA
Compositores: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira



A SAUDADE MATA A GENTE
DICK FARNEY
Compositores: Braguinha e Antônio Almeida

ADEUS AMÉRICA
OS CARIOCAS
Compositores: Geraldo Jacques e Haroldo Barbosa



A MODA DA MULA PRETA
LUIZ GONZAGA
Compositor: Raul Torres



M G – Eu acho que essa transformação da UBC acompanha muito bem esta tendência, até pela nossa posição dentro do cenário mundial. Porque a UBC tem acordo com as organizações congêneres do mundo inteiro e participa de um grande grupo que é a Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores, a CISAC, que reúne duzentas e tantas associações de mais de 150 países, que trabalham com todo tipo de repertório. Foi criada exatamente para reunir todos os organismos, entidades, associações, que estavam espalhadas pelo mundo. E criou o que a gente chama, na teoria das relações internacionais, um regime internacional, que é como se você fizesse um clube, que as pessoas vão espontaneamente participar, porque elas têm interesse comum. Mas ao mesmo tempo, elas podem ter certos conflitos. Então elas se organizam e quem participa dessa organização, passa a ser acreditada. E essa credibilidade ajuda a fazer o seu negócio render mais. Ou seja, o interesse dos compositores pode ser garantido em todo mundo, porque as músicas não estão paradas aqui no Brasil, ultrapassam as fronteiras do país. Então, a UBC hoje participa ativamente, com papel de liderança dentro da Confederação Internacional, do desenvolvimento de formatos de intercâmbio de dados, construção de bases de dados globais, porque é a única solução para fazer o negócio florescer no ambiente digital, de alcance global.

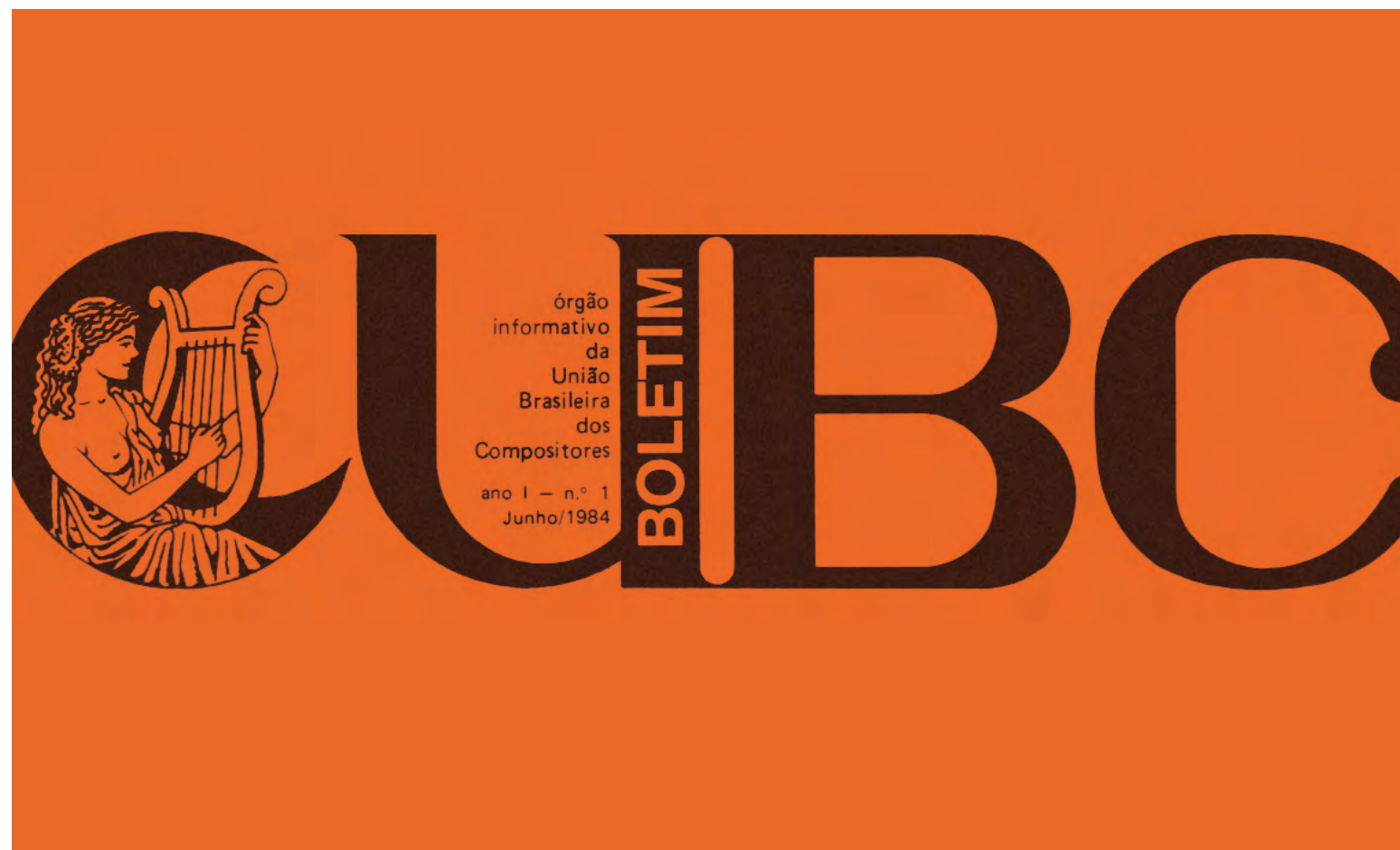
A importância da sociedade para os pequenos.

S L S – Agora, também tem coisas engraçadas e outras tristes. A UBC tem o seu lado assistencial. Tem o auxílio funeral, o auxílio viuvez, esse tipo de assistência. Isso tem um papel muito importante na entidade, nem todas oferecem esse tipo de coisa. A UBC nunca deixou de oferecer, está dentro do papel dela. Uma vez, recebendo um compositor, ou melhor, na verdade não era um compositor, mas sim uma viúva. Chegou a viúva com a sua filha, para receber, regularizar a situação, para começar a receber os direitos. Mas o rendimento era muito pequeno e aí ela fez uma ressalva de que se os proventos fossem maior do que dez reais, ela queria receber a parte dela. Isso é impressionante. Eu me emociono quando eu escuto isso, sempre. Porque é a prova da dificuldade que existe, há uma história de vida ali, que tem como única alternativa a sociedade. Nesses momentos você vê assim a importância da entidade, não é? Uma entidade como a UBC, de 70 anos, sofre isso muito mais do que qualquer outra, porque aqui a gente pode dizer que tem todos os velhinhos da UBC. Os velhinhos têm todas essas demandas, não é? Aqueles que foram importantes na construção da sociedade, ou seja, contribuíram em determinado momento, como acontece em qualquer sistema previdenciário, contribuíram para sobrevivência disso aqui, para ela poder ter um prédio, o que é um luxo.

Gravadoras x novos meios

M G – A gente tinha muito essa impressão, de que o grande executivo da gravadora era muito mais importante que o artista. Acho que as novas tecnologias e novos meios de difusão possibilitaram o crescimento do chamado independente, daquele artista que faz tudo. Ele cria, grava, produz. Sendo assim, a gente passa a ter esse papel de atender os compositores e dizer: “Tudo bem, a gente vai resolver o problema para você.” Agora, não é por causa disso que eu tenho que crescer mais do que ele, ou então supervalorizar o que eu faço.

S L S – Não mitificar demais também os novos meios, como se também fossem a única solução do mundo a partir de agora, na medida em que a gente continua convivendo com o problema da vida analógica, especialmente no Brasil. O Brasil é analógico, não é? Os meios analógicos são muito importantes e respondem hoje, na verdade, pela parcela mais expressiva da arrecadação dos direitos. Nós temos um problema sério ainda com a radiodifusão, ou seja, rádio e televisão continuam com grandes dificuldades de cobrança. Então, o problema não se dá simplesmente com os novos meios. Nos meios usuais, que estão aí, nós continuamos construindo, consolidando o direito. Portanto, o problema tecnológico convive com o problema analógico, que continua de difícil solução ainda, em um país tão grande como o nosso, enfim, onde o entendimento da lei, a internalização dela pela sociedade, ainda é um desafio e isso passa pelos grandes usuários de música.



1949

BALZAQUIANA
JORGE GOULART
 Compositores: Antonio Nássara e Wilson Batista



BRASILEIRINHO
WALDIR AZEVEDO
 Compositor: Waldir Azevedo

CHIQUITA BACANA
EMILINHA BORBA
 Compositores: Braquinha e Alberto Ribeiro

GENERAL DA BANDA
BLACKOUT
 Compositores: Sátiro de Melo, Tancredo Silva e José Alcides

NORMALISTA
NELSON GONÇALVES
 Compositores: David Nasser e Benedito Lacerda

1950

PARAÍBA
EMILINHA BORBA
 Compositores: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

E qual é a maior conquista da UBC em 70 anos?

M G – A maior conquista é existir como uma associação, com dignidade. Ter representação em vários estados, não só no Rio de Janeiro. Nós estamos no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco... Todos os escritórios que a gente ocupa são próprios, pertencem à associação. Um ativo que é dos compositores. Meus votos são para que os jovens compositores que estão começando agora, que eles tenham a capacidade de perceber a importância do trabalho desses compositores que estão aqui há tantos anos lutando ativamente, aqueles que são membros da diretoria hoje, que dedicam realmente grande parte de seu tempo para lutar. Então, que esses jovens compositores percebam isso, compreendam a importância e venham futuramente a ocupar essas cadeiras em torno dessa mesa aqui. Porque os que vieram anteriormente e lutaram, se transformaram realmente em uma coisa muito emblemática, que fez essa personalidade da UBC lutadora. Então, o que eu desejo é que surjam novos lutadores, batalhadores, que tenham a mesma disposição do que aqueles que povoaram ao longo desses setenta anos a vida dessa associação.

S L S – Eu desejo sete mil anos. Será que está bom? Quando me formei, não pensava em ser advogado do setor de direito autoral, foi um acaso na minha vida. A UBC me forjou como advogado autoralista. Então, eu desejo à UBC só agradecimentos. A UBC me formou advogado. O direito autoral hoje, se a UBC tem 70 anos de vida no Brasil, se confunde com os 70 anos de vida da sociedade. Consolidou-se como direito, se confundindo com a história da UBC. E nenhuma outra entidade dessa natureza tem essa mesma característica. Então, eu só tenho a agradecer, enfim, eu só desejo que a UBC continue assim... ■

Depois dessa viagem pela UBC, na visão de dois legítimos representantes da associação, voltamos ao mundo de 1942.



UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES
Fundada em 22 de Junho de 1942

Logo do Boletim Social UBC - 1943



Logo do Boletim Social UBC - 1955



Logo do Boletim Social UBC - 1965



Logo do Boletim Social UBC - 1984



Logo do Boletim Social UBC - 1985



Logo da UBC até 2011



Logo da Revista da UBC - 2009-2011



União Brasileira de Compositores

Logo da Revista da UBC - 2012



União Brasileira de Compositores

Novo logo da UBC - 2012



Luiz Gonzaga e
Humberto Teixeira
Acervo UBC

Asa Branca

**DE LUIZ GONZAGA
E HUMBERTO TEIXEIRA**

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

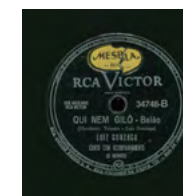
Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Longe longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Para eu voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chores não, viu

Que eu voltarei, viu
Meu coração



QUI NEM JILÓ
LUIZ GONZAGA
Compositores: Luiz Gonzaga
e Humberto Teixeira

BOIADEIRO
LUIZ GONZAGA
Compositores: Klecius Caldas
e Armando Cavalcanti

1951

CANÇÃO DE AMOR
ELIZETH CARDOSO
Compositores: Chocolate e Elano de Paula

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
GERALDO PEREIRA
Compositores: Geraldo Pereira
e Arnaldo Passos

1952

KALU
DALVA DE OLIVEIRA
Compositor: Humberto Teixeira



SASSARICANDO
VIRGINIA LANE
Compositores: Luís Antônio, Jota
Júnior, Oldemar Magalhães, Mario
Gusmão Antunes



A formação
da
UJBC

O Mundo de 1942 era convulsão, dor e perplexidade!



Nesta foto estão os artistas que participaram da primeira Caravana UBC para a divulgação da música brasileira no exterior: Guio de Moraes, Trio Yraquitã (Edinho, João e Gilvam), Sivuca, Abel Ferreira, Pernambuco do Pandeiro e Dimas Sedícias. Foto Uriel Tavares Acervo UBC

NO MUNDO

A Alemanha espalhava seus domínios pelo continente europeu e ganhava frentes de batalha na implantação do Nazismo.

Os países ocupados eram subordinados às ordens do Führer e aos desmandos da poderosa SS, a polícia política da Alemanha Hitlerista.

Um período de sombras, mas que, mesmo assim, por instinto de sobrevivência, para aplacar tanto sofrimento, ou para registrar o instante dramático - sabe-se lá que força estranha e poderosa é essa que faz o artista criar ainda que em péssimas condições - a produção cultural se reinventava em espetáculos, filmes, livros, músicas, de todas as maneiras.

Os Estados Unidos despejavam produções cinematográficas e promoviam apresentações ao vivo em diversos pontos das frentes aliadas.

Os estúdios Disney mergulhavam no mundo da fantasia e faziam da doçura do Bambi um contraponto para a dureza da guerra. Tudo era produto, tudo era comércio. A recém-formada indústria do entretenimento começava a dizer a que veio e, com a Europa tomada pela guerra, tinha que encontrar outros mercados. A América do Sul era um bom caminho.

Algumas produções americanas de 42 se tornariam antológicas, como se pode conferir na lista abaixo.

FILMES

O Cisne Negro: de Henry King, com Tyrone Power, Maureen O'Hara, George Sanders e Anthony Quinn. **Do Outro Lado do Pacífico:** de John Huston, com Humphrey Bogart. **Aquarela do Brasil:** animação de Walt Disney. **Bambi:** animação de Walt Disney. **Casablanca:** de Michael Curtiz, com Humphrey Bogart e Ingrid Bergman. **Fugitivos do Inferno:** de Raoul Walsh, com Errol Flynn e Ronald Reagan. **Até que a Morte nos Separe:** de William A. Wellman, com Joel McCrea e Barbara Stanwick. **Duas Semanas de Prazer:** de Mark Sandrich, com Bing Crosby e Fred Astaire. **Soberba:** de Orson Welles, com Anne Baxter e Joseph Cotten. **Fogo Sagrado:** de George Cukor, com Spencer Tracy e Katharine Hepburn. **A Incrível Susana:** de Billy Wilder, com Ginger Rogers e Ray Milland. **Satã Jantou Lá em Casa:** de William Keighley, com Betty Davis e Ann Sheridan. **Era uma Lua de Mel:** de Leo McCarey, com Cary Grant e Ginger Rogers. **Ídolo, Amante e Herói:** de Sam Wood, com Gary Cooper e Teresa Wright. **Vendaval de Paixões:** de Cecil B. DeMille, com John Wayne e Paulette Goddard. **A Sedução do Marrocos:** de David Butler, com Bob Hope, Bing Crosby e Dorothy Lamour. **Tarzan Contra o Mundo:** de Richard Thorpe, com Johnny Weissmuller e Maureen O'Sullivan

Enquanto isso, Rita Hayworth era sinônimo de graça, elegância e beleza de escandalosa perfeição, segundo os críticos mais entusiasmados. Em 1946, a atriz faria Gilda, filme dirigido por Charles Vidor e produzido por Virginia Van Upp. Com roteiro de Marion Parsonnet e Jo Eisinger, baseado em história de E.A. Ellington. Um filme em preto e branco que mostrou que um par de luvas, quando bem usado, tem poder avassalador de sedução. Numa cena inesquecível a provocante Gilda se livra, com muita malícia, das luvas longas, negras e macias. Gilda, a mulher inesquecível!

Os artistas mais famosos e que apareciam com mais frequência nas publicações eram: Rita Hayworth, Raul Roulien, Deanna Durbin, Claudette Colbert, Betty Davis, Paulette Goddard, Tyrone Power, Loretta Young, Rosalind Russell, Linda Darnell, Dorothy Lamour, Lana Turner, Joan Carrol, Jane Russel, Barbara Stanwyck, George Brent, Joan Crawford, Herbert Marshall, Alice Faye, Henry Fonda, Fred Astaire, Bonita Granville, John Payne, Cary Grant, Gary Cooper, Ingrid Bergman, Mickey Rooney e Judy Garland.

NO BRASIL

A semana de arte moderna e a semana da criação da UBC De fevereiro de 1922 a junho de 1942.

Os acontecimentos de fevereiro de 1922 na capital paulista foram determinantes para a cultura brasileira do século XX. Um inquieto grupo de artistas, músicos e escritores derrubou preconceitos e valores estabelecidos e criou, com muito estardalhaço, o movimento conhecido como a Semana de 22, uma reviravolta na Arte Moderna e no próprio conceito de brasilidade: Tupi or not Tupi. Um ser ou não ser tupiniquim, com certo orgulho da mestiçagem.

Presidente da Ascap, sociedade de autores americana, Mr. Deems Taylor assinando o contrato de representação com o delegado da UBC nos Estados Unidos, Mr. Wallace Downey - 1945
Acervo UBC

144
Com representação da ASCAP, Wallace Downey assinou contratos com a ASCAP, representante de Deems Taylor
Mr. J



BUENOS AIRES, 58 - TEL. 23-3050
V. MIGUEL PEREIRA
OFICIAL
RAUL DOS SANTOS ROCHA
SUBSTITUTO
Nº 98109 DO LIVRO Nº 8-4 DO PROTOCOLO
REGISTRADO SOB Nº 8905 DO LIVRO Nº 3-19
DE REGº INTEG. DE TITº E DOCUMº NESTA DATA

CARTORIO DO 3º OFICIO DO REGISTRO DE TIT. E DOC.
V. Miguel Pereira
OFICIAL
RAUL DOS SANTOS ROCHA
SUBSTITUTO
Fone 23-3050



Revista UBC
Edição comemorativa dos
43 anos da UBC - 1985
Acervo UBC

Quarente e três anos depois, outra semana, a de 22 de junho de 1942, marca uma grande virada na história do direito autoral no Brasil. Um grupo de músicos, mestres na poesia e melodia, autores, compositores e editores, cria a UBC, União Brasileira de Compositores, a maior representação da classe no Brasil. Se a Semana de Arte Moderna queria discutir os valores da sociedade vigente, tidos como ultrapassados e bolorentos, a UBC queria avançar na questão do direito do autor e fazer da arte de compor canções um trabalho digno, respeitável e rentável.

Em 1922, temos nomes luminosos como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Menotti Del Picchia, Di Cavalcanti, Heitor Villa-Lobos e outros famosos na produção cultural da época. Em 1942, o time de talentos não fica atrás: Ary Barroso, Braguinha, Ataulfo Alves, Mário Lago, Radamés Gnattali, o mesmo Heitor Villa-Lobos, um modernista com passagem nas duas semanas, e outros bambas da música brasileira que estão à frente do movimento pelo direito do autor.

A primeira diretoria foi composta por: **Ary Barroso - Presidente, Alberto Ribeiro - Vice-Presidente, Oswaldo Santiago - Tesoureiro, Benedito Lacerda - Vice-Tesoureiro, Cristóvão de Alencar - Inspetor, Antônio Almeida - Vice-Inspetor, Erastóstenes Frazão - Secretário, David Nasser - Vice-Secretário, e como suplentes Haroldo Lobo, Saint-Clair Senna, Antônio Nássara e Braguinha.**

CACHAÇA
CARMEN COSTA E COLÉ
Compositores: Lúcio de Castro, Heber Lobato, Marinósio Filho e Mirabeau Pinheiro Filho



LATA D'ÁGUA NA CABEÇA
MARLENE
Compositores: Luís Antônio e Jota Júnior

1953

A FONTE SECOU
RAUL MORENO
Compositores: Monsueto Menezes, Raul Moreno e Marcléo

MULHER RENDEIRA
CASCATINHA E INHANA
Tema popular

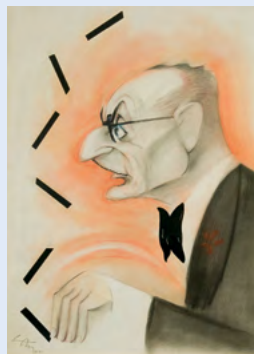
RISQUE
LINDA BATISTA
Compositor: Ary Barroso



VIDA DE BAILARINA
ÂNGELA MARIA
Compositores: Chocolate e Américo Seixas



Fotografia histórica do ato oficial de fundação da UBC, no auditório da ABI, com a presença do dr. Israel Souto, diretor do DIP, e do escritor Abadie Faria Rosa, diretor do SNT.



ARY BARROSO

(07/11/1903 - 09/02/1964)

Primeiro presidente da UBC e combativo defensor dos direitos autorais dos compositores do Brasil. Autor de sucessos como “Aquarela do Brasil”, “No Tabuleiro da Baiana” e muitas outras canções que compõem um acervo de mais de 200 composições. Briguento, temperamental e personalista, numa entrevista ao jornalista Walter Prestes, confirmou sua

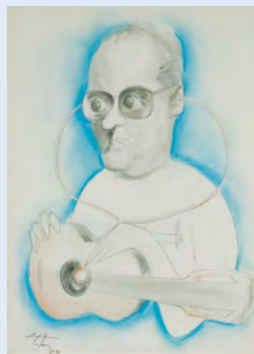
disposição para a luta pelos direitos do autor: “Vou bater-me pela criação de uma Associação Protetora dos Compositores. Os autores brasileiros não podem continuar ganhando 2 ou 3 tostões por pedaços que lhes arrancam da alma”. Advogado, radialista, apresentador de TV e locutor esportivo, além de boêmio e apaixonado por futebol, Ary Barroso era emoção pura durante as transmissões dos jogos. Perdia a linha quando o Flamengo, o time do coração, estava em campo. Compositor em tempo integral, Ary comemorava os gols tocando uma gaitinha.

Curiosidades: Conhecido como o locutor das multidões, Ary Barroso deixava a objetividade de lado na hora de narrar os jogos e torcia junto com o público, para a alegria dos ouvintes. Chegou a ceder sua gravata para improvisar uma tipóia para um jogador brasileiro machucado, na final entre Brasil e Argentina, em 1937, pelo campeonato sul-americano. No ano seguinte, proibido de entrar no estádio do Vasco da Gama, transmitiu um jogo do telhado com a ajuda de binóculos. A perda de uma aposta em um Fla x Flu, com o compositor Haroldo Barbosa, custou o bigode cultivado há 30 anos.

Irrequieto e criativo, Ary desclassificava os calouros do programa de auditório com o som de um gongo no programa “Calouros em Desfile”. No dia em que Elza Soares foi se apresentar, ao ver a moça magrinha, escondida dentro de um vestido maior que o tamanho dela, perguntou: “Mas de que planeta você veio?” A futura cantora de sucesso respondeu: “Do planeta fome, seu Ary”.¹⁾

1) Crédito. Depoimento sobre direitos autorais no Brasil-Ary Barroso.

13/04/1949-Revista do Globo. “Os chamados direitos autorais que recebemos - diz Ary Barroso - são ridículos em comparação com o que produz uma música na América. Basta que se diga: só da minha “Aquarela do Brasil”, já foram vendidos nos Estados Unidos, em discos e partes para piano, cerca de cinco milhões de exemplares! Toda a minha produção aqui no Brasil, desde que editei a primeira música ou gravei o primeiro disco, não atinge nem a décima parte daquele número! O compositor brasileiro só tem uma época mais ou menos compensadora, e cada vez mais minguada nos últimos tempos: o Carnaval. Seria o número se se cantasse um Fox num cordão ou um “swing” num “rancho”. Passa o período carnavalesco e a gente volta ao “miseré”.



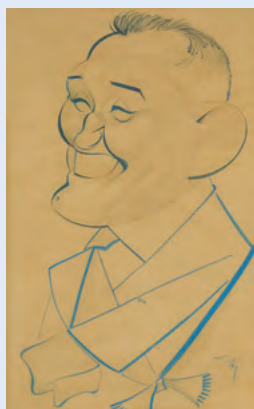
ALBERTO RIBEIRO

(27/08/1902 - 10/11/1971)

Médico, compositor, violonista e cantor. Destacou-se na luta pelos direitos dos compositores e pelo exercício da medicina humanitária e popular. Ribeiro foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Compositores e Autores (ABCA), que inspirou a criação da União Brasileira de Compositores (UBC), que presidiu durante 5 anos (1943 - 1947).

Curiosidades: Durante a ditadura de Vargas (1937-1945), foi perseguido por causa do caráter político e social de suas músicas, especialmente pelo disco “Aviso aos Navegantes”, que lhe rendeu algumas prisões.

Em 1950, a marcha “Touradas em Madrid”, composta em parceria com Braguinha, foi trilha sonora do jogo Brasil X Espanha. Cerca de 200 mil espectadores que lotavam o Mara-canã, entoaram “Eu fui às trouxas de Madrid e quase não volto mais aqui, para ver Peri, beijar Ceci, para tibus, bum, bum!” Uma homenagem à goleada da seleção brasileira na seleção espanhola – placar final: 6 a 1.



OSWALDO SANTIAGO

(25/05/1902 - 29/08/1976)

Poeta e letrista atuante na luta pelos direitos dos compositores. Autor dos livros: “Aquarela do Direito Autoral” (1946), “Três Acórdãos do Supremo” (1950) e “Proteção ao Direito do Autor no Brasil” (1956). Foi um dos fundadores da União Brasileira dos Compositores, onde começou como tesoureiro e da qual se tornou presidente em 1952.

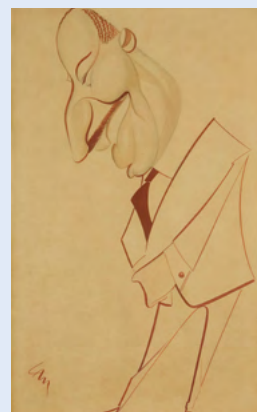
Curiosidades: Às vezes, usava o pseudônimo de Aldo Néri.

BENEDITO LACERDA

(14/03/1903 - 16/02/1958)

Flautista, regente e compositor. Ingressou na Polícia Militar em 1922, mas nunca abandonou a música. Parceiro de Herivelto Martins e Pixinguinha, entre outros. Participou de programas de rádio, teatro, cinema e circo. Ajudou a fundar a UBC, em 1942, mas mudou-se para a SBACEM cinco anos depois, onde foi presidente em 1948 e reeleito em 1951. Lacerda foi um dos primeiros a acreditar que um artista poderia viver só de sua arte.

Curiosidades: A parceria de Benedito Lacerda e Pixinguinha, que rendeu composições como: “Ingênuo”, “Naquele Tempo”, “Os Oito Batus”, “Sofres Porque Queres”, “Vou Vivendo”, dentre outras pérolas, foi promissora e permitiu que Benedito pagasse a hipoteca da casa.



CRISTÓVÃO DE ALENCAR

(08/01/1910 - 23/11/1983)

Seu nome verdadeiro era Armando Reis, mas também era conhecido como Amigo Velho, por causa da expressão que usava em um programa na Rádio Guanabara. Alencar era compositor, radialista e jornalista. Gostava de tratar os ouvintes com informalidade, em uma época em que a linguagem no rádio era formal e um pouco sisuda. Autor de sucessos como “Mal-me-quer”, uma parceria com Newton Teixeira, que explodiu no carnaval de 1940 na voz de Orlando Silva, o cantor das multidões. Cristóvão de Alencar foi um dos fundadores e depois presidente da União Brasileira de Compositores.

Curiosidades: Participou da organização do primeiro concurso de escolas de samba, em 1932.

ANTÔNIO ALMEIDA

(26/08/1911 - 10/12/1985)

Compositor e boêmio, que adorava gafeiras, ranchos e blocos de carnaval. Iniciou a carreira na Rádio Phillips do Rio de Janeiro em 1932. Criou sucessos interpretados por Emilinha Borba, Ataulfo Alves, Grande Otelo e Orlando Silva. Juntou-se aos sócios da União Brasileira de Compositores em 1947. Dois anos depois, tornou-se diretor da gravadora Todamérica, onde ficou por oito anos.

Curiosidades: A gravação do samba “Helena!... Helena!”, parceria com Constantino Silva, pelo grupo Anjos do Inferno, foi transmitida ao vivo dos estúdios da Columbia pelo radialista César de Alencar. Outro fato curioso: A marcha “A Mulata É a Tal” foi feita em homenagem à vencedora do concurso “A Mais Bela Mulata”, organizado por ele em 1946 na Rádio Mayrink Veiga.

ERASTÓSTENES FRAZÃO

(17/01/1901 - 17/04/1977)

Compositor, radialista e jornalista. Colaborou para os principais jornais do país como A Noite e Gazeta de Notícias e na revista D. Quixote. Sua primeira composição gravada foi a paródia “O Sem Trabalho”, em 1931. Marcou presença nas rádios Philips, Educadora e Guanabara. Ganhou vários prêmios como compositor. Participou da fundação da UBC, onde se tornou presidente em 1948. Quatro anos depois, representou a UBC na Conferência Sul-Americana do Direito Autoral, em Santiago, Chile.

ERASTÓSTENES FRAZÃO fala sobre Ary Barroso*

E, para mim, o traço essencial do Ary é a “blague”, a sátira, o humorismo espontâneo, no que é, para mim, incomparável. No meu modo de sentir, o Ary é um dos sujeitos mais engraçados do Brasil. Não posso conversar cinco minutos com ele sem dar, pelo menos, dez gargalhadas. É engraçado de todas as maneiras: falando, rindo, cantando e, principalmente, tocando piano. A meu ver, o Ary só perde a personalidade quando pretende falar sério. É que ele é, em primeiro lugar, de uma sinceridade de espantar, nessa época de fábulo hipocrisia. Ingênuo, idealista, não acredita, sinceramente, na maldade humana. Profundamente sensível, o Ary sentia cada maledicência a seu respeito como uma violenta punhalada e tal estado de espírito criou nele uma espécie de complexo ou mania de perseguição. E dizia constantemente:

“Não há ninguém que goste de mim...”

Crédito: www.arybarroso.com.br *

DAVID NASSER

Vice-secretário (01/01/1917 - 10/12/1980)

Letrista e jornalista com passagens pelos veículos O Jornal, O Cruzeiro e O Globo. Foi considerado um dos mais polêmicos jornalistas brasileiros e teve oito livros publicados. Como letrista, compôs sucessos como “Nega do Cabelo Duro” e teve como parceiros grandes nomes da música popular brasileira. Foi diretor da Sadembra, diretor da Coligação do Direito Autoral do Brasil, diretor e redator principal de “O Cruzeiro”, onde brilhava nas reportagens investigativas. Foi diretor executivo dos Diários Associados. Participou da UBC e do SDDA, Serviço de Defesa do Direito Autoral.

Curiosidades: Nasser era membro da UBC e do Serviço de Defesa do Direito Autoral (SDDA). Na UBC, desentendeu-se com o então tesoureiro, Oswaldo Santiago, por causa da publicação de um fac-símile de um bilhete interno, em que Nasser pedia um vale. Oswaldo processou Nasser, mas perdeu a causa. No julgamento, o advogado de Oswaldo, Manuel Cavalcanti, não se conteve e elogiou o adversário do cliente: “um dos jornalistas mais extraordinários do Brasil e autor de músicas populares das mais brilhantes”. Nasser teve outras brigas com personalidades do meio artístico, confirmando o temperamento forte e polêmico. Também chegou a ser acusado de inventar e deturpar notícias.

HAROLDO LOBO (22/07/1910 - 20/07/1965)

Um dos compositores mais expressivos de músicas carnavalescas, Haroldo Lobo, foi também vigilante. Autor de “O Retrato do Velho”, feita para exaltar o então candidato a presidência, Getúlio Vargas, depois do período do Estado Novo. Getúlio, que tinha uma boa relação com os artistas, não gostou da homenagem, porque não se considerava velho. Lobo criou marchinhas inesquecíveis como “Ala-la-ô”, “Índio Quer Apito”, que lhe renderam fama internacional.

Curiosidades: Haroldo Lobo adorava basquete e jogou pelo Botafogo e Flamengo, e foi tricampeão pelos dois times. Seu nome está na calçada da fama do Clube Flamengo. Outra paixão era a boemia carioca. Gostava de bares e da conversa com amigos, mas só bebia no carnaval. Fundou o bloco da bicharada, que concentrava no Carioca Esporte Clube, no Jardim Botânico. Haroldo aproveitava a ocasião para lançar as músicas que seriam tocadas no carnaval do ano seguinte.

SAINT-CLAIR SENNA

(20/05/1896 - 30/08/1986)

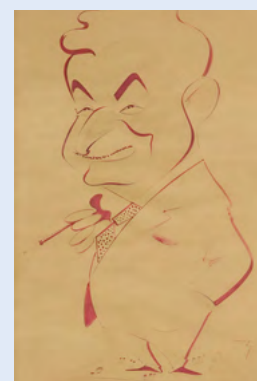
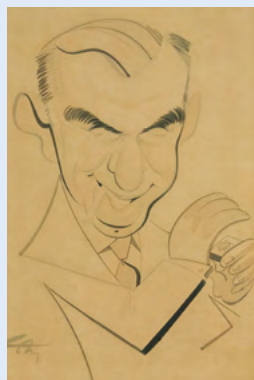
Um dos fundadores e conselheiros da União Brasileira de Compositores e sócio efetivo da SBAT. Saint-Clair, no começo da carreira, foi diretor social do Grajaú Tênis Clube, onde agitava eventos repletos de artistas consagrados. Em 1934, gravou a primeira música, o “Samba da Saudade”. Participou de concursos de música e teatro de revista.

ANTÔNIO NÁSSARA

(11/11/1910 - 11/12/1996)

Compositor, caricaturista e desenhista. Trabalhou em diversos jornais do Rio de Janeiro e, na música, ficou famoso por parodiar ou citar composições conhecidas em suas próprias canções. Nássara também foi autor do primeiro jingle do rádio brasileiro, o da Padaria Bragança. Participou da organização do primeiro concurso de escolas de samba.

Também é dele a autoria da expressão “mulher fatal”. Criou composições de sucesso, que o projetaram no exterior. Nássara compôs “Periquitinho Verde” e outros sucessos carnavalescos no período de 1930 a 1940.

**BRAGUINHA**

(29/03/1907 - 24/12/2006)

Também conhecido como João de Barro, Braguinha foi compositor, cantor, roteirista e produtor. Foi autor de sucessos como “Chiquita Bacana” e “Carinhoso”, com Pixinguinha. Tem um repertório de mais de 400 músicas. Dedicou-se

também ao cinema, dublando “Branca de Neve”, o primeiro desenho de longa metragem, feito por Walt Disney, entre outros. Recebeu vários prêmios e homenagens, como a medalha Pedro Ernesto. Foi enredo da Mangueira no tema “Yes, Nós Temos Braguinha” em 1984. Foi pioneiro na luta pelo direito autoral dos músicos e fundador da UBC.

Curiosidades: Braguinha era descrito pelos companheiros como um sujeito amável, carinhoso e que tratava muito bem e sem distinção todos que o cercavam. Botafoguense roxo e defensor da cidade do Rio de Janeiro. Admirava e aplaudia as leis criadas pelo então presidente, Getúlio Vargas, em benefício dos trabalhadores.

BRASIL DE 42

Em 1942, o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial. O país entristece, as famílias ficam aterrorizadas com a possibilidade da convocação de maridos, filhos, irmãos para os campos de batalha na Europa. (No período de 1937 a 1945 o Brasil viveu, além da guerra, o regime de exceção decretado pelo Presidente Vargas – O Estado Novo).



O racionamento de gasolina e energia elétrica impõe sacrifícios na vida de todos.

As manchetes dos jornais gritavam os horrores da Guerra. Mas a vida tinha que continuar.

A Rádio Nacional estreia o programa: “Um Milhão de Melodias” do radialista e compositor Haroldo Barbosa, um oferecimento da Coca-Cola, o refrigerante que virava febre no mundo inteiro. O sabor que satisfaz estava chegando para ocupar todo o território nacional.



Palácio Monroe, palco de discussão da política brasileira na primeira metade do século XX

ARTES CÊNICAS EM 42

- O Original Balé Russo abre temporada no Teatro Municipal.
- Começam os ensaios de “À Beira da Estrada”, com Ziemiensky.
- A Companhia Eva Tudor apresenta no Teatro Rival a peça “Chuvas de Verão”, de Luiz Iglésias.
- Aracy Cortes e Oscarito brilham na revista Você Já Foi à Bahia?, de Freire Junior.
- A Companhia Dulcina-Odilon excursiona pelo país com grandes peças da dramaturgia brasileira.
- Procópio Ferreira arrebatou o público com a interpretação de “O Burguês Fidalgo”, de Molière, no Teatro Serrador.
- Outras companhias que atuavam com pontualidade nas artes cênicas brasileiras: Beatriz Costa-Oscarito, Walter Pinto, Vicente Celestino - Gilda de Abreu, dentre outras.

MAS NEM SÓ DE RÁDIO VIVIA A CULTURA BRASILEIRA

Na literatura, o ensaísta, crítico literário e jornalista austríaco e brasileiro por devoção, Otto Maria Carpeaux, lançava “Cinzas do Purgatório”, seu primeiro livro de ensaios.



“Adeus às Armas”, de Hemingway, chegava às livrarias com tradução de Monteiro Lobato e “Caminhos Cruzados” de Érico Veríssimo era lançado no mercado dos Estados Unidos.

A Livraria José Olympio cria o Prêmio José de Alencar de literatura e publica o romance “Água Mãe”, de José Lins do Rego.

3º OFICIO
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
V. MIGUEL PEREIRA
OFICIAL
RAUL DOS SANTOS ROCHA
SUBSTITUTO
Rua Buenos Aires, 58 - Telef. 23-3050

39605

Ata de fundação

Aos vinte e dois dias do mes de junho de mil novecentos e quarenta e dois, a' sua da Assembléa, cento e quatio, sexto andar, sala seiscentos e três, nesta Capital, foi realizada uma assembléa a que compareceram os compositores musicais abaixo assinados, com o fim de fundar a União Brasileira de Compositores, aprovação de seus estatutos e eleição da sua primeira diretoria. A assembléa indicou para presidir os trabalhos o senhor Ovaldo Santiago que convidou, para fazerem parte da mesa, os senhores Erato Teves Frazão, como secretario, J. Correia da Silva, David Nasser e Benedito Raccuda. Aberta a sessão, foi dada a palavra ao secretario que efetuou a leitura dos seguintes estatutos, digo do seguinte projeto de estatutos:

II Estatutos da União Brasileira de Compositores (U. B. C.)
Capitulo I - Definição
Artigo 1º - Fica constituída, na capital da Republica do Estado Unidos do Brasil, onde terá sua sede legal,

Registro de Títulos e Documentos
n.º 141.09 Reg.
de 1942
DISTRIBUIDOR INTERINO DO II OFICÍO

Original da primeira ata da Associação Brasileira de Compositores do século XX. Acervo UBC.

JUNHA DO TEMPO

1954

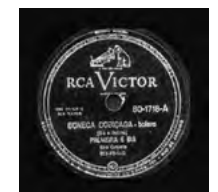


NEURASTÊNICO
BETINHO E SEU CONJUNTO
Compositores: Betinho, Felix Villa e Nazareno de Brito

MULATA ASSANHADA
Ataulfo Alves
Compositor: Ataulfo Alves

CONCEIÇÃO
Cauby Peixoto
Compositores: Dunga e Jair Amorim

1957



BONECA COBIÇADA
PALMEIRA E BIÁ
Compositores: Biá e Bolinha

1955



FOI A NOITE
SYLVIA TELLES
Compositores: Tom Jobim e Newton Mendonça



CHOVE LÁ FORA
TITO MADI COM RIBAMAR
Compositor: Tito Madi

HOJE QUEM PAGA SOU EU
NELSON GONÇALVES
Compositores: Herivelto Martins e David Nasser

POIS É
ATAULFO ALVES
Compositor: Ataulfo Alves

EVOCAÇÃO
BLOCO CARNAVALESCO BATUTAS DE SÃO JOSÉ
Compositor: Nelson Ferreira

1956



CAFÉ SOÇAITE
JORGE VEIGA
Compositor: Miguel Gustavo

VAI COM JEITO
EMILINHA BORBA
Compositor: Braguinha

...and others a drop in revenue, depending on the locations, type of town and availability of defense workers and servicemen and women. A survey of several of the larger operators shows that dancers at least had a last fling New Year's Eve, with record-breaking crowds at most of the spots.

Larry Geer reports that at both Fort Dodge and Storm Lake his ballrooms exceeded the business of the 1941 New Year's Eve. Tom Archer checked over his ballrooms at Des Moines, Sioux City, Sioux Falls, S. D.; Omaha and St. Joseph and reports New Year's Eve one-third better than a year ago. Other operators report similar increases.

Business since December 1 has not been so hot, however, for spots operating in small communities and away from larger towns where there are a large number of civilian defense workers and service people.

Carl Fox, president of the Midwest Ballroom Operators' Association, reports there has been a decrease in gate receipts since December 1 in places not having a draw from heavy populations. This drop ranged as much as 30 per cent. However, this has not been true, Fox claims, at St. Paul, where he operates the Prom.

Larry Geer, secretary of the association, also reports a 30 per cent drop, but his ballrooms do not have heavy population to draw from. Verl M. Sissel, at Oelwein, a city of 8,000, admits a 25 per cent drop, attributing some of this to the winter weather.

Archer, with ballrooms located in large centers of military activity such as Des Moines (12,000 WAACS), Sioux City (bomber base), Omaha and Sioux Falls, reports his circuit finished the year 25 per cent ahead of 1941, with no noticeable

...coming in January, most of the operators reported they have not booked any for one-nighters so far this year. They are booking territory bands for two, three and four nights a week.

Fox reports having trouble in getting good bands and states: "We are using more local bands than ever before and it looks as tho we will be using more and more of them as time goes on."

The opinion that the standard of music has dropped is voiced by Sissel, who believes it is due to raiding of territory bands by name leaders as well as loss of men thru the draft. Sissel also is of the opinion that ballrooms located in smaller communities will continue suffering heavily during the war.

UBC New Brazil License - Agency For U. S. Tunes

RIO DE JANEIRO, Jan. 9.—Performing rights for virtually all American music used thruout Brazil have been taken over by the Union of Brazilian Composers (União Brasileira de Compositores), which was formed last July by the amalgamation of Department of Composers of the Brazilian Society of Theater Authors (Departamento dos Compositores da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) and the Association of Brazilian Composers (Associação Brasileira Compositores).

UBC, with the approval of Dr. Israel Souto, government official who was instrumental in bringing opposing groups together, has taken over contract between ASCAP and ABC negotiated early in 1941 by Wallace Downey. Ralph B. Todd, South American representative for U. S. publishers, has canceled previous arrangements with SBAT and has signed with UBC. American repertoire remaining with SBAT is that controlled by Ralph S. Peer, SBAT representative in the United States. Two major Brazilian pubs, Irmaos Vitale and E. S. Mangione, have signed exclusive contracts with UBC.

UBC was formed by members of ABC, together with many of the top pop tune writers of SBAT. All SBAT composers did not resign to join UBC, however, and some who did have since returned to SBAT.

It is estimated that over 90 per cent of the popular music now being released is written by UBC composers. UBC's collection of performing fees, started four months ago, has increased about 600 per cent, exclusive of radio fees which have not yet been compiled. It is expected that the monthly revenue will jump much higher when UBC establishes collection agencies in all the Brazilian states. Present collection set-up covers four states, plus the Federal District, including Rio.

Music Corporation of America already has been able to slip Tommy Tucker, Shep Fields, Bob Chester, Bobby Sherwood, Jack Teagarden, McFarland Twins and others into a number of lucrative prom and club social dates. Ditto with Xavier Cubat, for whom several party bookings have been arranged.

Getting in for a share of the loot is General Amusement Corporation, with Will Osborne, Bobby Byrne, Gracie Barrio, Jerry Wald, Bob Allen and others set.

William Morris agency similarly has party-slotted a good hunk of its roster, including Vincent Lopez, who will pull out of the Hotel Taft here for the special engagements: Enoch Light, Hal McIntyre, Louis Armstrong and Cootie Williams.

Doraine Music on Block

NEW YORK, Jan. 9.—Peter Doraine is offering the Doraine Music catalog, including *My Little Cousin*, *So Nobody Cares*, etc., for sale. Asking price is \$7,500. If and when deal goes thru, Doraine will take a post with another music firm, still retaining an active interest in the Joe Marsala band.

3º aniversario da União Brasileira de Compositores. Acervo UBC

3.º ANIVERSARIO DA "U. B. C." O transcurso, a 22 de Junho passado, da data de nossa formação

A "UBC" completou, a 22 de Junho ultimo, o terceiro ano de sua existencia.

Não houve festividades de caracter solene, em comemoração á data magna da nossa Sociedade, mas sim a sessão especial determinada pelos Estatutos vigentes e realisada na intimidade dos seus membros.

A's 17 horas, com a presença de todos os diretores e grande numero de associados, o presidente Alberto Ribeiro declarou aberta a sessão, fazendo um pequeno discurso em que passou em revista os principais acontecimentos da vida da "UBC".

Disse S. S. que os tres anos da Sociedade, a exemplo do tempo de serviço dos que exercem missões relevantes, deveriam ser contados em dobro.

E a "UBC", que realmente começou a viver em 1939, quando a "Abca" entrara em atividade

de na defesa material dos direitos de seus socios, bem poderia dizer que estava completando o sexto aniversario.

Relembrou o presidente a ação invariavelmente dirigida em favor da classe dos compositores, detendo-se na apreciação de fatos que, adulterados ou mal interpretados na época de suas eclosões, haviam demonstrado, mais tarde o acerto e a pureza da orientação seguida.

O senhor Alberto Ribeiro terminou sua breve oração agradecendo a cooperação de todos os socios e colegas para a grandessa da "UBC".

Falou, a seguir, o senhor Cristovão de Alencar, inspetor-geral da Sociedade, que salientou a magnifica situação moral e material da "UBC", que não possuía compromissos de qualquer especie, quer em relação a direitos de nacionais ou estrangeiros, e que estava consolidan-

do o seu futuro com uma rapidez de exercito mecanizado.

O orador acrescentou que a presente sessão de aniversario deveria ser a ultima a realizar-se na sede atual, pois, em 1946, já a "UBC" deveria estar instalada em sua sede própria, no Edifício Rio Paraná, sendo suas palavras recebidas com demorados aplausos.

Usaram da palavra, ainda, os senhores Antonio Almeida e Oswaldo Santiago, titulares da Secretaria e da Tesouraria, os quais se reportaram aos serviços a seu cargo, demonstrando estarem todos eles em perfeita ordem e regularidade.

O senhor tesoureiro declarou esperar que a receita do 3.º exercicio financeiro, a encerrar-se no fim do corrente mês, atingirá a quantia de TRES MILHÕES E QUINHENTOS MIL CRUZEIROS.

(Segue na pág. 2)

o que evidencia a eficiencia do trabalho dos Bureaux de Cobrança, a cargo de representantes e agentes que procuram, dia a dia, aperfeiçoar o serviço.

Falou, por ultimo, o socio Ciro de Souza, que saudou a "UBC" em termos eloquentes, felicitando o transcurso, a 22 de Junho passado a Diretoria pelo exito com que vem conduzindo os destinos sociais.

A sessão encerrou-se ás 18,15 minutos, sendo oferecido um "cocktail" aos socios presentes, durante o qual varios oradores ergueram suas taças, brindando a Sociedade com alegres improvisos.

Pub also has score from 20th Century-Fox's *Hello Frisco, Hello*. Mack Gordon and Harry Warren authored.

Mayfair Music working on *I've Heard That Song Before*. Harry James's recording started it going.

Mars Music, new Chicago pub headed by Henry B. Moore, pushing *Joe-See-Fus Jones*.

Beacon Music's No. 1 tune is *Tuscaloosa* by Jeanne Blackwell and Irene Higginbotham.

Duke Ellington's contract with Robbins Music has expired, and he's free-lancing for the present. Tempo Music controls a number of originals recorded by Ellington, most of them done by his assistants, Billy Strayhorn and Mercer Ellington.

Songs and Such

THERE'S A RAY OF SUNSHINE by Abner Silver premiered by Kato Smith. Lincoln Music publishes.

Three Little Mosquitoes. In *Grandpa's Beard* and *They're Courtin'* in the Mountains by Lew Pollack bought by Columbia for forthcoming musical, *What's Buzzin', Cousin?*

The Letter Post marked "Free," *Helping Our Boys Across the Sea* and *Throw Your Little Scrap Into the Big Scrap* released by American Music. Bobby Gregory authored.

Savin' Myself for Bill by Vick Knight published by Chappell Music.

This Day released by Jewel Music. Penned by Jimmy Eaton, George Desinger and Frankie Carle.

You Rhyme With Everything That's Beautiful by Mickey Stoner and Bert Reinhold getting air plugs.

Be a Good Soldier penned by Irving Caesar, Al Koppell and Gerald Marks to

HENRY JEROME at New Pelham Heath Inn, Bronx, N. Y. JEROME'S engagement extended another month. . . . DAVE MUNRO current at Casa Manana, Albuquerque, N. M. . . . FREDDY NAGEL expecting a call from Uncle Sam any day now. . . . JIMMY JOY set for three weeks at Muehlebach Hotel, Kansas City, starting February 12, following current Cleveland (O.) Hotel stay. . . . TED LEWIS will follow January 23 week at Tower Theater, Kansas City, with a couple of weeks at Hi Hat Club, St. Louis, opening January 29. . . . ARMAND BUSSIERET into Elsmarck Tavern, Chicago, following EDITH LORAND. . . . EDDIE YOUNG, reported dickering for release from Fred-

er, opened January 4 Hotel, Toledo, set GAC's Cincy office. E broadcasting three Mutual network, from New York. . . . JOHNNY at Mayflower Hotel, N WILLIAMS opened Hotel, Tampa, Fla., weeks, following clagagement at Bathing, Ala. . . . JOHNNIE ath and Tennis Club, until April 1. . . . ritone and guitarist, HITE at Palm Beach

Whisperings who has been leading and for several years, and, Philadelphia, August. Will try to cash in mortgage. EDDIE SUEZ ia, backing and book- DON MARTIN making Inn, South Merchant- B McLISTER next in Bethlehem, Pa. . . . ew at the Erin Cafe, JAY ARNOLD set at Bethlehem, Pa. . . . ains for another year lens, Philadelphia. . . . ILL at Crescent Garden, N. J. . . . MICKEY other stay at Acker's Pa. . . . CHARLES ma Cafe, Turnerville, N. J. . . . RAY GATHRALL, continues at the Dansorium, Pennsauken (N. J.) dansant. . . . SAXIE SCHOLLENBERGER next in at Andy's Grille, Reading, Pa. . . . AL HOEFLINGER draws holdover at Gruber's Clementon Inn, Clementon, N. J. . . . PETER HEINERICH stays at Lehigh Valley Hotel, Bethlehem, Pa. . . . BILL GAMBLER gets call for the Green Terrace near Lebanon, Pa.

Pacific Palaver

MUZZY MARCELLINO, who recently closed 12 weeks at Florentine Gardens in Hollywood, opens January 14 at the Louisiana, Los Angeles. Marcellino takes over the bandstand formerly occupied by Les Hite. . . . PAUL MARTIN is current at Florentine. . . . SPIKE JONES and His City Slickers played for 7,000 airplane workers at Vega's plant in Burbank. . . . PAUL WHITEMAN is completing arrangements for a Gershwin Memorial Concert which he plans to conduct in San Francisco early this year. . . . THE WILDE TWINS, formerly with Bob Crosby and his orchestra, have been signed by MGM at a reported \$1,250 per week each.

WAR DEPT. BUILDING A SINGING ARMY

WASHINGTON, Jan. 9.—War Department has launched an all-out drive to organize a singing army. Song books and musical instruments have been distributed to troops, and song leaders are being spotted in different companies to build song groups. Ten-minute self-instructions are now being printed for simple instruments like the harmonica, ocarina and ukulele. Army bands, formerly used solely for parades and re-

1958



BALADA TRISTE ANGELA MARIA Compositores: Dalton Vogeler e Esdras Silva

CABECINHA NO OMBRO TRIO NAGÔ Compositor: Paulo Borges

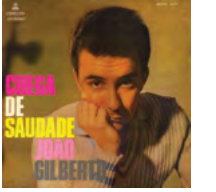


FANZOCA DE RADIO CAREQUINHA Compositor: Miguel Gustavo

1959



O SAMBA É BOM ASSIM JAMELÃO Compositores: Norival Reis e Hélio Nascimento



DESAFINADO JOÃO GILBERTO Compositores: Tom Jobim e Newton Mendonça



EU SEI QUE VOU TE AMAR ELZA LARANJEIRA Compositores: Tom Jobim e Vinicius de Moraes

1960



CORCOVADO JOÃO GILBERTO Compositor: Tom Jobim

O PATO JOÃO GILBERTO Compositores: Jayme Silva e Neuz Teixeira



SERENATA SUBURBANA DALVA DE ANDRADE Compositor: Capiba

Franklin Flashes! BUDDY FRANKLIN and his ORCHESTRA "The No. 1 Band of the Empire Room Parade" R. BRUCE CARTER, Mgr. RICE HOTEL, Houston, Texas.

Reconhecimento internacional da Fundação da UBC - Revista Billboard - 1943 Acervo UBC

LINHA DO TEMPO

1961

Outras associações são criadas, mas o prestígio da UBC não para de crescer entre os autores. Na década de 50, outra leva de nomes ilustres compõe a nova diretoria da casa. São eles: **Vicente Celestino, Dorival Caymmi, Humberto Teixeira, Luiz Gonzaga, Pedro Caetano e Jair Amorim**. A associação se espalha pelo país e se firma como líder na representação da classe. Até hoje a UBC tem a mais prestigiada lista de associados, representantes de várias tendências e gêneros da música brasileira.

INSENSATEZ
JOÃO GILBERTO
 Compositores: Tom Jobim e Vinicius de Moraes



NOSSOS MOMENTOS
AGOSTINHO DOS SANTOS
 Compositores: Luis Reis e Haroldo Barbosa

1962



NA CADÊNCIA DO SAMBA
ELIZETH CARDOSO
 Compositores: Ataulfo Alves, Matilde Chagas e Paulo Gesta



PALHAÇADA
MILTINHO
 Compositores: Luis Reis e Haroldo Barbosa

MESMA ROSA AMARELA
CONJUNTO FARROUPILHA
 Compositores: Capiba e Carlos Pena Filho

VOU TER UM TROÇO
JACKSON DO PANDEIRO E ALMIRA
 Compositores: Arnô Provenzano, Otolindo Lopes e Jackson do Pandeiro



O rádio, primeiro veículo de comunicação de massa, informa sobre as frentes de guerra e anima a população com uma grande variedade de programas musicais. Compositores e intérpretes eram cada vez mais solicitados e responsáveis pelo conteúdo artístico das grades de programação. Os intervalos eram comercializados e o rádio vira um grande negócio.

Nada mais justo que os donos das músicas também participassem dessa festa comercial.

Com uma proposta inovadora e firme no propósito de proteger o repertório dos associados e atenta aos mercados nacional e internacional, a UBC estabelece uma ponte definitiva com o exterior passando a fazer parte da CISAC, Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores. O documento de filiação da UBC à CISAC é assinado em 25 de março de 1946. Ao longo dos anos, o estatuto da CISAC, assim como o da UBC, sofre várias transformações para se adaptar às demandas da classe e atender ao desenvolvimento e evolução da produção musical e características do mercado. Atualmente a UBC integra o quadro diretivo da CISAC.

Congresso CISAC – 1946
 UBC – Oswaldo Santiago, Alberto Ribeiro (brasileiros), Francisco Canaro, Francisco Lomuto, Mario Benard (argentinos), Gonzalo Roig e Roberto Neto (cubanos), Deems Taylor, Gene Buck, Oscar Myers, Fred Ahlert e Stanley Adams (americanos).
 Acervo UBC

Melodias Suaves

CANÇÃO DO VAQUEIRO

TOADA —
de MARIA CLARA e EDEL NEY

Ei ei ei boi } Bis
Ei ei ei boi }

É o vaqueiro quando volta da [jornada] ☆
Sempre alegre não tem medo da [invernada] SAM

Reune o gado e toma o rumo }
Feliz cantando vai beijar a [da estrada] Bis
[namorada] }

Ei ei ei boi } Bis
Ei ei ei boi }

Acorda cêdo e vai tanjendo o seu [gado]
Sempre cantando traz alegre o [coração]

A noite vem e vem juntinho } Bis
Abraça a sua viola dedilhando [a namorada] }
[uma canção.] } Voc

LINHA DO TEMPO



Parada de Sucessos da U.B.C.

RELAÇÃO N.º 5

NACIONAIS

ESTRANGEIROS

- Miss Brasil
(Batista - Seixas - Castro)
- Lenço branco
(Martins - Amorim)
- Marcha da pipóca
(Bandeira - Carvalho)
- Água, não
(Silva - Seixas)
- Napoleão bôa bôca
(Provenzano - Lopes - Magalhães)
- Montanha Russa
(Roberti - Pires Vermelho - Marques Jr.)
- Can - Can
(João de Barro)
- Trá - lá - lá
(Martins - Monteiro)
- Contraste
(Perret - A. Roberto)
- Se a saudade me apertar
(A. Alves - J. Castro)
- A mulher do Anibal
(G. Macedo - N. de Paula)
- Chuí - chuí
(P. Sá Pereira)
- Beijinho doce
(Nhô Pai)
- Uma palavra
(J. M. Abreu - J. Amorim)
- Juazeiro
(Gonzaga - Teixeira)
- Lirios do campo
(A. Alves - Peterpan)



- Sinceridad
(Gaston Perez)
- Dançando com você
(Sidney Prozen)
- Again
(Newman - Cochran)
- Baião de Ana
(Vatro - Giordano)
- American in Paris
(Gershwin)
- Cocktails for two
(Johnston - Coslow)
- Dancing in the dark
(Schwartz - Dietz)
- Eailinho da Madeira
(Souza - Teixeira)
- Mouraria
(Freitas - Brito)
- Alice in Wonderland
(Addinsell)
- Good night, sweetheart
(Noble - Campbell)
- Al telefono con te
(Carlo Birio)
- Acurrucadita
(J. Brito)
- Final
(Paul Miraski - Ben Molar)
- Corazon a corazon
(Lambertucci - Lopes)
- Maria Dolores
(Garcia - Morcillo)

Parada de Sucesso - 1954
Acervo UBC

1963



GAROTA DE IPANEMA
PERY RIBEIRO
Compositores: Tom Jobim e Vinicius de Moraes

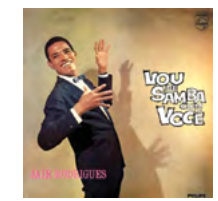


SAMBA DO AVIÃO
OS CARIOCAS
Compositor: Tom Jobim

TUDO DE MIM
ALTEMAR DUTRA
Compositores: Evaldo Gouveia e Jair Amorim

1964

CABELEIRA DO ZEZÉ
JORGE GOULART
Compositores: João Roberto Kelly e Roberto Faissal



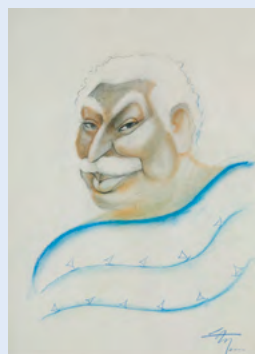
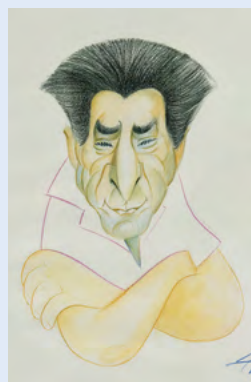
DEIXA ISSO PRA LÁ
JAIR RODRIGUES
Compositores: Alberto Paz e Edson Menezes

TELEFONE
OS CARIOCAS
Compositores: Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli

VICENTE CELESTINO (12/09/1894 - 23/08/1968)

Cantor, compositor e ator. Trabalhou como sapateiro e pedreiro, mas se encontrou no mundo das artes. Escreveu mais de 200 músicas e immortalizou o desvario da paixão na música “O Ébrio”. Dedicou-se à luta pelos direitos autorais dos compositores e foi diretor da UBC. Em 1965, recebeu o título de Cidadão Paulistano pela Câmara de Vereadores de São Paulo. Dois anos depois, recebeu do júri do Festival Internacional da Canção o diploma de “A Expressão Máxima da Canção”, na TV Globo.

Curiosidades: Caetano Veloso gravou “Coração Materno”, outro grande sucesso de Vicente Celestino, no disco Tropicália de 1968. “Coração Materno” e “O Ébrio” inspiraram Gilda de Abreu, mulher de Celestino, a desenvolver argumentos para a realização de dois filmes baseados nos temas, fortes e dilacerantes.

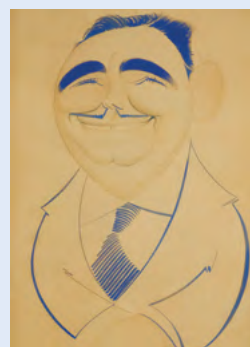


DORIVAL CAYMMI (30/04/1914 - 16/08/2008)

Filho de músicos, Caymmi teve a Bahia e todo o seu particular tempero como musa inspiradora. Imortalizou o vatapá, numa receita musical onde não falta nada, nem o

dengo do remelexo necessário ao ponto certo da massa. Autor de obras geniais como “O que é que a Baiana Tem”, “Saudade de Itapuã”, “João Valentão”, “Dora”, “Marina” e outras maravilhas da MPB. Era conhecido pela malemolência e uma preguiça cultivada com muito charme e zelo, durante a vida toda.

Curiosidades: Gostava de pintar nas horas vagas e chegou a vender quadros em exposições pelo Brasil afora. Outra paixão era o mar, mas não sabia nadar. Quando jovem, gostava de navegar com o compositor Carlos Guinle. “O mar quando quebra na praia é bonito, é bonito”.



HUMBERTO TEIXEIRA (05/01/1915 - 03/10/1979)

Conhecido como o “doutor do baião”, Humberto Teixeira foi advogado, compositor e deputado federal. Na música, formou uma dupla imbatível com o cantor Luiz Gonzaga, O Rei do Baião. A parceria acabou por causa da política. Teixeira teve um papel de relevância na divulgação da música popular brasileira no exterior com a Lei Humberto Teixeira. A lei foi um incentivo para que os artistas saíssem do país em caravanas para mostrar sua arte. Em 1971, tornou-se vice-diretor da UBC, marcando presença na luta pelos direitos autorais dos compositores.

Curiosidades: Gostava de dar nomes às suas casas, como a casa de Mangaratiba, por exemplo, que chamava de Ibacanhema (ybaca=céu + canhema=fugir = fugir pro céu = refúgio no céu). Era elogiado como compositor, mas tido como machista por algumas mulheres.

LUIZ GONZAGA (13/12/1912 - 02/08/1989)

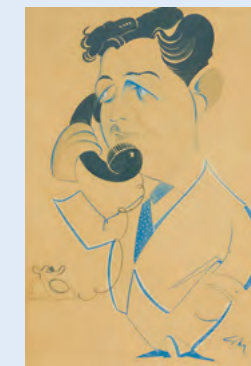
Eterno Rei do Baião, Gonzaga gostava de música desde menino, na cidade de Exu. Ele e sua sanfona percorreram o Brasil, contagiando o país com o estilo popular e dançante do baião. Começou com apresentações em locais simples, mas logo conquistou um público fiel e daí para as rádios, teatros de revista e gravadoras foi um pulo só. Teve como principal parceiro o compositor Humberto Teixeira. Foi membro da diretoria da União Brasileira de Compositores. Suas músicas foram as mais executadas nas festas juninas brasileiras em 2010, o que o levou ao topo de arrecadação naquele ano, segundo dados do Ecad. “Asa Branca”, um hino ao sertão, é conhecida internacionalmente. Ganhou uma interpretação primorosa de Caetano Veloso, nos tempos do exílio, em Londres. Um lamento cheio de saudade e tristeza. Gonzagão, como era conhecido, faria 100 anos em dezembro de 2012.

Curiosidades: Quando era bebê, uma cigana teria dito que ele seria “do mundo”. Já foi apelidado de Lua, por causa do seu rosto redondo. A música “Morte do Vaqueiro” foi feita em homenagem ao primo de Luiz Gonzaga, Raimundo Jacó, que era vaqueiro e foi assassinado em 1954. O Rei do baião era pai do compositor Gonzaguinha.

PEDRO CAETANO (01/02/1911 - 27/07/1992)

Autor de sucessos como “Eu Brinco” e “Sandália de Prata”, Pedro Caetano teve suas letras gravadas por nomes como Orlando Silva e Elis Regina. Foi membro da diretoria da União Brasileira de Compositores. Em 1974, recebeu o título de Cidadão da Guanabara ao completar 40 anos de carreira. Um ano depois, em setenta e cinco, o Estado da Guanabara, através de uma fusão, passa a se chamar Estado do Rio de Janeiro. Pedro Caetano é um dos destaques da fase conhecida como a época de ouro da música popular brasileira.

Curiosidades: Trabalhou em loja de sapatos durante a adolescência, mais tarde chegou a gerente e sócio. O sucesso foi tal, que o lugar passou a se chamar casa Pedro, atraindo artistas consagrados e pessoas de alto poder aquisitivo.



JAIR AMORIM (18/07/1915 - 15/10/1993)

Compositor, jornalista e locutor, Jair Amorim iniciou a carreira escrevendo para jornais. Logo depois seguiu para o rádio, onde desenvolveu o talento para compor canções inesquecíveis. “Cantinho” e “Você”, “Ponto Final” e “Alguém como Tu” são exemplos do talento do compositor. Amorim foi secretário e diretor da Associação Brasileira de Compositor. Junto com Evaldo Gouveia compôs uma coleção de músicas românticas eternizadas na interpretação de Altemar Dutra.

Curiosidades: Em 1969, a escola de samba Portela ganhou o carnaval do Rio de Janeiro com o samba-enredo “O Mundo Melhor de Pixinguinha”, composição de Jair Amorim, Euzébio do Nascimento e Evaldo Gouveia.

Mas a saga continua. A UBC expande suas atividades e, além de arrecadação e distribuição de direitos autorais, participa também de ações para divulgar a música brasileira. Através de um convênio com o Ministério da Educação e Cultura, a associação promove, entre 1957 e 1964, as Caravanas UBC. O propósito era levar a nossa melhor música para a Europa. O elenco é de primeira! Carimbaram passaporte para o continente europeu músicos do calibre de Humberto Teixeira, Sivuca, Trio Irakitan, Waldir Azevedo, Altamiro Carrilho, Radamés Gnatalli, Ataulfo Alves, Edu da Gaita, Abel Ferreira e muitos outros talentos.

O programa foi um sucesso! Mas aos poucos foi perdendo o fôlego até não fazer mais parte das prioridades do Ministério da Educação e Cultura. A ideia de levar caravanas para o exterior pode ser interpretada como inspiração para o Projeto Pixinguinha, que promove shows e apresentações em diversas regiões do país.

A proposta inicial, herança dos franceses, permanece como princípio básico. A União é o mote da UBC, no título e na alma da Associação.

1. Ministério da Educação e Cultura - MEC. Assinatura do Convênio com a UBC para difusão da música brasileira no exterior. Ministro Clóvis Salgado Filho, Paschoal Carlos Magno, Humberto Teixeira, Lamartine Babo, Cristóvão Alencar e João de Barro - Braguinha. Acervo UBC

2. Almoço com JK no Palácio das Laranjeiras, Braguinha, Ataulfo Alves, Cristóvão de Alencar, Louis Armstrong, Oswaldo Santiago, Lamartine Babo e Humberto Teixeira. Essa visita do músico americano foi parte das ações de divulgação da música brasileira no exterior e teve o objetivo de aproximar os ambientes musicais americano e brasileiro. Armstrong mostrou-se interessado em gravar composições brasileiras e levou partituras de Humberto Teixeira, Herivelto Martins, Pixinguinha, João de Barro, entre outros. Acervo UBC



A associação ampliava suas conquistas em favor dos titulares de direitos autorais junto aos tribunais do país. Nunca parou.

“Ao criar a sua obra, o autor cria, simultaneamente, “a sua propriedade” e, sem diminuir o patrimônio de ninguém, enriquece e engrandece a toda uma coletividade.”

Joracy Camargo



Atenta aos acontecimentos e ao surgimento de novas mídias, em 1984, a UBC começa o processo de informatização da sua estrutura administrativa. A associação faz um acordo com a sociedade SUISA, (Sociedade Cooperativa de Autores e Editores de Música, na Suíça) e dá um grande passo em relação ao reconhecimento internacional.

Em 2010, acontece outra grande conquista de parceria internacional, a UBC é eleita para integrar o quadro diretivo da CISAC formado por representantes de sociedades das várias regiões do mundo, bem como dos diversos repertórios.

*“UBC Brasil fará pela primeira vez parte do Conselho CISAC” **

CISAC, Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores é um das instituições mais respeitadas do mundo. Com sede em Paris, a CISAC tem como missão a defesa dos interesses dos criadores intelectuais em nível planetário.

Para Sydney Sanches, advogado da UBC, e apontado como membro do comitê jurídico e de legislação da CISAC durante o encontro do quadro diretivo na África do Sul, em 2011, a CISAC tem para o Direito Autoral a mesma importância da ONU para a política internacional, do COI para os esportes olímpicos e da FIFA para o futebol.

Atualmente, a CISAC congrega 229 associações de titulares de direitos autorais de 121 países, inclusive o Brasil. ■

www.cisac.org *

1965



CARCARÁ
MARIA BETHÂNIA
Compositores: João do Valle e José Cândido



O NEGUINHO E A SENHORITA
NOITE ILUSTRADA
Compositores: Noel Rosa de Oliveira e Abelardo Silva

SAMBA DE VERÃO
MARCOS VALLE
Compositores: Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle

1966



PROCISSÃO
GILBERTO GIL
Compositor: Gilberto Gil



A BANDA
NARA LEÃO
Compositor: Chico Buarque



Caravana UBC
Ataulfo Alves e
suas pastoras
Acervo UBC



Humberto Teixeira saudando o
Ministro Salgado Filho no ato
da assinatura do Convênio MEC
- UBC, Paschoal Carlos Magno,
Clóvis Salgado, Lamartine
Babo, Humberto Teixeira,
Oswaldo Santiago, Cícero
Nunes, Ataulpho Alves, Wilson
Falcão e Roberto Martins.



Roberto Martins – compositor
1909-1992
Acervo UBC

Beija-me

ROBERTO MARTINS E MÁRIO ROSSI

Beija-me!
Deixa o teu rosto
Coladinho ao meu

Beija-me!
Eu dou a vida
Pelo beijo teu

Beija-me!
Quero sentir o teu perfume

Beija-me com todo o teu amor
Se não eu morro de ciúme...



Ataulfo Alves e
suas pastoras
Acervo UBC

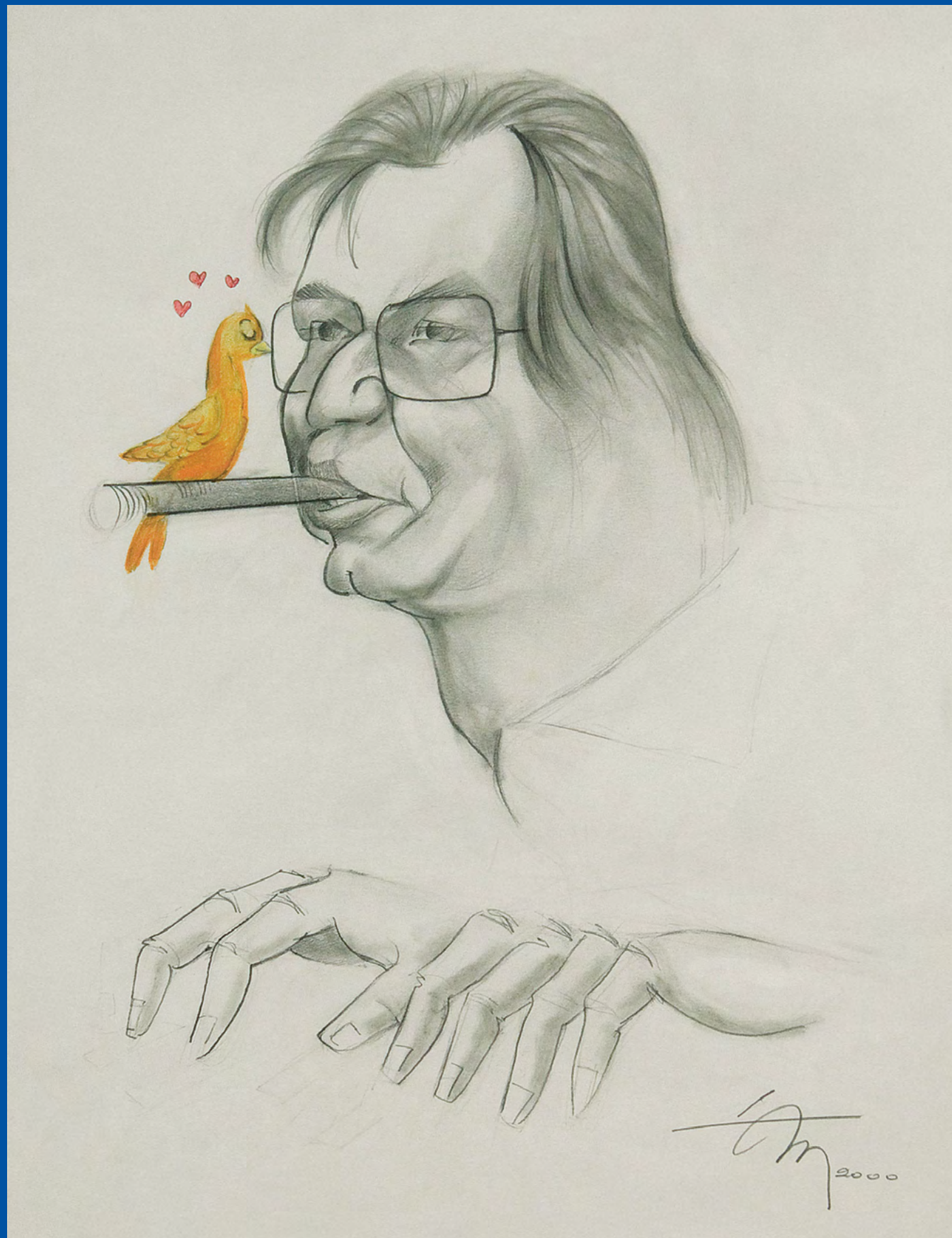


Bibi Ferreira
Acervo UBC



Dia do compositor

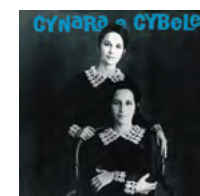
Newton Teixeira, Mário Rossi,
Herivelto Martins, Cristóvão Alencar,
Joracy Camargo e Dorival Caymmi
Acervo UBC



Antonio Carlos Jobim
Ilustração Lan
Acervo UBC

BRIGAS
ALTEMAR DUTRA
Compositores: Evaldo Gouveia
e Jair Amorim

1967



CAROLINA
CYNARA E CYBELE
Compositor: Chico Buarque



TRAVESSIA
MILTON NASCIMENTO
Compositores: Milton Nascimento
e Fernando Brant

DOMINGO NO PARQUE
GILBERTO GIL
Compositor: Gilberto Gil

1968



ANDANÇA
BETH CARVALHO E OS GOLDEN BOYS
Compositores: Danilo Caymmi, Edmundo
Souto e Paulinho Tapajós



VIOLA ENLUARADA
MARCOS VALLE E MILTON NASCIMENTO
Compositores: Marcos Valle
e Paulo Sergio Valle

RETRATO EM BRANCO E PRETO
QUARTETO EM CY
Compositores: Tom Jobim e Chico Buarque

1969



ANDO MEIO DESLIGADO
OS MUTANTES
Compositores: Arnaldo Baptista,
Rita Lee e Sérgio Dias



AQUELE ABRAÇO
GILBERTO GIL
Compositor: Gilberto Gil

CANTIGA POR LUCIANA
EVINHA
Compositores: Edmundo Souto
e Paulinho Tapajós



Sylvinha Telles, intérprete
1934-1966
Acervo UBC

A mesma rosa amarela

CAPIBA E CARLOS PENA FILHO

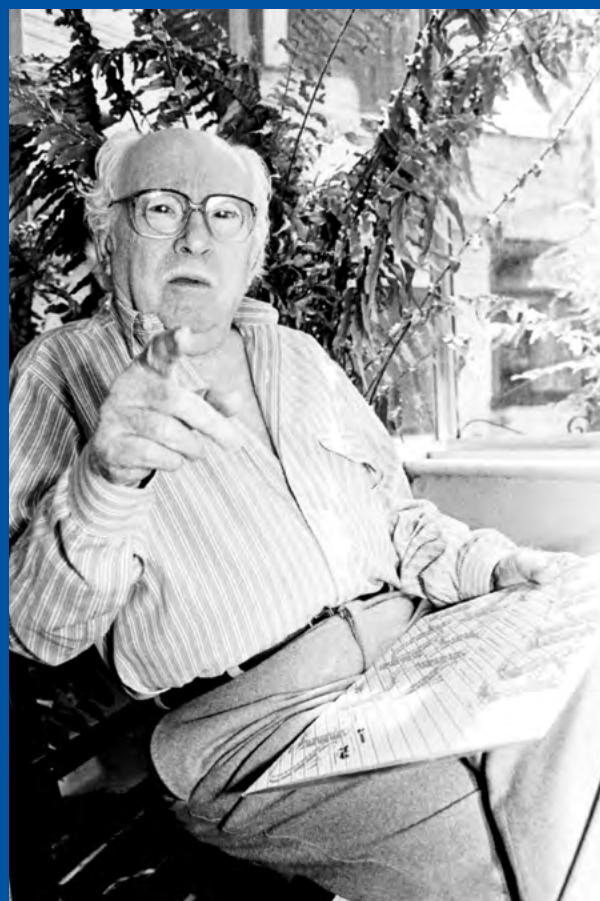
Você tem,
Quase tudo dela,
O mesmo perfume,
A mesma cor,
A mesma rosa amarela,
Só não tem o meu amor.

Mas nesses dias de carnaval,
Para mim você vai ser ela,
O mesmo perfume a mesma cor,
A mesma rosa amarela,
Mas não sei o que será,
Quando chegar a lembrança dela,
E de você apenas restar,
A mesma rosa amarela



Linda e Dirce Batista,
intérpretes
Arquivo Nacional

Capiba, compositor
pernambucano 1904-1997
Foto Rosane Bekierman
Acervo UBC



Guilherme de Brito, compositor carioca
Foto Rosane Bekierman
Acervo UBC

Haroldo Barbosa, compositor
Discoteca da Rádio Nacional-1945
Acervo Maria Carmem Barbosa



Paulo Tapajós, compositor
Foto Rosane Bekierman
Acervo UBC

ARTAZES DO Momento

De Fernando César
Gravação de Lana Bittencourt em disco
Colúmbia

Bata, se queres bater
Será prá mim um prazer
Ajoelhar-me no chão pedindo perdão
De um mal que não fiz
De você só quero isto
Que você saiba que existo
E o mal se vem de você
Me fará feliz
Xingue, maltrate eu sou sua
Pode jogar-me na rua
E coitadinho daquele
Que se intrometer
Eu vou dizer e repito
Você é meu infinito
Haja o que houver cantarei
Parabéns a você

MEU AMOR POR VOCE

Bolero
de Lourival Faissal e Edson Menezes
Gravação «Victora» de Cauby Peixoto

Só você
Vivo a chamar você
Você não vem.
Não me quer bem.

Só você
Só por amar você
É meu viver
Triste sofrer

Esquecer...
Alguém prá me ajudar
Diz mas não sabe;
Arrancar
Do meu peito esse amor
quando nele outro amor
já não cabe

Você
Só penso em você
Sofro essa dor
Po rse umaor.

(Cruzeiro Musical)



«PAREDES TEM OUIDOS»

Samba

Nazareno de Brito e Newton Ramalho
Gravação de Dorinha Freitas em sêlo
R G P

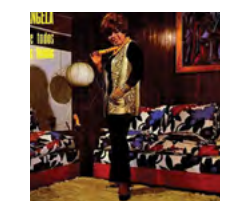


LINHA DO TEMPO

1970

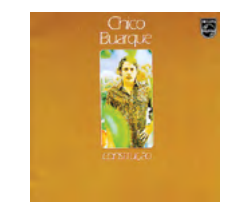
APESAR DE VOCÊ
CHICO BUARQUE
Compositor: Chico Buarque

AZUL DA COR DO MAR
TIM MAIA
Compositor: Tim Maia



GENTE HUMILDE
ÂNGELA MARIA
Compositores: Garoto, Vinícius
de Moraes e Chico Buarque

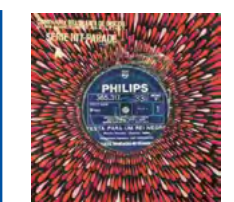
1971



CONSTRUÇÃO
CHICO BUARQUE
Compositor: Chico Buarque

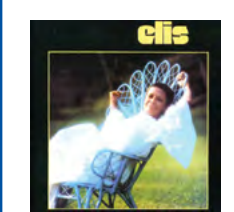


**DEBAIXO DOS CARACÓIS
DOS SEUS CABELOS**
ROBERTO CARLOS
Compositores: Roberto Carlos
e Erasmo Carlos



**FESTA PARA UM REI NEGRO
(PEGA NO GANZÊ)**
JAIR RODRIGUES
Compositor: Zuzuca

1972



ÁGUAS DE MARCO
ELIS REGINA
Compositor: Tom Jobim

ORAÇÃO DA MÃE MENINHA
DORIVAL CAYMMI
Compositor: Dorival Caymmi



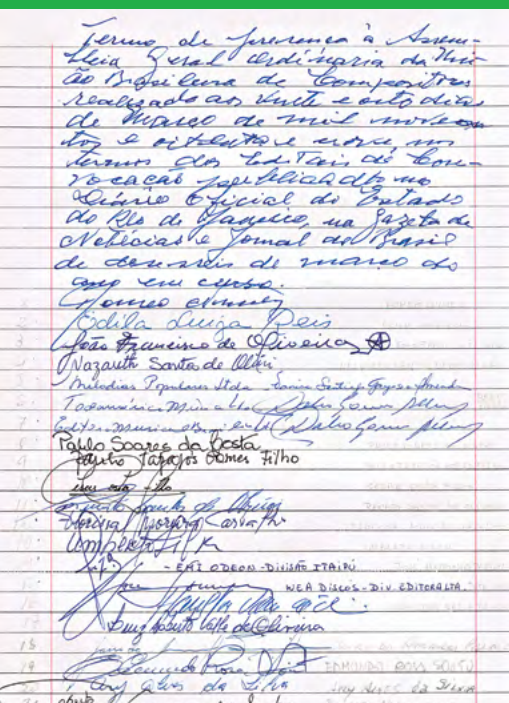
ACABOU CHORARE
NOVOS BAIANOS
Compositores: Moraes Moreira
e Luiz Galvão

fermo de presença à Assembleia Geral Ordinária da União Brasileira de Compositores realizada aos vinte e oito dias de março de mil novecentos e oitenta e nove nos termos dos estatutos de convocação publicada no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, na Gazeta de Notícias e Jornal do Brasil de diversos dias de março do ano em curso.

- 1. ~~Homero Cavalcanti~~ ROMEO NUNES
- 2. ~~Edila Luiza Peis~~ EDILA LUIZA PEIS
- 3. ~~João Francisco de Oliveira~~ JOÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA
- 4. ~~Nazareth Santos de Oliveira~~ NAZARETH SANTOS DE OLIVEIRA
- 5. ~~Melodias Populares Ltda - Danusa Santiago Goyse e Almeida~~
- 6. ~~Toscaninica Musical - Dalvo Gomes Filho~~ DALVO GOMES FILHO
- 7. ~~Edições Musicais Danúbio Ltda - Dalvo Gomes Filho~~
- 8. ~~Paulo Soares da Costa~~ PAULO SOARES DA COSTA
- 9. ~~Paulo Tapajós Gomes Filho~~ PAULO TAPAJÓS GOMES FILHO
- 10. ~~Cesar Costa Filho~~ CESAR COSTA FILHO
- 11. ~~Renato Santos de Oliveira~~ RENATO SANTOS DE OLIVEIRA
- 12. ~~Florencia Moreira Carvalho~~ FLORENCIA MOREIRA CARVALHO
- 13. ~~Umberto Silva~~ UMBERTO SILVA
- 14. ~~WEA Discos - Divisão Itaipú~~ JOSE ANTONIO PERDANI
- 15. ~~WEA Discos - Div. Editoral~~ JOSE LOURIVAL
- 16. ~~Hamilton Valle de Aguiar~~ HAMILTON VALLE DE AGUIAR
- 17. ~~Luiz Roberto Valle de Aguiar~~ LUÍZ ROBERTO VALLE DE AGUIAR

A Retomada

Linha do Tempo



Assembleia Geral - 28 de março de 1989 - Ata de reunião
Acervo UBC

A UBC já passou por turbulências, desassossegos e situações adversas, como é comum às grandes organizações. Mas a partir de 1989, a Associação se prepara para sacudir a poeira e dar a volta por cima. A tarefa de atualizar a UBC coube a um experiente executivo de uma multinacional, um profissional acostumado aos grandes desafios e demandas do mercado fonográfico. José Antonio Perdomo assume a presidência da União Brasileira de Compositores disposto a cumprir a missão de avançar com a questão do direito autoral no Brasil.

Ele divide o primeiro mandato, que vai de 1989 a 1990, com os seguintes parceiros: **Secretário Geral - Romeo Nunes, Tesoureiro - José Loureiro, Diretor de distribuição - Paulinho Tapajós, Diretora administrativa - Bidú Reis.**

Em 1990, é instituído o plano Collor e a cultura brasileira, junto com outros setores de produção, sofre um duro golpe. A situação obriga a UBC a tomar várias medidas contingenciais. Na ata da Assembleia Geral da associação de 22/03/1991, o tesoureiro, Sr. José Loureiro, lembra a todos que as novas diretrizes da equipe econômica do Governo Collor provocarão uma diminuição sensível nos ingressos provenientes de aplicações financeiras. Ele alerta para a necessidade de manter as despesas em níveis compatíveis com a realidade que se apresenta. Num esforço concentrado de cortes de custos administrativos e de pessoal, a UBC conseguiu, em meio à crise, uma economia de cerca de 30% nas despesas gerais.

Sr. José Loureiro, tesoureiro da UBC. Acervo UBC



NAQUELA MESA
ELIZETH CARDOSO
Compositor: Sergio Bittencourt

1973

FOLHAS SECAS
ELIS REGINA
Compositores: Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito



OURO DE TOLO
RAUL SEIXAS
Compositor: Raul Seixas

1974



CONTO DE AREIA
CLARA NUNES
Compositores: Romildo S. Bastos e Toninho



GITA
RAUL SEIXAS
Compositores: Raul Seixas e Paulo Coelho

Mudanças estruturais acontecem na UBC. Os compositores são convocados a se aproximar e participar com mais interesse pela associação e a acompanhar de perto a gestão de seus direitos. À frente desse processo está José Antonio Perdomo com um modelo eficaz de gestão compartilhada.

Como, quando e por que você se dispôs a participar na diretoria da UBC?



Foto Mariana Quintão

No final de 1987, início de 1988, na ABEM (Associação Brasileira de Editores de Música) os editores perceberam que havia chegado a hora de se ocupar e participar diretamente das atividades das sociedades de gestão coletiva. Naquele momento, todos estavam insatisfeitos e, por isso, acharam que a melhor solução seria participar da diretoria de uma das sociedades brasileiras em vez de ficar reclamando. Os editores procuraram as sociedades existentes, mas não foram bem recebidos e em algumas delas ficou bem claro que eles não poderiam ter voto na diretoria. Assim, resolveram criar uma sociedade dos editores. Um deles, muito conhecido, o Corisco do grupo Arlequim, indicou um advogado para fazer os estatutos. Enquanto isso, os diretores da UBC procuraram os editores e ofereceram a participação em uma chapa que concorria às eleições de 1988, para um período de dois anos, conforme determinavam os estatutos em vigor na época. Ofereceram duas vagas na chapa da situação, que acabou por ser eleita. Nessa primeira diretoria entramos eu e José Loureiro como representantes das editoras, junto com Paulinho Tapajós, Romeu Nunes e Bidú Reis. Aqui abro parênteses para falar sobre o meu amigo, o saudoso José Loureiro - "Todo o crescimento da UBC que observamos nos últimos 20 anos devemos à incansável dedicação do Loureiro". Voltando à história que eu contava, de acordo com os estatutos, os diretores vogais vinham da segunda chapa colocada nas eleições e participavam da diretoria. Assumimos a diretoria em 1989. A partir daí, vieram se filiar à UBC, de uma só vez, compositores importantes e conceituados, como Paulo Sérgio Valle, Cláudio Rabello, Dalton, Djavan, Abel Silva e também alguns em fase mais inicial de carreira como Paralamas do Sucesso e Legião Urbana. Em seguida vieram Fernando Brant, Ronaldo Bastos e outros que participavam até então, ativamente, de outra associação. As coisas começaram a mudar e a sociedade foi se profissionalizando. Da mesma forma, as coisas começaram a mudar no ECAD, especialmente no que diz respeito às regras de distribuição e os cuidados com a fiscalização e arrecadação.

Como era a estrutura de organização operacional e da diretoria quando você entrou?

Era bastante precária, com um certo ar de repartição pública. Tinha departamento de direitos nacionais e departamento de direitos internacionais, cada um com seu chefe. Ainda não tinha sistema informatizado, a sociedade funcionava meio expediente. O cadastro das obras era feito em fichas batidas à máquina. Mandávamos uma cópia de cada ficha para o ECAD. O ECAD tinha o processamento da informação e da distribuição feito fora, em empresa contratada. Até se livrar dessa empresa muita coisa aconteceu. Foi muito difícil denunciar o contrato e conseguir tornar o ECAD autônomo, com sistema próprio de distribuição dos valores arrecadados.

O que mudou nessa estrutura, tanto do ponto de vista operacional como da diretoria?

Como se deu esse processo?

A UBC atuava na Assembleia Geral do ECAD com 19% dos votos. Desde então, não parou de crescer e aumentar sua participação na distribuição do ECAD, bem como na representação das sociedades estrangeiras no Brasil. Desde o final da década de 1980 o aumento da arrecadação foi surpreendente. Até 1994, o ECAD arrecadava aproximadamente 20 milhões, distribuindo cerca de 16 milhões de autoral e conexo. Hoje a previsão é de 612 milhões e distribuição de 439 milhões. Com a vinda dos grandes autores e editores a UBC cresceu sem parar e foi aumentando sua voz na Assembleia Geral do ECAD e no mundo.

Como veio a se formar a atual diretoria, da qual fazem parte alguns autores que vem dividindo com você a responsabilidade de dirigir a UBC?

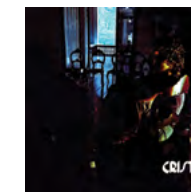
O Cláudio Rabello e Paulo Sérgio Valle foram os primeiros autores que vieram comigo e, junto com o Loureiro, se tornaram membros da Diretoria. Depois, Abel Silva e em seguida Fernando Brant. Ronaldo Bastos entrou por ocasião da mudança no estatuto que aumentou o prazo do mandato de cada diretoria eleita. Todos eram autores engajados na luta do direito autoral e com isso eu tive a oportunidade de formar um grupo. As pessoas não têm ideia da importância da participação desses autores para a gestão coletiva e o sucesso da arrecadação dos direitos que são de todos os autores.

Sua experiência como executivo de uma grande multinacional foi importante em relação à prática do direito autoral e o cotidiano com os profissionais contratados, compositores e intérpretes?

Sim, tudo isso ajudou muito e, especialmente, a ligação que eu sempre tive com os autores. Desde que entrei na editora da EMI, tive contato próximo com compositores, seja para fazer seus pagamentos, seja para conhecer suas histórias. Posso dizer que tenho 38 anos de convivência com compositores. Como executivo de editora de música convivi com as gravadoras e pude perceber que não davam importância aos direitos de execução pública. Com a queda nas vendas, as coisas mudaram. Hoje, as gravadoras têm muito interesse na execução pública e passaram a integrar a diretoria de associações.

Quais os principais entraves da atualidade em relação ao assunto, no Brasil e no mundo? A UBC está alinhada e preparada para enfrentar os problemas e dilemas apresentados pelas novas tecnologias? Por que e como?

No Brasil, podemos dizer que a Lei é boa, mas é claro que alterações são sempre bem-vindas, desde que sejam para a melhoria da vida dos autores. Nossas conquistas são muito significativas para serem colocadas em risco em nome de uma ou outra política que não conhece verdadeiramente o negócio da música de perto. No mundo, penso que a complexidade das questões relacionadas com a gestão coletiva pode ser, ao mesmo tempo, estímulo para nos desenvolvermos, ou entrave para quem não tem capacidade para acompanhar. A UBC vem se preparando e continua trabalhando para manter sua posição de liderança no Brasil e no mundo. ■



QUANTAS LÁGRIMAS
CRISTINA BUARQUE
Compositor: Manacéa

1975



MOÇA
WANDO
Compositor: Wando



MODINHA DE GABRIELA
GAL COSTA
Compositor: Dorival Caymmi



PONTA DE AREIA
MILTON NASCIMENTO
Compositores: Milton Nascimento e Fernando Brant

“Mas a felicidade do artista é uma felicidade guerreira, por isso não me arrependi jamais de ter aceito o convite de José Antonio.”



Abel Silva, compositor
Foto Mariana Quintão

O compositor Abel Silva, um dos convocados pelo José Antonio, presidente da UBC na época, revela, no texto abaixo, em homenagem ao amigo, a firmeza de propósitos de Perdomo e o pouco espaço que ele reserva para dúvidas sem fundamento.

José Antonio Perdomo

Foi a convite de José Antonio Perdomo que entrei para a Diretoria da União Brasileira de Compositores, a UBC. Por telefone e bem ao seu estilo, foi direto ao assunto: a UBC estava mergulhada numa grave crise e ele, chamado a intervir, estava formando um time com autores da pesada e me queria junto. Quis pular fora, jamais havia pensado em ser diretor de sociedade e mandei aquela frase do Groncho Marx: “não aceito participar de um clube que me aceita como sócio”, mas ele nem riu... A coisa era mesmo séria. Pedi uma semana para pensar, mas no dia seguinte já estava ele de novo: então, já pensou? Depois de longa conversa, aceitei. Na primeira reunião, já percebi que eu não sabia nada ou muito pouco da realidade de minha profissão. Constatei que a maioria absoluta dos compositores vivia bem longe do *glamour* que tanta gente imagina ser o seu habitat, vi que imperava no cerne de nossa indústria do entretenimento a cultura do não pagamento do direito autoral, da inadimplência crônica, coberta pela impunidade reinante. A partir daí, minha vida de artista ganhou a perspectiva da abrangência, uma visão bem mais ampla que a simples busca da qualidade da linguagem e da realização pessoal.

Entre de cabeça na luta do direito autoral que, após anos de debates e confrontos, teve finalmente sua lei aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, uma grande vitória do autor brasileiro.

Passamos, eu e meus companheiros de Diretoria por CPIs fajutas, processos cínicos, ameaças, difamações e injúrias, enfim essas coisinhas miúdas que sempre cercaram a vida do artista, mas que agora, com a internet, se transformam em tsunamis virtuais, *games* sádicos, vale-tudo violentos. Mas a felicidade do artista é uma felicidade guerreira, por isso não me arrependi jamais de ter aceito o convite de José Antonio. E em sua companhia nesta guerra, pude comprovar o que já sabia de anos de convivência profissional: a firmeza do seu caráter, sua lealdade e honestidade, a extraordinária capacidade de trabalho e o respeito imenso que ele devota ao compositor.

O preconceito absurdo com o qual tentam estigmatizá-lo pelo fato de ser ele um quadro egresso de uma multinacional! - como se isso fosse um crime - não o desanima nem o abate. Pelo contrário, esse Zé, filho de um feirante português, criado no Morro de São Carlos, no Estácio, um cidadão carioca-da-gema, sabe que combate o bom combate. E que se tornou parte importantíssima na história do direito autoral no Brasil.

Quem é do ramo reconhece.

Abel Silva

LINHA DO TEMPO



MINEIRA
JOÃO NOGUEIRA
Compositores: João Nogueira e Paulo César Pinheiro



COMO NOSSOS PAIS
ELIS REGINA
Compositor: Belchior



O QUE SERÁ
CHICO BUARQUE E MILTON NASCIMENTO
Compositor: Chico Buarque



FLOR DE LIS
DJAVAN
Compositor: Djavan

Beth Carvalho e os compositores Paulinho Tapajós, Niltinho Tristeza, Paulinho Soares
Foto Rosane Bekierman
Acervo UBC



Cor Van Dijk, holandês e representante da Polygram no Brasil, Erasmo Carlos e José Loureiro
Acervo UBC



José Loureiro, Alcione, Maria Bethânia e Heleno Alves de Oliveira (Polygram).
Acervo UBC



LINHA DO TEMPO

1977

COMEÇARIA TUDO OUTRA VEZ
MARIA BETHÂNIA
Compositor: Luiz Gonzaga Júnior

POMBO CORREIO
MORAES MOREIRA
Compositores: Dodô, Osmar e Moraes Moreira

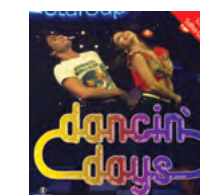
1978



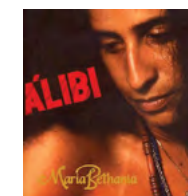
CÁLICE
CHICO BUARQUE E MILTON NASCIMENTO
Compositores: Chico Buarque e Gilberto Gil



MARIA, MARIA
MILTON NASCIMENTO
Compositores: Milton Nascimento e Fernando Brant

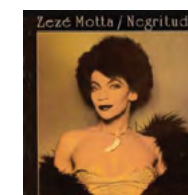


DANCIN' DAYS
AS FRENÉTICAS
Compositores: Nelson Motta e Rubens Queiroz

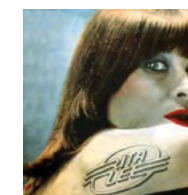


EXPLODE CORAÇÃO (NÃO DÁ MAIS PRA SEGURAR)
MARIA BETHÂNIA
Compositor: Luiz Gonzaga Júnior

1979



SENHORA LIBERDADE
ZEZÉ MOTTA
Compositores: Wilson Moreira e Nei Lopes



MANIA DE VOCÊ
RITA LEE
Compositores: Rita Lee e Roberto de Carvalho

1980



BYE BYE, BRASIL
CHICO BUARQUE
Compositores: Chico Buarque e Roberto Menescal



Luiz Caldas e Chico Ribeiro
Foto Rosane Bekierman
Acervo UBC



Paralamas do Sucesso
Foto M. Valladares
Acervo UBC



Prêmio UBC - Beth Carvalho
e Paulo Sergio Valle
Foto Rosane Bekierman
Acervo UBC

LINHA DO TEMPO



MEU BEM QUERER
DJAVAN
Compositor: Djavan



CANÇÃO DA AMÉRICA
MILTON NASCIMENTO
Compositores: Milton Nascimento
e Fernando Brant



LANÇA PERFUME
RITA LEE
Compositores: Rita Lee
e Roberto de Carvalho

1981

LUIZA
Antonio Carlos Jobim
Compositor: Antônio Carlos Jobim



PALCO
Gilberto Gil
Compositor: Gilberto Gil

1982



VOCÊ NÃO SOUBE ME AMAR
BLITZ
Compositores: Evandro Mesquita,
Ricardo Barreto, Zeca Mendigo e Guto



TROPICANA
ALCEU VALENÇA
Compositor: Alceu Valença e Vicente Barreto



**MUITO ESTRANHO
(CUIDA BEM DE MIM)**
DALTO
Compositores: Dalto e Cláudio Rabello

1983



MENINA VENENO
RITCHIE
Compositores: Ritchie e Bernardo Vilhena



Ronaldo Bastos - Diretor UBC

No início de 99, o estatuto da UBC é modificado e o mandato da diretoria, de dois anos, passa a ser de quatro anos.

Nesse mesmo ano, a UBC entra na rede, ganha sua página na *web*.

**Observação: A partir de 1999, a posse da diretoria acontece no dia seguinte da eleição e não mais em 1º de janeiro, como acontecia.*

José Antonio permanece na presidência da UBC até 2006. O período de 2006 a 2010 fica sob a responsabilidade do compositor mineiro Fernando Brant, parceiro antigo da associação e combatente incansável pelo direito do autor. O mandato é cumprido com a participação de um time de peso:

Manoel Nenzinho Pinto
Diretor da UBCRepresentantes da UBC
Abel Silva, Sydney Sanchez, José Antonio Perdomo,
Aloysio Reis, Marisa Gandelman, Fernando Brant e
Sandra de Sá

Período de 2006/2010

Presidente - Fernando Brant, Diretor Superintendente - José Antonio Perdomo, Diretor Secretário - Paulo Sérgio Valle; Diretor Administrativo Financeiro, José Loureiro; Diretor de Comunicação e Assistência Social, Ronaldo Bastos; Vogais, Abel Silva e Edmundo Souto

A atual estrutura da diretoria da UBC e que vai permanecer até 2014 é composta da seguinte maneira:

Presidente - Fernando Brant, Diretor Superintendente - José Antonio Perdomo, Diretor Secretário - Abel Silva, Diretor Administrativo Financeiro - Aloysio Reis, Diretor de Comunicação e Assistência Social - Ronaldo Bastos, Vogais - Manoel Nenzinho Pinto e Sandra de Sá.

Observação: Originalmente, na chapa apresentada na eleição, em março, constava o Sr. José Loureiro para o cargo de Diretor Administrativo Financeiro. Porém, com a morte repentina de Loureiro dias depois das eleições, ficou decidido na Assembleia de novembro de 2010, que o cargo seria ocupado por Aloysio Reis.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

A UBC é pioneira também em prestação de assistência social aos associados. Criou a caixa beneficente da União Brasileira de Compositores e agora presta serviço através de convênios com instituição particular. O atendimento é gratuito e aprovado pela Assembleia Geral.



CORAÇÃO DE ESTUDANTE
MILTON NASCIMENTO
Compositores: Milton Nascimento
e Wagner Tiso



BANHO DE CHEIRO
ELBA RAMALHO
Compositor: Carlos Fernando

1984



COMO EU QUERO
KID ABELHA & OS ABÓBORAS SELVAGENS
Compositores: Leoni e Paula Toller



ÓCULOS
PARALAMAS DO SUCESSO
Compositor: Herbert Vianna

UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES

Fundada em 22 de Junho de 1942

Rio de Janeiro, Outubro, 1943

Séde Social: RUA 7 DE SETEMBRO, 209 - 5.º Andar

Boletim Social N.º 1

GOVERNO DA U. B. C.

As modificações havidas na
Diretoria

Do período de sua fundação até o presente, várias alterações sofreu a Diretoria da "U.B.C.", em consequência de motivos diversos.

A primeira chapa ficou assim constituída:

Presidente — Ari Barroso
Vice — Alberto Ribeiro
Secretário — Eratostenes Frazão
Vice — David Nasser
Tesoureiro — Oswaldo Santiago
Vice — Benedito Lacerda
Inspetor — Cristovão de Alencar
Vice — Antonio Almeida

Atualmente, o governo da U.B.C. é exercido pelo seguinte quadro diretor:

Presidente — Alberto Ribeiro
Vice — Carlos Braga
Secretário — Saint Clair Senna
Vice — Lamartine Babo
Tesoureiro — Oswaldo Santiago
Vice — Benedito Lacerda
Inspetor — Cristovão de Alencar
Vice — Antonio Almeida

Suplentes — Herivelto Martins; Antonio Nássara; Mario Rossi e Vicente Celestino.

Além da Diretoria, que é um órgão político-administrativo, também exerce o controle social o Conselho Administrativo, composto pelos membros da Diretoria, pelos Suplentes e pelos Presidentes das Comissões Permanentes, na forma do Estatuto atual.

São os seguintes os restantes membros do Conselho:

Roberto Martins — Distribuição
Paulo Barbosa — Contas
Arlindo Marques Jor. — Eficiência
Dorival Caymmi — Previdência

E' justo salientar, de um modo especial, o trabalho desempenhado pelo presidente da Comissão de Distribuição, sr. Roberto Martins, a quem coube uma tarefa ingrata, mas que tem sido exercida de modo a merecer louvores gerais.

Dague os direitos

Primeiras Palavras

RARA E' A CRIANÇA QUE FALA ANTES DE COMPLETAR O PRIMEIRO ANO DE EXISTENCIA.

NÃO PRETENDENDO SER NENHUM PRODIGIO DE PRECOCIDADE, QUERENDO, AO CONTRÁRIO, INSCREVER-SE ENTRE AS QUE DEMORAM PARA EXPRESSAR-SE, AFIM DE O FAZER COM PROPRIEDADE, A "U.B.C." SO' AGORA RESOLVEU FAZER USO DA PALAVRA.

ESTE BOLETIM, O PRIMEIRO APÓS DEZESEIS MESES DE VIDA, SERA' AINDA UM POUCO TATIBITATE, NÃO TERA' A DESENVOLVIMENTO QUE SERIA DE DESEJAR.

A VERTIGINOSIDADE DA ÉPOCA, ALIAS, NÃO PERMITE QUE NINGUEM SE DETENHA A ANOTAR TODOS OS PORMENORES DA LUTA DIARIA.

NO CASO DA "U.B.C.", ENTÃO, NÃO FOI POSSIVEL O LUXO DE UMA CRONOLOGIA METICULOSA, TAL COMO A DOS ALBUNS DE BEBÊS, ONDE OS PAIS REGISTRAM A DATA DO PRIMEIRO BANHO E DO PRIMEIRO PIPI NAS CALÇAS DOS VISITANTES.

E ISTO FOI BOM, ATÉ CERTO PONTO.

PORQUE, COMO TODAS AS CRIANÇAS, O QUE A "U.B.C." NECESSITAVA NÃO ERA DE MIMOS E DE FESTAS, MAS SIM DE ASSISTENCIA E CUIDADOS, DE PREVISAO E VIGILANCIA CONSTANTE

EVITAR OS TOMBOS, AS IRREFLEXÕES, AS IMPRUDENCIAS, CERCA-LA COM O CARINHO DA EXPERIENCIA E DO BOM SENSO — EIS O QUE ERA IMPRESCINDIVEL E O QUE, DE FATO, NÃO LHE FALTOU NOS MOMENTOS PRECISOS.

DAI, A SAÚDE E A ALEGRIA QUE A "U.B.C." HOJE APARENTA.

ESTA' CLARO QUE UM ORGANISMO NOVO COMO O SEU AINDA PRECISA DO DESVELO DE SEUS RESPONSÁVEIS, MESMO PORQUE O MÃO OLHADO NÃO CESSA DE EMITIR SEUS FLUIDOS DELETÉRIOS.

NADA DISTO, POREM, DEVE CAUSAR RECEIOS.

A "U.B.C." POSSUE SANTOS FORTES, QUE ESTABELECE- RAM EM TORNO DELA UM VERDADEIRO CORDÃO DE ISOLAMENTO, INTRANSPONIVEL AOS MAL INTENCIONADOS QUE ATE' AGORA NÃO CONSEGUIRAM FAZER CHACARA EM SEUS DOMINIOS.

CONTINUANDO ASSIM, A VIDA LHE SERA' UM SORRISO.

E COMO TODA CRIANÇA VITAMINADA E SADIÁ, A "U.B.C." ATINGIRA' A ADOLESCÊNCIA DE ANIMO PREPARADO PARA AS LUTAS PORVINDOURAS, JA' QUE AS DA SUA PRIMEIRA INFANCIA DECORRERAM SOB OS AUSPÍCIOS DE UMA BÓA ESTRELA.

ESTAS PRIMEIRAS PALAVRAS, ENTRETANTO, SÃO UM SINAL DE QUE OUTRAS VIRÃO.

QUE ESSA BÓA ESTRELA CONTINÚE A BRILHAR, E' O QUE SE ESPERA E DESEJA.

DESEJA-SE E ESPERA-SE, TAMBEM, AGORA QUE A CRIANÇA JA' BALBUÇIOU AS PRIMEIRAS PALAVRAS, QUE FIQUE PROVA- DO, MAIS UMA VEZ, QUE O DIFÍCIL E' COMEÇAR.

A U.B.C. e a A.B.C.A.

Ainda existe a "A.B.C.A."?

E' esta a pergunta que muita gente faz, diante do fato da "U.B.C." ter passado a arrecadar os direitos dos associados e representados da primeira.

A dúvida, entretanto, nem chega a ter cabimento.

Seria o mesmo que indagar: — ainda existe o "Departamento de Compositores" da "S.B.A.T"?

Está claro que existe, que ninguém conseguiu acabar com ele, embora o D. C. fosse muito mais facil de ser destruido do que a "A.B.C.A.", entidade autonoma, reconhecida de utilidade pública pelo governo federal e representante, no Brasil, da maior organização do mundo, no gênero: a "AMERICAN SOCIETY OF COMPOSERS, AUTHORS AND PUBLISHERS" (ASCAP).

A posição da "A.B.C.A." é, portanto, perfeitamente definida.

Fiel aos compromissos assumidos por ocasião da fundação da U.B.C., ela lhe delegou e substabeleceu os poderes conferidos por seus sócios e pela "ASCAP" para que a "U.B.C." fosse a única sociedade arrecadadora de direitos de execução, em nosso país.

Os elementos vindos do "Departamento de Compositores" da SBAT não conseguiram, porem, apesar do apoio que obtiveram de autoridades bem intencionadas, extinguir o referido Departamento.

Não poudes, assim, a "ABCA" desaparecer da cena e conservou sua existência jurídica.

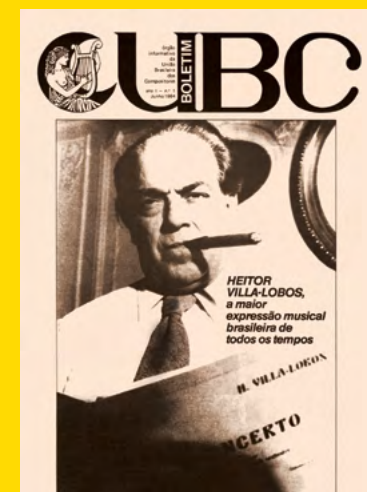
E ninguém foi mais beneficiada com isto do que a UBC, que se amparou, por completo, na organização e na experiência da "ABCA", para poder garantir o seu proprio desenvolvimento.

Sem a "ABCA", mesmo depois de fundada, a "UBC" não poderia triunfar.

E é por isto que desejamos, nesta oportunidade, desfazer quasquer dúvida a respeito, deixando bem



70 anos de UBC





CHUVA DE PRATA
GAL COSTA
Compositores: Ed Wilson e Ronaldo Bastos



WHISKY A GO GO
ROUPA NOVA
Compositores: Michael Sullivan, Mihail Plopschi e Paulo Massadas

1985

ESCRITO NAS ESTRELAS
TETÊ ESPÍNDOLA

Compositores: Arnaldo Black e Carlos Rennó

1986

JOGA FORA
SANDRA DE SÁ
Compositores: Sandra Rios Bem, Michael Sullivan e Zenith Barbosa



HOMEM PRIMATA
TITÃS
Compositores: Marcelo Fromer, Sérgio Britto, Ciro Pessoa e Nando Reis

DEMAIS
VERÔNICA SABINO
Compositores: John Lennon (obra original: Yes It Is) Versionistas: Zé Rodrix e Miguel Paiva



LINHA DO TEMPO

Não é qualquer empresa ou associação que completa 70 anos com fôlego, entusiasmo e disposição para se adaptar às novas realidades do mercado. A UBC entra nos setenta com a maturidade dos grandes aprendizados e o frescor da eterna juventude, próprio dos inquietos e dos que combatem o bom combate. Fundada em 22 de junho de 1942, a poucos dias da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a associação já passou por inúmeras transformações e teve que se adaptar aos avanços tecnológicos que, a partir dos anos 80, insistem em desafiar as previsões mais progressistas sobre o assunto. Dos discos 78 rotações tocados nas rádios às redes sociais e seus ícones mais representativos como o mantra Curtir, Comentar e Compartilhar, passando pelos LPs, TVs, canais a cabo e todos os demais meios que compõem o complexo universo da comunicação, a UBC sempre esteve ao lado do compositor brasileiro. O autor existe é o seu lema - Defender o direito do autor é sua missão.

Para comemorar essa data, um marco na luta pelo direito do autor, a direção da UBC e alguns associados ilustres, como todos que compõem a imensa lista da entidade, se dispuseram a falar sobre suas experiências como autor, compositor e cidadão e as expectativas para o futuro. Os encontros aconteceram na sede da UBC, no centro do Rio e no Teatro Tom Jobim, na Zona Sul da Cidade.



PALAVRA CANTADA
FADNER DEZ ENOS: IMPORTANCIA DA POESIA NA MÚSICA E CRÍTICA A ALIENAÇÃO DA MÚSICA COMERCIAL
+ CHIMARRUTS LANÇAMENTO DO NOVO CD
+ TUDO SOBRE APPRECAÇÃO



Primeira capa da publicação da UBC, 1943
Acervo UBC



Entrevista com a Diretoria da UBC no Teatro Tom Jobim
Fotos: Mariana Quintão
28 de fevereiro de 2012

No dia 28 de fevereiro de 2012, um grupo de diretores da UBC se reuniu no Teatro Tom Jobim, no Parque do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, para uma conversa em torno das homenagens dos setenta anos da UBC. O encontro foi gravado e faz parte dos eventos da comemoração da data. O calor nessa tarde de alto verão carioca era intenso. Mas no auditório, com muitos copos de água, cercado pelo verde do Parque e com a benção do Maestro Brasileiro, a conversa correu solta. Fernando Brant, mineiro de Belo Horizonte e atual presidente da UBC, ocupou a cadeira central, do lado direito, o cabo-friense Abel Silva e o niteroiense Ronaldo Bastos e do esquerdo, dois cariocas da gema, Paulo Sérgio Valle e Sandra de Sá, de Pilares e de grandes tiradas.

Durante quase duas horas o grupo fez uma análise dos vários momentos da UBC, a maior e mais importante representante da classe no país. Os humores variaram bastante, como é comum às mentes agitadas e criativas. Mas, por fim, a palavra União que faz parte do título da Associação, foi aclamada como símbolo da luta pelo direito do autor no Brasil. Parte da entrevista, segue ao lado.



Qual a importância da UBC na gestão coletiva dos direitos autorais do Brasil?

Fernando Brant – A UBC é importante para os direitos autorais no Brasil porque ela nasceu da união de todos os compositores da época, em 1942. Alguns estavam no departamento musical da SBAT, outros fizeram outra pré-sociedade, a ABCA e, de repente, eles sentiram que era muito melhor ficarem juntos e criar uma sociedade de todos, que é a União Brasileira de Compositores.

Abel Silva – Eu acho que a UBC é a própria história da luta do direito autoral no Brasil. Porque, quando ela começou, vivíamos um Brasil que começava a se organizar culturalmente, politicamente, inclusive os direitos da cidadania.

Paulo Sérgio Valle – A UBC trouxe uma credibilidade muito grande para essa questão da arrecadação e distribuição do direito autoral. Eu acho que o compositor profissional tem dois pilares, que são fundamentais na carreira dele: uma boa editora e uma sociedade de direito autoral. Porque assim ele pode desenvolver o trabalho dele e se realizar profissional e financeiramente.

P S V – A UBC é hoje uma sociedade exemplar, modelar para o mundo inteiro. Eu às vezes, quando viajo por aí, vou a uma sociedade ou outra, como a ASCAP, e eles sempre falam muitíssimo bem da UBC.

LINHA DO TEMPO

1987



INFINITA HIGHWAY
ENGENHEIROS DO HAWAII
Compositor: Humberto Gessinger

SÁBADO
JOSÉ AUGUSTO
Compositores: José Augusto e Paulo Sérgio Valle



KÁTIA FLÁVIA A GODIVA DO IRAJÁ
FAUSTO FAWCETT E OS ROBÔS EFÊMEROS
Compositores: Carlos Lauffer e Fausto Fawcett

1988

O AMOR E O PODER
ROSANA
Compositores: Gunther Mende, Heidi Stern, Mary Susan Applegate e Wolfgang Detmann (obra original: The Power Of Love) Versão: Cláudio Rabello



MANUEL ED MOTTA
Compositores: Fábio Fonseca e Márcia Serejo

Um marco histórico

A S – Durante muito tempo, os compositores não recebiam nada. Mas a partir de um determinado momento, com a chegada na música de compositores com um nível sócio-cultural mais elevado, eles começaram a ver claramente que ou se organizavam na questão dos direitos autorais profissionalmente, ou então, iam ter que fazer outra coisa. A música ia ser um hobby.

Sandra de Sá – Eu estou associada à UBC já tem algum tempo. E pelas pessoas que começaram a UBC e pela preocupação que a sociedade tem com os compositores, com os autores, eu acho que o “meio de campo”, digamos, ali, é irrepreensível.

A S – Nós jamais deixamos de ser compositores atuantes, preocupados com a obra e isso foi também fazendo com que nos envolvêssemos cada vez mais com as questões políticas do país, participamos da criação, lá desde o seu início, da lei do direito autoral, participamos ativamente da criação do Ministério da Cultura. Temos hoje uma compositora, uma intérprete, no Ministério da Cultura, que pertence a um clã de músicos, de compositores, de intérpretes.

P S V – Eu era de outra sociedade anteriormente, até que fui convidado pelo José Antonio Perdomo. E ele precisava de outros, de alguns compositores profissionais, sérios, objetivando realmente esse negócio de endireitar, consertar o direito autoral, e ele me pediu que fosse diretor naquela época.

Ronaldo Bastos – Esse momento de que o Paulo Sérgio fala de pessoas que vieram para refundar a UBC e colocá-la no caminho que ela está hoje, duas coisas foram fundamentais para mim: estar ao lado de Milton Nascimento e Fernando Brant e conhecer o Antonio Carlos Jobim e especialmente a Tereza Jobim. Eu tive essa sorte de conhecê-los e a Tereza foi fundamental na minha vida porque ela foi me ensinando conceitos fundamentais, chamando atenção para a importância de se organizar.

A S – Por outro lado, nós vivemos um momento de profundas transformações no Brasil e no mundo com o aparecimento de tecnologias que trouxeram outras responsabilidades, outras teorias, inclusive uma absolutamente maléfica e que está tomando o mundo inteiro com um grau de fatalidade: “vai ser assim”. Há uma série de campanhas mostrando que você deve ter acesso à música de graça, que na internet tudo é de graça.

P S V – Uma música para fazer sucesso de verdade ela exige o que eu chamo de momento mágico, que é o quê? Uma boa música, uma boa letra, um bom arranjo e uma boa interpretação. Quando você consegue essas quatro coisas, essa música vai realmente fazer sucesso.



PENSE E DANCE
BARÃO VERMELHO
Compositores: Roberto Frejat, André Cunha e Guto Goffi

1989



BEM QUE SE QUIS
MARISA MONTE
Compositores: Giuseppe Danielle (obra original: E po' che fa')
Versão: Nelson Motta

ADELAIDE
INIMIGOS DO REI
Compositores: Joseph Simmons, Raymond White e Jason Mizell (obra original: You Be Illin) Versão: Luiz Guilherme

OCEANO
DJAVAN
Compositor: Djavan

1990



PENSE EM MIM
LEANDRO E LEONARDO
Compositores: Douglas Maio, Zé Ribeiro e Mário Soares



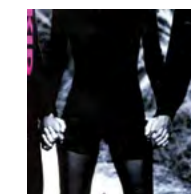
EVIDÊNCIAS
CHITÃOZINHO E XORORÓ
Compositores: José Augusto e Paulo Sérgio Valle

1991



BEIJA EU
MARISA MONTE
Compositores: Marisa Monte, Arto Lindsay e Arnaldo Antunes

PAZ NA CAMA
LEANDRO E LEONARDO
Compositores: Edson Melo e Rhael



GRAND' HOTEL
KID ABELHA
Compositores: George Israel, Paula Toller e Lui Farias



VENTO VENTANIA
BIQUINI CAVADÃO
Compositores: Beni, Miguel, Bruno Gouveia, Carlos Coelho, André da Luz e Álvaro Lopes



“Eu sou diretor da UBC porque eu acredito nessa gestão. Mesmo antes de ser diretor, eu já tinha me aproximado da UBC e já trabalhava informalmente para unir os companheiros, trazer mais gente.”

RONALDO BASTOS



LINHA DO TEMPO

“Eu acho que uma das grandes ameaças ao direito autoral é a divisão entre direito patrimonial e direito moral. Uma das maneiras de você atingir o lado patrimonial é você atingir o lado moral.”

PAULO SÉRGIO VALLE



Entrevista com a Diretoria da UBC no Teatro Tom Jobim
Fotos: Mariana Quintão
28 de fevereiro de 2012

1992



O CANTO DA CIDADE

DANIELA MERCURY

Compositores: Daniela Mercury e Antonio Jorge

RIO 40 GRAUS

FERNANDA ABREU

Compositores: Carlos Laufer, Fernanda Abreu e Fausto Fawcett

1993



LÔRABURRA

GABRIEL O PENSADOR

Compositor: Gabriel O Pensador

FUTUROS AMANTES

CHICO BUARQUE

Compositor: Chico Buarque



EU TIVE UM SONHO

KID ABELHA

Compositores: Paula Toller e George Israel

1994



ONDE VOCÊ MORA

CIDADE NEGRA

Compositores: Marisa Monte e Nando Reis



MÚSICA DE RUA

DANIELA MERCURY

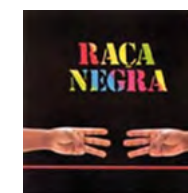
Compositores: Daniela Mercury e Pierre Onassis

NÃO VÁ AINDA

ZÉLIA DUNCAN

Compositores: Zélia Duncan e Christiaan Oyens

1995



É TARDE DEMAIS

RAÇA NEGRA

Compositores: Elías Muniz e Luiz Carlos

A LATA (VAMO BATE LATA)

FERNANDA ABREU

Compositores: Fernanda Abreu, Ricardo de Carvalho Duarte e Marcos Suzano

Porque a gestão coletiva é a melhor escolha?

A S – Qual seria o contrário disso?

R B – Como é que você individualmente...

A S – ...vai cuidar de tudo isso?

R B – Eu sou diretor da UBC porque eu acredito nessa gestão. Mesmo antes de ser diretor, eu já tinha me aproximado da UBC e já trabalhava informalmente para unir os companheiros, trazer mais gente. E eu serei diretor da UBC até quando meu mandato terminar, serei membro da UBC, até quando a UBC representar para mim tudo o que eu sonhei, tudo que eu pressenti, que era o que eu precisava para ser um compositor e ter uma profissão. Até hoje a gente tem problemas, pois cinquenta por cento das emissoras de rádio não pagam. Estão inadimplentes. Nós temos problemas com TVs a cabo que também não pagam. Agora, se o cidadão deixar de pagar a mensalidade, ele tem no dia seguinte ou no mês seguinte o seu sinal cortado...

F B – A gestão coletiva é uma descoberta e um uso que se faz no mundo inteiro, no mundo ocidental, desde a primeira metade do século XX. Porque todo mundo chegou à conclusão que a única maneira de se cobrar direitos para a música teria que ser de uma forma centralizada e coletiva. Então todas as sociedades europeias, a japonesa, as norte-americanas são assim, e o Brasil acompanhou isso na América Latina. Porque é impossível o próprio autor sair atrás pra receber. Toda vez que alguém fala isso, que não pode ser gestão coletiva, é porque não quer pagar. (risos)

A S – É uma indústria da qual a música faz parte. Entra no cinema, entra no teatro, a música entra em tudo.

F B – Eu acompanho seminários internacionais há muitos anos e, desde o começo, ficou claro para mim que na chegada da tecnologia digital haveria uma confusão, mas que no fim se ajustaria e todo mundo respeitaria o direito autoral e pagaria.

A S – Vai ser melhor para o compositor.

F B – Sim, vai ser melhor para o compositor. O problema é que até os próprios usuários, às vezes, são detentores de direito autoral. Por exemplo, a TV Globo, que é um usuário de música, ao mesmo tempo tem as suas produções que são usadas pelos outros. E ela tem que cobrar, ela tem direito sobre isso. Tanto que agora ela está impedindo alguns links em que se transmitia a programação ao vivo da TV de graça. Aí eu sou solidário à TV Globo e ela tem que ser solidária comigo também.

S S – Eu vejo isso como uma coisa muito simples, cara. É meu, eu fiz, pagou.



Do direito moral e do direito patrimonial

P S V – Eu acho que uma das grandes ameaças ao direito autoral é a divisão entre direito patrimonial e direito moral. Uma das maneiras de você atingir o lado patrimonial é você atingir o lado moral. Começa-se a questionar o lado moral da obra de arte, ou seja, amanhã eu posso pegar uma música do Abel e usar sem consultá-lo, aviltando a obra dele.

R B – Isso é muito importante. Mas você sabe o que as pessoas dessa corrente falam? Eu vi uma pessoa falar que um Leonardo Da Vinci e uma reprodução do Leonardo Da Vinci são a mesma coisa.

A UBC está preparada para as novas tecnologias na defesa de seus associados?

F B – A UBC está preparada para as novas tecnologias, vem se preparando há vários anos. Além disso, participamos das decisões de direito autoral do mundo. Por exemplo, a UBC tem um assento no *bureau* executivo da CISAC, que é a confederação internacional das sociedades de autores e compositores, que congrega todas as sociedades autorais do mundo. Então tudo o que é decidido, é decidido por um grupo de 20 pessoas e uma cadeira é da UBC. E a comunicação é simultânea com todas as sociedades, assim, a UBC não tem problema nenhum com a tecnologia. Na realidade, a tecnologia está facilitando o trabalho, porque é muito mais fácil, muito mais controlável, muito mais exato o trabalho que é feito com os meios atuais.

Ser diretor da UBC traz mais desgastes ou prazeres?

A S – Olha, eu tenho uma experiência interessante sobre isso porque eu jamais pensei que eu fosse ser diretor de uma associação. Eu participei da Sombrás porque eu ia com o Capinan, amigo querido e meu compadre. E aí, eu fui convidado e participei, comecei a participar. Vi uma profunda mudança na minha vida em relação a vários nichos, aspectos da cultura musical brasileira.

R B – Para mim é uma questão de família. Cuidar da minha família. E, como em toda família, tem gente legal, tem gente que não é legal e tem uma gente que não quer saber, ou que está defendendo privilégios, igreja, ou está escondida, ou tem um ressentimento grande. Eu me relaciono com a música brasileira praticamente do Rio Grande do Sul até o Norte. Então, assim, estar diretor, ser diretor da União Brasileira de Compositores é uma honra pra mim, porque estou acompanhado agora dessas pessoas que estão aqui. E estou acompanhado na história pelas pessoas que vieram antes.

S S – Desgaste nenhum, muito pelo contrário. Porque nos dois anos que eu estou aqui, eu acho que eu vivi uns vinte. Eu acho que pra mim, estar na UBC é se fazer respeitar.



A NAMORADA
CARLINHOS BROWN
Compositor: Carlinhos Brown

1996



GAROTA NACIONAL
SKANK
Compositores: Samuel Rosa e Chico Amaral



LA BELLA LUNA
PARALAMAS DO SUCESSO
Compositor: Herbert Vianna

NA RUA, NA CHUVA, NA FAZENDA
KID ABELHA
Compositor: Hyldon

1997



PALPITE
VANESSA RANGEL
Compositora: Vanessa Rangel

LINHA DO TEMPO



“Eu estou associada à UBC já tem algum tempo. E pelas pessoas que começaram a UBC e pela preocupação que a sociedade tem com os compositores, com os autores, eu acho que o “meio de campo”, digamos, ali, é irrepreensível.”

SANDRA DE SÁ



Entrevista com a Diretoria da UBC no Teatro Tom Jobim
Fotos: Mariana Quintão
28 de fevereiro de 2012



2 3 4 5 MEIA 7 8
(SAMPLE: GOOD TIMES)
GABRIEL O PENSADOR
Compositor: Gabriel O Pensador, Bernard Edwards e Nile Rodgers

VOCÊ NO CORAÇÃO
ROUPA NOVA
Compositores: Paulo Sérgio Valle e Augusto César de Oliveira

FESTA DA MÚSICA
GABRIEL O PENSADOR
Compositor: Gabriel O Pensador

1998



O VENTO
JOTA QUEST
Compositores: Rogério Flausino, Márcio Buzelin, Marcos Túlio de Oliveira Lara, Paulo Diniz e Paulinho Fonseca



RESPOSTA
SKANK
Compositores: Samuel Rosa e Nando Reis



PURO ÊXTASE
BARÃO VERMELHO
Compositores: Guto Goffi e Maurício Barros

FÁCIL
JOTA QUEST
Compositores: Rogério Flausino, Márcio Buzelin, Marcos Túlio de Oliveira Lara, Paulo Diniz, Paulinho Fonseca e Wilson Sideral

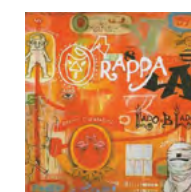
1999



ANNA JÚLIA
LOS HERMANOS
Compositor: Marcelo Camelo



ALGUÉM ME DISSE
ANA CAROLINA
Compositores: Jair Amorim e Evaldo Gouveia



A MINHA ALMA
O RAPPA
Compositores: Alexandre Menezes, Lauro Farias, Marcelo Lobato, Falcão e Marcelo Yuka



P S V – Na realidade, é uma coisa de grande responsabilidade. Eu acho que a responsabilidade é de certa maneira até um pouco maior do que o prazer pelo temor que se tem como diretor. Porque eu, por exemplo, vi a UBC passar por uma CPI. Depois veio outra. As acusações mais absurdas e infundadas foram feitas a vários diretores das sociedades, inclusive da UBC. Os jornais frequentemente vêm com umas matérias insustentáveis, dizem um monte de coisa, não provam nada. Você fica mal às vezes até com os seus amigos, seus companheiros. Eu estou citando a parte ruim porque isso aqui é um colegiado e então, a Sandra já disse que é um prazer, o Ronaldinho ficou em cima do muro, não disse nada, o Abel já disse que é, gosta, é um prazer, uma coisa prazerosa pra ele, ele travou um conhecimento maior com isso. O Fernando, evidentemente, vai ser o voto de Minerva, então eu estou fazendo a outra parte, estou dizendo para você como é duro. Então o meu depoimento fica assim, o do pessimista, que é uma coisa que me contraria, porque eu na vida sou altamente otimista.

F B – Eu acho que viver essa briga do direito autoral, pelo menos no meu caso, virou uma missão, porque na realidade isso começou há quarenta e cinco anos exatos atrás, quando eu fiz uma canção com o Milton Nascimento – “Travessia” – e antes dela ser colocada no Festival, o Milton me mandou um contrato de edição de música.

R B – O contrato não foi bom, porque você está até hoje tentando recuperar os direitos.

F B – Espero que nesse quadragésimo quinto aniversário eu a retome de volta. Por causa dessa questão, nós acabamos sendo os primeiros de nossa geração a ter a própria editora.

R B – Antes disso, nós éramos conhecidos como os malucos do Clube da Esquina.

F B – Os malucos do Clube da Esquina criaram a Editora Três Pontas. E aí, todas as nossas músicas eram nossas. O que nós fizemos, ao longo do tempo, foi administrar. Quando foi criado o ECAD, em 1977, já havia dez anos que eu era compositor. E desde 1967, quando tive a minha primeira música gravada, até 1977, eu recebi – e acho que o Ronaldo a mesma coisa - exatamente zero de direito autoral, porque a gente não pertencia a sociedade nenhuma. Então nos filiamos diretamente ao ECAD: era uma fase de transição. A partir desse momento, eu comecei a estar sempre presente nessas discussões sobre direito autoral. Como a lei anterior de 73 era da ditadura, a gente achava que devia haver uma mudança. O então ministro Celso Furtado resolveu pegar o anteprojeto e distribuiu para todo mundo discutir. A partir desse projeto, é que foi feita, depois de muita luta, a lei atual, em 1998. Foi o consenso possível, mas é uma lei que nasceu já moderna, inclusive prevendo a sociedade digital. Então, eu tenho participado dessa luta o tempo todo. Um dia me chamaram para vir pra UBC, eu vim e estou aqui até hoje. Tenho muito prazer, principalmente no convívio com o colegiado. Mas tem muito trabalho, porque vai você para o Congresso, para conversar como deputado, com o senador. No STJ, eu sou assíduo há anos e, com o nosso trabalho, a gente praticamente ajudou a mudar a jurisprudência, que hoje está bastante favorável aos autores. Fora o dia a dia da UBC. Mas é uma missão. E como é missão, eu assumi, ela dá trabalho, mas é prazerosa também.



Como é viver da arte?

A S – Olha, eu acho que é uma experiência comum a todos. Quando eu comecei a pensar em escrever, comecei a ver que eu tinha algum talento para aquilo, a primeira coisa que eu comecei a notar da parte da minha família e da minha namorada, que então era da minha idade, era que todos ficaram preocupados de onde viria o dinheiro daquela minha vocação. Naquela época, nos anos 60, era difícil, realmente, você encontrar essa relação clara: arte e grana. Eu cheguei a conhecer o Di Cavalcanti, por exemplo, quando era adolescente, e frequentava o apartamento dele no Catete. Eu e o meu colega de ginásio, o Elio Gaspari. Nós fizemos um jornal chamado Celeuma e resolvemos ir à casa do Di Cavalcanti. Quando chegamos lá, estavam aquelas mulatas lindas. Aí, eu comecei a perceber que aquele artista era riquíssimo, frequentava os melhores restaurantes do Rio, era conhecido como um sujeito fino à mesa, só pedia os melhores vinhos etc. e tal. Foi o primeiro artista que eu conheci que ganhava dinheiro com a sua arte. No meu caso, eu pensei: “Como eu vou fazer para ganhar dinheiro?” Confesso que eu quase não pensava em dinheiro porque aquele Brasil era pré-capitalista. Depois, a própria indústria cultural brasileira começou a crescer e, pouco a pouco, todos nós começamos a ver que rolava dinheiro e que, se não fosse para o artista, o dinheiro iria para alguém.

Boa arrecadação e criatividade – há uma relação entre estes dois fatores?

R B – Essa coisa de que o cara tem que estar ferrado pra estimular a criatividade é uma coisa de um pensamento burguês pra manter um pouco aquela galera ali na senzala, ali na beira de casa. Naturalmente, se você for um verdadeiro artista e tiver mais grana, vivendo melhor, você tem mais possibilidade e tem mais tempo. Se você utilizar esse tempo no sentido da construção dessa coisa, você tem mais tempo pra coisa.

A S – Você acha que é possível um artista viver na miséria? Vamos imaginar Tom Jobim e a obra que deu esse dinheiro todo: nós somos filhos dele. O primeiro compositor que a gente viu ganhar dinheiro foi ele, o pessoal da Bossa Nova. Tom Jobim não poderia nem comprar um piano, que era o sonho dele. No entanto, comprou aquele piano, aquela casa. Aquelas músicas não saíam de um cara desdentado.

Linha do Tempo

2000



AMOR I LOVE YOU
MARISA MONTE
Compositores: Marisa Monte e Carlinhos Brown



EU SEI
PAPAS DA LÍNGUA
Compositores: Sérgio Moah e Fernando Pezão



COLOMBINA
ED MOTTA
Compositores: Ed Motta e Rita Lee

2001



ACIMA DO SOL
SKANK
Compositores: Samuel Rosa e Chico Amaral

Entrevista com a Diretoria
da UBC no Teatro Tom Jobim
Fotos: Mariana Quintão
28 de fevereiro de 2012



“ A UBC é importante para os direitos autorais no Brasil porque ela nasceu de uma união de todos os compositores da época, em 1942. Alguns estavam no departamento musical da SBAT, outros fizeram outra pré-sociedade, a ABCA, e, de repente, eles sentiram que era muito melhor ficarem juntos e criar uma sociedade de todos, que é a União Brasileira de Compositores.”

FERNANDO BRANT

LINHA DO TEMPO

DORMI NA PRAÇA
BRUNO E MARRONE
Compositores: Fátima Leão
e Elias Muniz Sobrinho



EU CONTRA A NOITE
KID ABELHA
Compositores: George Israel
e Paula Toller



JÁ SEI NAMORAR
TRIBALISTAS
Compositores: Arnaldo Antunes,
Carlinhos Brown e Marisa Monte



GIRASSOL
CIDADE NEGRA
Compositores: Bino, Toni Garrido, Lazão,
Da Gama e Luis Oliver

2003

Cr\$ 150

N.º 54

ELLIS REGINA,

UMA NOVA QUE JÁ
É ESTRÊLA NO DISCO
E NA TELEVISÃO



Cr\$ 100,00

N.º 49

EMILINHA BORBA

COM VOZ REMOÇADA
E SEMPRE FAVORITA



QUE NEM MARÉ
JORGE VERCILLO
Compositor: Jorge Vercillo



AMOR E SEXO
RITA LEE
Compositores: Rita Lee, Roberto
de Carvalho e Arnaldo Jabor



AMOR MAIOR
JOTA QUEST
Compositores: Marcos Túlio de Oliveira
Lara, Rogério Flausino, Márcio Buzelin,
Paulo Diniz e Paulinho Fonseca



MONALISA
JORGE VERCILLO
Compositor: Jorge Vercillo

LINHA DO TEMPO

Qual o legado dos 70 anos de UBC?

A S – O legado desses 70 anos da UBC é exatamente a união dos compositores, cantores e músicos brasileiros para defender seus direitos e poder viver do que criam. É preciso dizer que a União Brasileira de Compositores está em primeiro lugar entre as associações brasileiras e tem uma liderança natural pelo tempo, competência e tecnologia que conseguiu administrar. Tem filiais no Brasil quase todo, uma quantidade imensa de funcionários especializados, que são pessoas que fazem cursos. Essa liderança é natural e justa. E é nossa. A gente luta por isso.

P S V – O grande legado da UBC é a honestidade.

S S – Isso. É a honestidade.

A S – Honestidade e competência. Eu queria falar sobre esse negócio do legado. Eu acho que o legado é, primeiro, a coerência com a história. Nós estamos honrando aquelas pessoas que, há 70 anos, tomaram a iniciativa. Acho que o principal legado é o pensamento. A UBC tem um pensamento, um processo de pensar e uma honestidade em relação a esses princípios. O principal legado da UBC, nesse momento, é estar com a sociedade pronta para os próximos 70 anos que virão, sintonizada com o pensamento sobre o direito autoral no mundo. Eu acho que a UBC é uma sociedade que eu aconselho para quem está começando a fazer música e para quem está nessa primeira batalha. Para lembrar uma daquelas coisas que o Paulo Sérgio falou que qualquer um precisa saber logo: você precisa ter uma sociedade, então vai logo para a melhor. Para aquela que não vai ter desonestidade, que está ali e tem um fundamento. ■



Chacrinha apresentador
Acervo UBC

& Letras

LINHA DO TEMPO

2004



VOU DEIXAR
SKANK

Compositores: Samuel Rosa
e Chico Amaral



ENCOSTAR NA TUA
ANA CAROLINA

Compositora: Ana Carolina

TUDO QUE HÁ DE BOM
LUIZA POSSI

Compositores: Tony Rich (obra original:
Traveling Alone) Versão: Tavinho Paes

2005



BOLA DE SABÃO
BABADO NOVO

Compositor: Ramon Cruz

QUERO SER FELIZ TAMBÉM

NATIRUTZ

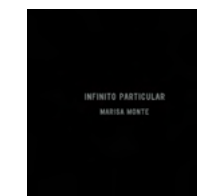
Compositores: Bruno Dourado, Izabella
Rocha Vieira, Alexandre Carlo, Luís
Maurício e Juninho



SIGNO DE AR
JORGE VERCILLO

Compositores: Jorge Vercillo
e Nico Rezende

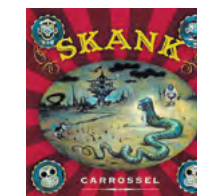
2006



VILAREJO

MARISA MONTE

Compositores: Marisa Monte, Carlinhos
Brown, Arnaldo Antunes e Pedro Baby



MIL ACASOS

SKANK

Compositores: Samuel Rosa
e Chico Amaral



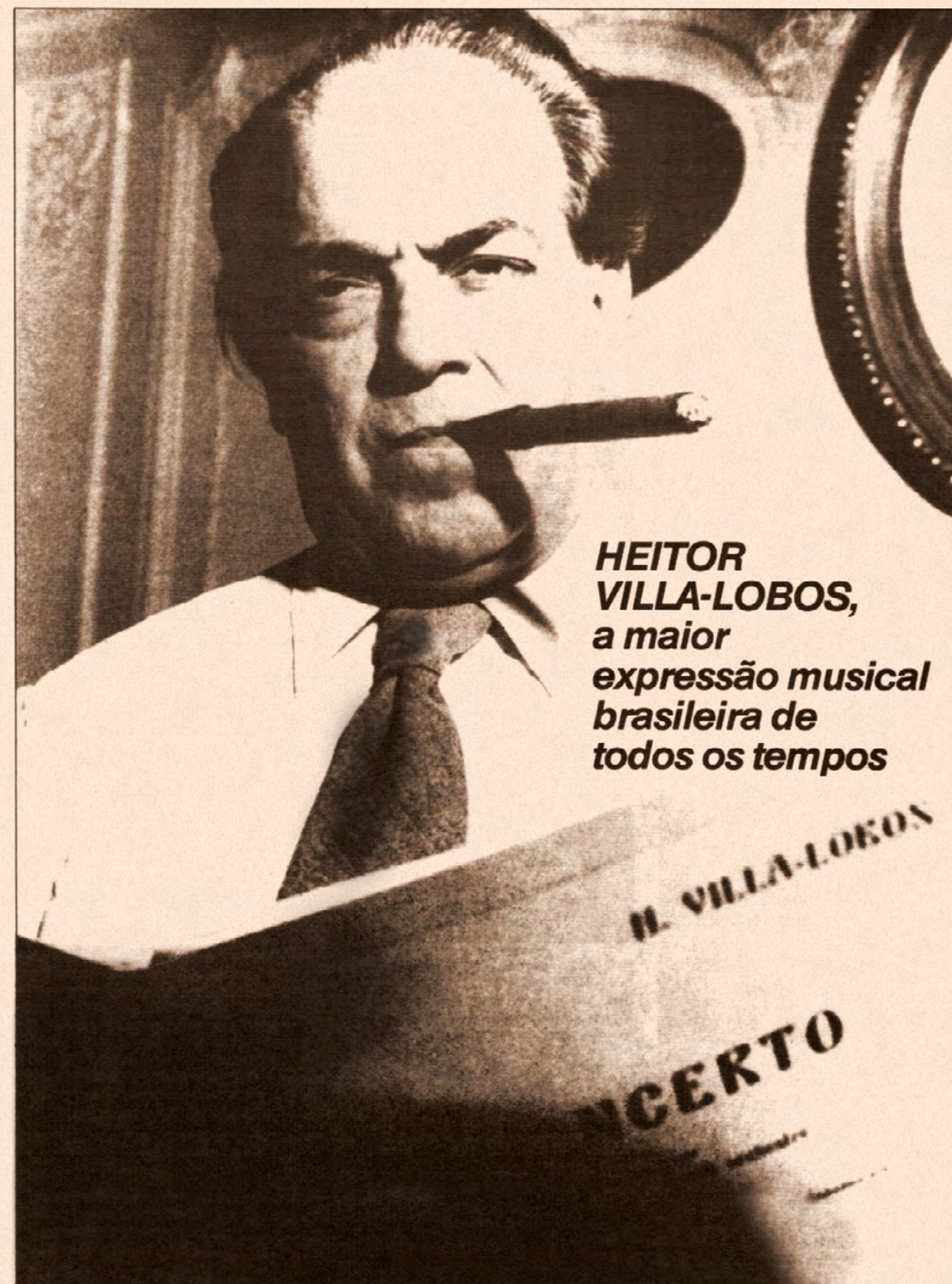
órgão
informativo
da
União
Brasileira
dos
Compositores

BOLETIM

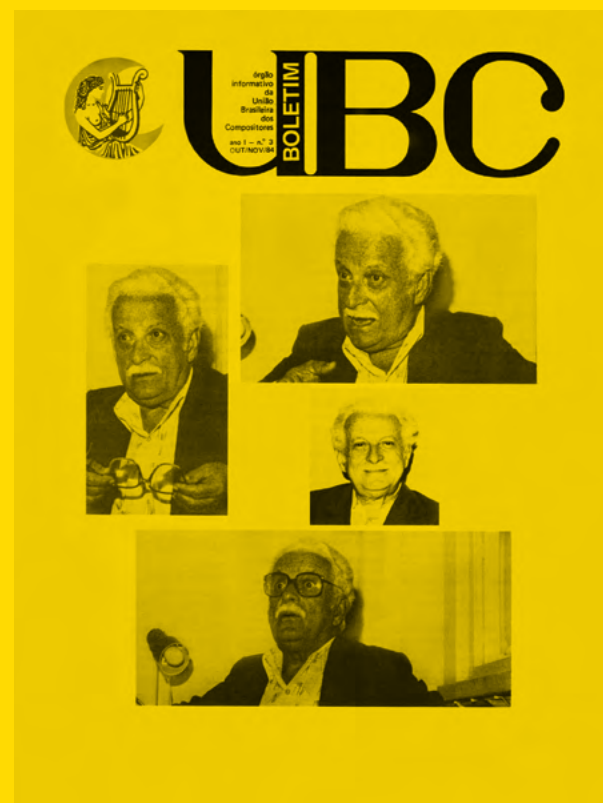
UBC

ano I - n.º 1
Junho/1984

LINHA DO TEMPO



**HEITOR
VILLA-LOBOS,
a maior
expressão musical
brasileira de
todos os tempos**



SEM RESPOSTA
LUKA
Compositora: Luka

2007



ELA UNE TODAS AS COISAS
JORGE VERCILLO
Compositores: Jorge Vercillo
e Jorge Batista Maranhão Filho



MEU AMOR SE MUDOU PRA LUA
PAULA TOLLER
Compositores: Luis Fernando Kirsch



MATIZES
DJAVAN
Compositor: Djavan

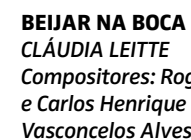
2008



NÃO É PROIBIDO
MARISA MONTE
Compositores: Marisa Monte, Seu Jorge
e Eduardo Magalhães de Carvalho



SUTILMENTE
SKANK
Compositores: Samuel Rosa
e Nando Reis



BEIJAR NA BOCA
CLÁUDIA LEITTE
Compositores: Rogério Tomich Teixeira
e Carlos Henrique de Oliveira
Vasconcelos Alves



RAZÕES E EMOÇÕES
NX ZERO
Compositores: Diego José Ferrero
e Leandro Franco da Rocha

“Por outro lado, nós vivemos um momento de profundas transformações no Brasil e no mundo com o aparecimento de tecnologias que trouxeram outras responsabilidades, outras teorias, inclusive uma absolutamente maléfica e que está tomando o mundo inteiro com um grau de fatalidade: “vai ser assim”. Há uma série de campanhas mostrando que você deve ter acesso à música de graça, que na internet tudo é de graça.”

ABEL SILVA



Entrevista com a Diretoria da UBC no Teatro Tom Jobim
Fotos: Mariana Quintão
28 de fevereiro de 2012

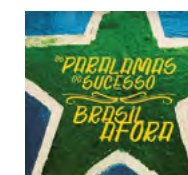


CEDO OU TARDE
NX Zero
Compositores: Diego José Ferrero e Leandro Franco da Rocha

2009



GAROTA RADICAL
CINE
Compositores: Danilo Valbusa e Diego Cunha Silveira



A LHE ESPERAR
PARALAMAS DO SUCESSO
Compositores: Arnaldo Antunes e Arnolpo Lima Filho (Liminha)



CIRA, REGINA E NANA
LUCAS SANTTANA
Compositor: Lucas Santtana

Entrevista com a Diretoria
da UBC no Teatro Tom Jobim
Fotos: Mariana Quintão
28 de fevereiro de 2012

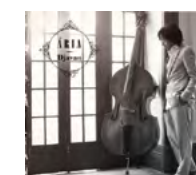


LINHA DO TEMPO

2010



SÓ REZO
NX ZERO
Compositores: Diego José Ferrero
e Leandro Franco da Rocha

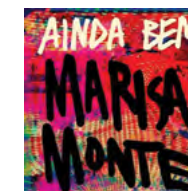


SABES MENTIR
DJAVAN
Compositor: Othon Russo



FÉ NA FESTA
GILBERTO GIL
Compositor: Gilberto Gil

2011



AINDA BEM
MARISA MONTE
Compositores: Marisa Monte
e Arnaldo Antunes

PROBLEMAS
ANA CAROLINA
Compositores: Ana Carolina, Carlos
Eduardo Carneiro de Albuquerque
Falcão e Chiara Civello



SINHÁ
CHICO BUARQUE
Compositores: Chico Buarque e João Bosco

Fontes:
A Canção no Tempo, Vol. 1 e 2 - Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello - 1998, Editora 34.
Aquarela do direito autoral - Oswaldo Santiago - 1946, Editora Mangione.
Arquivo de texto da UBC
As divas do Rádio Nacional - Ronaldo Conde Aguiar - 2010, Casa da Palavra.
O Livro de Ouro da MPB - Ricardo Cravo Albim - 2003, Ediouro.
Revista da Música Popular - 2006, Editora Bem-Te-Vi - FUNARTE.
Revista do Rádio - Rodrigo Faour - 2002, Relume Dumará.
www.ubc.org.br
www.musicasbrasileiras.wordpress.com
www.dicionariompb.com.br

Manoel Pinto

Diretor da UBC

Autor de grandes sucessos na voz de Daniel, Rick e Renner, Chitãozinho e Xororó, entre outros, Manoel Nenzinho Pinto sabe as dificuldades que um compositor encontra para divulgar e gerenciar a sua obra. Talvez por isso, tenha se envolvido com o trabalho de edição musical. Manoelzinho, como é conhecido, é representante da Peermusic no Brasil desde os anos 70 e nesse período contribuiu para o trabalho que levou esta editora à posição de uma das maiores editoras independentes do mundo. Além do trabalho como compositor e editor, Manoel também produziu sucessos de Rick e Renner, João Paulo e Daniel, Franco Levine e de Daniel em sua carreira solo.



Ser diretor da UBC traz mais desgaste ou prazer?

Eu sou compositor, produtor de discos e editor de música, e tenho sido bem-sucedido nessas três funções. Aceitar o convite para participar da chapa da diretoria para as eleições foi um desafio, mas tem sido muito gratificante porque estou fazendo o que mais gosto e aprendendo muito com os meus colegas sobre a área de direitos autorais de execução pública. Eu vivo da música e para a música, e acredito que, de todas as artes, ela é a que mais me inspira e conforta.

Por que a gestão coletiva é a melhor opção?

A gestão coletiva é a melhor opção porque coletivamente o autor ganha força para poder fazer a cobrança pelo uso da sua música e para promover a importância dos seus direitos.

Qual o legado da UBC ao longo desses 70 anos?

O simples fato de a UBC ter sido fundada em 1942 por grandes compositores da época que tinham essa visão de união já deu respaldo para que a UBC fosse sempre grandiosa em todos os sentidos. A organização Peermusic está na UBC desde 1956, e, ao longo desse tempo, participou de momentos bons e ruins. Eu conheço de perto este legado há vinte e poucos anos e vi muita coisa acontecer. Durante esse tempo, observei que o direito autoral sempre foi uma luta e que a UBC sempre foi a pioneira, valorizando a união e a proteção aos direitos dos autores nessa batalha. Principalmente nessas últimas décadas, a UBC ajudou a esclarecer o mercado sobre a importância que a remuneração pelo uso da música tem para os autores. Hoje o autor está muito mais próximo da associação do que ontem e a UBC é muito atuante não só no Brasil, mas também no mundo, o que é primordial para o crescimento do direito autoral. A UBC nasceu forte e continua grande porque o autor existe.

Aloysio Reis

Diretor da UBC

Aloysio Reis, diretor da Sony ATV Music Publishing, é um executivo que conhece o mercado musical brasileiro como poucos. Já foi presidente da gravadora EMI do Brasil e atua hoje também como presidente da UBEM, União Brasileira de Editores de Música. Além da carreira executiva, é compositor de obras gravadas por grandes nomes como Roberto Carlos, Flávio Venturini e Ney Matogrosso.



Por que a gestão compartilhada é a melhor opção?

Não só é a melhor gestão como a única possível no trato com a execução pública. A grande diversidade de titulares e de fontes pagadoras impossibilita qualquer outro tipo de manejo.

Vivemos um período de grande turbulência no espaço da criação musical em função do choque tecnológico da internet e das mídias digitais por um lado, e em função da disputa entre os grandes usuários que não querem pagar e dos autores que querem receber. Sem a gestão coletiva para mapear o espaço entre os dois lados estaríamos absolutamente sem rumo.

Qual o legado da UBC ao longo desses 70 anos?

A garantia de que os verdadeiros titulares de direitos autorais podem administrar com seriedade seus interesses sem a perigosa tutela estatal e obter resultados surpreendentes.

A UBC harmoniza tradição e história com eficiência e tecnologia, mantendo ao mesmo tempo uma postura de clara liderança na luta pelas conquistas dos titulares. Os maiores compositores do Brasil estiveram, estão e estarão por aqui por muitos anos porque sabem que essa é a casa que os representa com mais autenticidade.



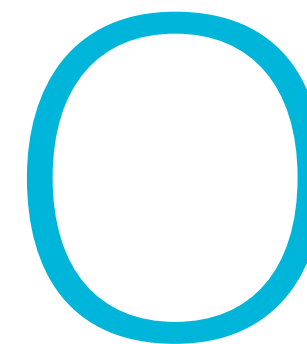
REVISTA DA
UNIÃO BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
07_DEZEMBRO DE 2010



PALAVRA CANTADA

FAGNER DEFENDE A IMPORTÂNCIA DA POESIA NA SUA OBRA
E CRITICA A AMEAÇA DA MÚSICA COMERCIAL

UBC *pela* UBC



futuro está na pauta. Alguns associados da UBC, ilustres como todos, mas acessíveis e particularmente engajados na questão do direito do autor comentam as conquistas da Associação e as novas mídias a partir de experiências particulares: *Turíbio Santos, Antonio Cícero, Leo Gandelman, João Roberto Kelly e Edmundo Souto, soltam a voz.* *Fotos: Mariana Quintão*



Antonio Cícero - compositor

A UBC defende o direito do autor na internet

ANTONIO CÍCERO – Eu estou na UBC há muito tempo, mas não chega a ser 70 anos... Gosto muito das pessoas que trabalham lá e respeito muito as posições também que têm sido tomadas pela direção da UBC ultimamente, em defesa de direitos autorais. Eu penso que tem havido, de fato, uma ofensiva muito grande, racionalizada pelo direito à informação. A ideia do direito à informação é usada para desrespeitar. A meu ver, existem dois aspectos para isso: existe o fato de que é maravilhoso você ter muita informação disponível na internet, como nunca se teve antes. Eu mesmo adoro, uso muito o Google, uso todos os recursos que posso. Por outro lado, penso que é muito importante que haja o respeito ao direito autoral, porque ele representa simplesmente o seguinte: se alguém está ganhando dinheiro com o que é feito por um autor, é normal que esse autor tenha uma participação nisso.



Leo Gandelman - músico

A C – O fato é que há muitas empresas bilionárias na internet. Eu falei do próprio Google que ganha muito dinheiro a partir de propaganda, por exemplo, do acesso a determinados sites como o tal Megaupload. Empresas que ganham muito dinheiro, seja diretamente, através da cobrança de *downloads* ou indiretamente, por serem patrocinadas por grandes empresas e ganharem dinheiro com patrocínio. Supõe-se que nada disso deva ser repassado ao autor, o que é um absurdo total, ou então algo ínfimo é repassado. Isso não pode ser, está simplesmente errado. Eu penso que é necessário e acho que a UBC, nesse sentido, tem se manifestado muito claramente, decisivamente e combativamente na defesa do direito do autor na internet também. No caso de compositores que são também cantores e que se apresentam, por exemplo, em público, até conseguem compensar um pouco a perda do direito autoral pelas apresentações, pelos contratos que fazem na apresentação em público.

LEO GANDELMAN – A minha forma de me preparar para o futuro é estudando os meus instrumentos, estudando música. Como musicista, compositor, instrumentista, eu acho que o que posso fazer é, cada vez mais, aumentar o meu conhecimento. Isso é a minha contribuição. Eu tenho, hoje, mais concentração. O amadurecimento traz para a gente essa possibilidade. O exercício profissional, realmente, piorou, mas eu não faço parte do coral dos descontentes. Não vou ficar sentado em casa, reclamando da vida. Pelo contrário, eu procuro criar sempre e não sei onde vai dar esse caminho. Não importa onde ele vai dar. O importante é a gente trilhar, acreditando e, no caso da música, o grande lance é fazer música.

JOÃO ROBERTO KELLY – O caminho é a conversa, o entendimento, porque isso é uma matéria muito nova, que ainda está pairando um pouco no ar, mas que já há muita gente estudando, muita gente se esforçando e, mais uma vez, acho que o ECAD está no caminho certo porque está procurando o lugar certo de acertar todas essas aparentes dificuldades que acontecem e já não são tantas quanto havia antigamente. A UBC está consciente disso tudo e trabalhando a *pari passu* com o ECAD para fazer o melhor possível.

TURÍBIO SANTOS – Eu acho que ela está bem equipada para aprender e depois fazer, com certeza. Esse é o tipo do caminho em que você tem que ir pelos primórdios do conhecimento humano: erro e acerto. Tem que ter muita agilidade para perceber o erro e chegar com um acerto, e encontrar os caminhos exatos do direito autoral.

Reconhecer o lugar dos autores

A C – No caso dos compositores simplesmente, de quem só faz a música, de quem só escreve a letra ou faz as duas coisas, mas não se apresenta, esses, simplesmente, não recebem nada e eu considero que a parte do compositor é uma parte substancial e importante na obra. De modo que é uma injustiça, uma coisa totalmente inaceitável, como disse uma vez num artigo muito interessante o Bernardo Carvalho (escritor). Eu uso o Google e acho muito bom, mas eu penso que eles têm que reconhecer o lugar dos autores.

L G – Olha, é difícil falar porque, hoje em dia, com essa mudança de plataforma, a gente vive uma questão histórica. Essa mudança toda para a plataforma digital desorganizou a cabeça das pessoas com relação à propriedade intelectual. Não tem como, nesse momento da história do mundo, querer legislar de uma forma clara. A coisa é confusa e existem 500 mil formas de burlar etc. Então, na verdade, eu acho que essa mudança histórica causou uma “desprofissionalização”, não só da atividade da prestação de serviços do músico, como também da defesa da propriedade intelectual, porque não tem como você controlar, hoje, por onde vaza. Não tenho bola de cristal, mas, com toda certeza, eu acredito que vai se chegar a um ponto em que as pessoas vão voltar a ser remuneradas pelo seu trabalho.

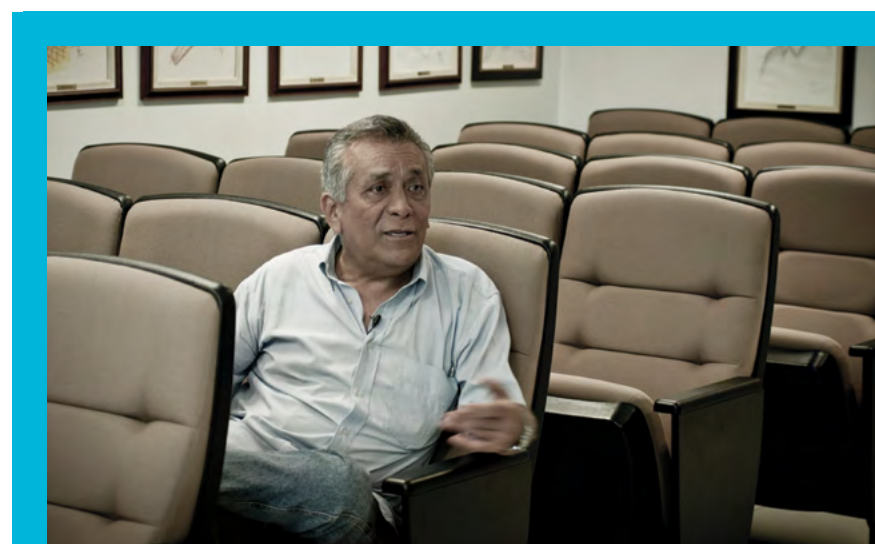
EDMUNDO SOUTO – Eu sempre digo que, aqui no Brasil, o direito autoral é um questão de educação. Durante muitos anos, ninguém pagava e, quando se começou a cobrar, houve uma rejeição. Eu, particularmente, digo que existem dois tipos: o mau-caráter, que não quer pagar, o safado; e o outro que não quer pagar porque é ignorante na matéria. Esse que é o grande problema, porque eu encontro, inclusive, essa falta de cultura até, infelizmente, em certos compositores. Eu não gostaria de estar fazendo nada, a não ser estar com o meu violão, compondo. Era isso que eu queria fazer da minha vida, mas eu tenho que fazer outras coisas.



Turíbio Santos - músico

T S – Eu morei muitos anos na França, onde eu era sócio da SACEM. Depois, vim para o Brasil, fui sócio da AMAR. Saí de lá e entrei na UBC. Então, eu vi, durante todo esse tempo, o direito autoral sob vários aspectos. Vi como intérprete, vi como compositor, já no Brasil. A composição tomou um pedaço muito pequeno da minha vida musical, mas tomou. Agora, o que eu estou achando muito chocante, atualmente, é a nossa incapacidade de resolver com propostas concretas o direito autoral, seja em uma frente como a internet, seja com os herdeiros dos compositores, que, de repente, aparecem como grandes obstáculos. De repente, o herdeiro é um empecilho. Como eu fui, por 24 anos, diretor do museu Villa-Lobos, conheço muito bem essa gestão do direito autoral. Acompanhei de perto a gestão do direito autoral do Villa-Lobos, que vem sempre via Academia Brasileira de Música, da qual eu sou o presidente, atualmente. Então, continuo acompanhando essa coisa do direito autoral muito de perto e vejo que, realmente, houve uma espécie de *tsunami*, um terremoto, com a chegada da internet, com essa queda que houve da venda de CDs, com as cópias piratas massificadas. Tudo isso é traumatizante. Se eu fosse um artista que vivesse de *royalties*, eu estaria apavorado agora. Como nós sabemos de muitos casos de pessoas que, do dia para a noite, ficaram sem uma fonte de renda, que era muito importante para elas. Então, isso faz com que a luta pelo direito autoral seja muito intensa atualmente e peça muita capacidade jurídica, de conhecimento. Eu só estou aqui dando esse depoimento para a UBC, justamente porque eu venho acompanhando o trabalho dessa instituição e acho que ela é muito boa e está, realmente, muito próxima das feridas autorais que estão acontecendo.

João Roberto Kelly - compositor



Edmundo Souto - compositor

A intenção não era a pirataria, mas...

T S – Eu sou um intérprete, basicamente, mas vendo o trabalho da interpretação, os discos e tudo isso... eu mesmo, quando quero me pesquisar, em vez de ir lá ao armário pegar algum CD, eu entro na internet e está tudo lá. “Não houve a intenção de fazer pirataria”. Não houve, realmente, mas está tudo lá e eu não recebo um centavo por causa disso, nem quem produziu, nem quem investiu. Então, é uma área do conhecimento humano que é a mais ameaçada pela internet agora. As outras vão ser, muito em breve. Estão chegando lá: jornal, livro, revista etc. e tal. Tudo isso vai chegar lá. Por enquanto, a música, a produção musical, a criação musical, são as primeiras grandes vítimas disso.

A saída agora é se apresentar em shows?

T S – É legal valorizar o show ao vivo. As pessoas estarem presentes acaba um pouco com a exorbitância de cachês também, que criava um mito que não estava muito de acordo com a realidade. O que está rolando na economia atinge a música de várias maneiras. Houve certa época em que você alugava uma sala de concerto, pagava a publicidade do jornal, os programas, enchia a sala por um preço razoável e ainda ganhava bastante dinheiro. Hoje em dia, se você encher a sala por um preço exorbitante, você perde milhares de dólares. É incrível isso. Isso não é um fenômeno só no Brasil, não. É um fenômeno mundial. Então, são coisas da economia que vão se modificando e os artistas têm que navegar e saber nadar muito bem, para sobreviver mesmo.

Nesses 70 anos de UBC, qual o maior legado dessa associação para o músico brasileiro?

L G – Olha, eu acho que a associação vem, ao longo dos anos, organizando, institucionalizando, defendendo e limpando essa questão do direito autoral.

J R K – Ora, os 70 anos da UBC... a UBC ainda é uma criança! Ela ainda vai ter muita coisa pela frente, ainda vem muito compositor de sucesso por aí, para honrar as tradições, de um Oswaldo Santiago, de um Braguinha, de um Alcyr Pires Vermelho.

T S – O que eu vejo no presente é um pessoal muito combativo, bem informado e bem preparado. São presenças fiadoras, gente que entende mesmo de direito autoral e que estarão sempre aprendendo porque isso virou uma coisa enigmática. Ele tem um dado de novidade para todo mundo: para nós, que somos leigos e para eles, que são profissionais. Eu vejo também que, mesmo entre eles, é muito difícil chegar a um acordo sobre que política adotar com o direito autoral, sendo tão flutuante, passageiro, efêmero, tão rápido. É a velocidade da luz. É bom achar uma solução rapidamente, senão a fonte vai secar.

Você diria que a situação do músico melhorou?

L G – Estou com 55 anos e já exerço profissionalmente a música há muitos anos e, sinceramente, se há 20 anos me falassem que o futuro da música e do direito autoral seria esta realidade de hoje, eu não acreditaria. As coisas mudaram de uma forma drástica e muito violenta. Eu acho que nós, músicos, perdemos uma enorme porcentagem do nosso trabalho. Hoje, as coisas se passam em ambientes virtuais. As gravações são feitas domesticamente. Você não tem como controlar isso. Eu venho de uma época em que havia estúdios profissionais no Rio que eram controlados pelo sindicato, onde a execução pública era controlada realmente pela sociedade, pelo ECAD, pela UBC. Acho que a gente partiu para um mundo muito individualista, onde a questão da organização do todo está cada vez mais difícil, em função, justamente, das possibilidades individuais. Cada um tem uma chance de ir por aqui, por ali, enfim, complicou o meio de campo. Para o músico, a situação profissional piorou, e muito.

J R K – É claro que a situação do compositor melhorou. Nós, hoje, vivemos algo muito importante que se chama a gestão coletiva do direito autoral. Nós temos, hoje, o ECAD. Quando ele foi criado, tudo começou a melhorar. Melhorou para a UBC, Sadembra, Sbacem e demais sociedades. O compositor começou a se sentir mais prestigiado porque começou a ser protegido por um decreto-lei que criou um *bureau* único para sua arrecadação.



Como era a realidade antes da gestão coletiva?

J R K – Antigamente, o produtor do baile de carnaval tinha que pagar à UBC, Sadembra, Sbacem, Socinpro. Uma vez eu cheguei a um clube muito famoso do Rio de Janeiro para cantar uma música minha de carnaval e o diretor do clube disse: “Olha, Kelly, você está aqui nos honrando, mas não vai cantar uma música sua, não”. Aí, eu disse: “Então, eu vou-me embora, não é?” Ele disse: “É porque nós não pagamos a sua sociedade (na época eu era da Sadembra) e ela está proibindo que se toque as suas músicas”. Então, havia essa confusão. A criação do ECAD nos clareou totalmente o caminho. O que mudou isso tudo foi a criação do ECAD e da gestão coletiva do direito autoral.

Qual o diferencial da UBC na história do direito autoral?

J R K – Para começar, é a mais tradicional. Por aqui passaram nomes que hoje são eternos na música popular brasileira. Aqui, houve, desde o tempo de Oswaldo Santiago, que foi um dos principais criadores, uma conscientização muito grande do direito autoral. Depois, vieram outras sociedades, também com muita força, mas a UBC sempre se fez notar por ser a pioneira.

E S – É a própria UBC. Ela mesma se sustenta. Passamos por situações difíceis. Era um negócio complicado, na época da “revolução” de 1964. A questão da censura, do direito autoral... Era muito difícil você colocar na cabeça de uma pessoa que ele vai usar uma música minha ou de qualquer compositor e ter que pagar. Vou contar um caso desagradável, mas interessante. Eu estava em um bar, no Leblon, e, toda vez brincam comigo. Começaram a falar mal do direito autoral. Eu já não compro essa pilha. O dono, meu amigo, veio feroz: “Eu não vou pagar”. Eu peguei o telefone, liguei para o ECAD e disse: “Olha, é um bar assim e assim... Quanto é?” Enquanto isso, o dono do bar, meu amigo, em pé, e o bar todo já indo na dele e eu disse: “Atenção, eu estou falando com o ECAD. Custa tanto, por mês, uma coisa irrisória. Este mês eu vou pagar. O mês seguinte vamos rachar.” Passei o chapéu e eles ficaram olhando e ele disse: “Você está brincando.” Eu disse: “É”. Ele nem se preocupa em telefonar para saber quanto é. A princípio, ele não quer pagar. É cultural a questão do direito autoral.

Você acha que o compositor brasileiro está preparado para fazer esta gestão coletiva?

J R K – É claro que sim. O compositor, hoje, está muito mais consciente do seu trabalho e da sua função em relação à sociedade. A associação de compositores esclareceu o compositor. Nós temos feito isso pela vida afora. Muitos colegas, às vezes, não sabem uma coisa e outra e coube a nós esclarecermos e trazermos para o lado da verdade.

A música de carnaval ainda tem o seu lugar?

J R K – Música de carnaval está aí, presente. Nós estamos com as nossas músicas antigas renovadas porque essa garotada está cantando novamente tudo aquilo que foi feito. Eu me emociono muito quando vejo a menina cantando a plenos pulmões, por exemplo, “Olha a Cabeleira do Zezé”... Meu Deus do céu, esse é o maior prêmio, o maior pagamento que um compositor pode ter e eu continuo fazendo músicas de carnaval.

Os herdeiros: são pessoas que podem impedir a continuidade da obra ou uma maior visibilidade dela. Como resolver isso?

T S – Eu dou o exemplo de Villa-Lobos. A Arminda Villa-Lobos era a herdeira dele. O que ela fazia? Distribuía a partitura de Villa-Lobos. Sempre fez isso. Desde 1960, quando o museu foi criado, ela dava partituras, tirava fotocópias, dava material de orquestra, porque ela percebia perfeitamente que o importante era tocar a música. Aí, os royalties foram por outros caminhos. Esse foi o acerto genial dela. Toda vez que havia dificuldade em encontrar partituras do Villa-Lobos, o museu imediatamente vendia a fotocópia como pesquisa, mas a música era tocada. Alguns herdeiros não percebem isso, essa sutileza, que nem é sutileza. É preciso que você tenha meios para executar a música. Quais são os meios? São as partituras. É a música escrita. Aí, a garotada toca, o estudante toca e, em geral, você precisa de uma locomotiva puxando o trem. Às vezes, alguma pessoa quer fazer o trabalho integral do compositor, o que seria a locomotiva. Não consegue porque o herdeiro diz “Eu quero milhões para isso” e vai querer ficar rico naquela ocasião. Resultado: não sai a locomotiva, o compositor fica travado e o herdeiro não recebe nada.

Para você, quem evoluiu mais ao longo do tempo: a sociedade ou o compositor?

E S – É uma pergunta difícil, mas a sociedade tomou a frente. Eu mesmo, quando entrei na UBC, ignorava totalmente isso. Eu fui trazido pelo Paulo Tapajós, pai do Paulinho. Quando eu escrevi, pela primeira vez, uma música minha, do Paulinho e do Danilo Caymmi, que era “Andança”, foi para o Festival Internacional e, aí, eu não sabia absolutamente nada. O Paulo Tapajós, um dia, conversou comigo e disse: “Você, para receber os direitos, tem que pertencer à sociedade, fazer isso, isso e isso.” Eu tive como mentor um Paulo Tapajós. Você tem que ter sorte na vida também, senão... Eu, quando criança, fui criado em Copacabana, com os Caymmi. O Dori Caymmi estudava comigo. Eu estudava clássico, violão... Quando eu fui estudar música popular, o Dori me indicou Oscar Castro Neves. Então, eu convivi com essa turma. Com sorte você atravessa o mundo, sem sorte você não atravessa a rua. Pode morrer atropelado... As sociedades vieram na frente, tanto que foram formadas por pessoas conscientizadas. Os fundadores da UBC sentiram a necessidade de proteger o seu trabalho. Um prazer e orgulho que eu tenho é que a primeira pessoa a pensar no direito autoral do compositor foi uma mulher: Chiquinha Gonzaga. Isso é fantástico! Você imagina a essência, aí está a semente de tudo. Uma mulher, maestrina, final do século... Eu adoraria ter conhecido Chiquinha Gonzaga. Deve ser uma figuraça! Grande compositora. Chegou um momento em que ela disse assim: “E meu dinheiro, meu sustento?” Aí, ela organizou, com outros colegas, a SBAT, que depois veio a ser a UBC.

O que você daria de presente à UBC nos 70 anos?

E S – Vou dar parabéns para a UBC e para mim mesmo porque eu também estou fazendo 70 anos. Nasci em 1942. Como eu te disse, a palavra que eu acho mais bonita é união. Eu sou arquiteto e tenho a turma de arquitetura, somos muito amigos, mas eu pertenci à União Brasileira de Compositores, fiz e faço muitos amigos e acho o compositor brasileiro privilegiado. Eu gosto de pesquisar e, não desfazendo das outras culturas, cada um tem a sua, mas eu cheguei à conclusão que a arte popular de música é Brasil e Estados Unidos. Para mim, a maior surpresa chama-se Cartola. Eu convivi com o Cartola e ficava olhando para ele e dizia: “De onde o Cartola tirou isso?” Perguntei, um dia, para ele: “Como é a sua cultura? Como é que é isso?” E aí, o sábio gênio disse assim: “O compositor presta muita atenção”. Aliás, vou aproveitar o momento para dizer mais uma coisa. Todo mundo de comunicação diz o seguinte: “O povão gosta de coisa bem chula e vulgar”. Mentira. Se fosse assim, a bossa nova nunca seria um sucesso. É sofisticada e difícil, na letra, forma, música e no jeito de cantar. Quando as rádios começaram a mostrar, o povo estava aberto. Você mostra coisa boa para ele e ele vai engolir aquilo, comer e dizer: “Que maravilha!”. Se você der porcaria para ele, ele vai aceitar da mesma maneira porque ele quer participar e cantar. O povo tem a necessidade de cantar. Eu sou muito feliz... 70 anos... participei de uma geração de grandes compositores, com prosódia e poesia perfeitas. Poesia sozinha é uma coisa. Letra de música é outra técnica, que tem poesia e prosódia. Eu estou muito feliz com meus parceiros.

“Andança”, seu grande sucesso, ainda faz você feliz?

E S – Ainda. Caiu, mas esse é um fenômeno universal. Se você ver, a arrecadação no mundo inteiro caiu um pouco porque não se está gravando. Até uns quatro anos atrás, “Andança” tinha, em média, três regravações por ano. Eu recebia e tinha esse prazer, emoção e vaidade também. O direito autoral, quando é respeitado, o dinheiro vem. O que acontece é que a profissão do compositor não tem escapatória. Tocou, ganhou. Não tocou, não ganhou. Então, é comum encontrar, até pessoas que eu admiro, que chegam e dizem: “Eu tenho mais de 300 músicas e não ganho nada”. Ele não teve a sorte de fazer um clássico, como eu tenho “Andança” e “Luciana”. Então, isso perdura. Se eu não tivesse, eu não estaria ganhando um tostão porque as outras músicas que fizeram sucesso não tocam mais. Então, o compositor tem que ter essa coisa. Geralmente as mulheres dizem: “Puxa, o meu marido fez a música tal em 1960, ganhou o samba-enredo e é tocado até hoje”. Bom, não ganha nem um tostão. Essa pessoa é conhecida e chega, por exemplo, em um churrasco. “O fulano está aí”. E todo mundo canta a música dele. Só que ali não se paga direito autoral, mas ele vai para casa, dizendo: “Puxa, como eu sou querido”. Você tem que ser muito objetivo. Eu não quero que cantem a música em churrasco, eu quero que as rádios toquem, as boates... porque ali paga. É claro que eu quero que toquem em qualquer lugar. Se eu chegar a um lugar e não tocarem a minha música, eu fico chateado. ■



A UBC é feita de muitas histórias, com todos os ingredientes das boas histórias. Tem um dia a dia pouco excitante, como todo bom cotidiano, com os previsíveis problemas administrativos e jurídicos. Mas avança, decidida e acostumada, o seu caminho como defensora dos direitos do autor. Até aí, tudo bem. Mas no meio desse caminho, encontramos com Belinha e Seu Edson, que fazem toda a diferença. Eles são o bolo e a cereja da UBC, a hora do lanche que conforta e alimenta. E já que estamos falando de autores e compositores, a dupla Belinha e seu Edson, é a harmonia de uma grande orquestra chamada UBC. *Fotos: Mariana Quintão*

Belinha e Seu Edson

Homenagem especial

Belinha começou a trabalhar na associação em fevereiro de 1965, ainda uma garota se acostumando com a cidade. Ela nasceu em Portugal, mas foi criada no Rio de Janeiro. Belinha tem vários privilégios, um deles é o de ter a carteira de trabalho assinado por Mário Lago e Vicente Celestino. Nesse tempo, o escritório da UBC ficava na mesma Rua Visconde de Inhaúma, no centro, onde está a sede da associação desde os anos de 1980, mas em outro número - era um conjunto de salas onde todos trabalhavam juntos. Belinha percebeu a importância do trabalho dela desde o momento em que entrou para a UBC.

Seu Edson, compositor nascido em 1932, está na UBC há 57 anos. É um sócio exemplar. Pelo menos uma vez por semana ele pega o trem e desce na Estação Central do Brasil para uma visita aos amigos da UBC. Seu Edson já foi funcionário da associação e hoje faz parte do conselho fiscal. Uma vida plena e dedicada a muitos afazeres, família e a celebração de seus dois mais importantes trabalhos: “Deixa isso pra lá” e “Zigue Zague”, sucessos eternizados na interpretação de Jair Rodrigues.



Como você foi trabalhar em uma sociedade de direito autoral?

BELINHA – Eu estudava no Largo do Machado, na Amaro Cavalcanti, e tinha uma prima que trabalhava aqui na UBC, no setor de cobranças. Às sextas-feiras, eu vinha do colégio direto para cá e ia com ela para Brás de Pina, para ficar sábado e domingo com ela. Aí, como eu sempre vinha, o Roberto Martins, que era o diretor e o chefe dela, me convidou para trabalhar aqui. Eu fiquei na cobrança com a minha prima, que me ensinou o serviço. Ela casou em maio, no dia do meu aniversário. Entrou de férias e eu fiquei no lugar dela. Depois que ela voltou, surgiu uma vaga no departamento de distribuição. Fui trabalhar com dona Iara, que me ensinou tudo. Ela se aposentou em 1975. Até hoje, uma vez por mês, ela vem na UBC para almoçar comigo.

Você gosta de seu trabalho, não é?

B – Amo, amo isso aqui. Primeiro, foi muito bom porque eu pude estudar à noite. Eu casei e criei meus filhos. Meio expediente era um horário ótimo para mim e, depois, quando passei para o horário integral, meus filhos já estavam no segundo grau. Para mim, é vida isso aqui, é minha segunda casa ou talvez a primeira, não sei, porque eu fico mais tempo aqui do que em casa, não é?

O que mudou na UBC durante esses anos todos?

B – Ah, mudou muita coisa porque a UBC, antigamente, arrecadava e distribuía. Depois, veio a SDDA, que juntou as sociedades maiores que eram: UBC, Sbacem, Sadembra, Sbat e Socinpro. Só tinham essas sociedades. Depois, fundaram a SICAM, mas que não entrou no SDDA, que cobrava os direitos autorais e passava um percentual para cada sociedade. A UBC levava o percentual maior porque tinha o exterior todo. Primeiro, cada sociedade arrecadava e distribuía. Depois, o SDDA arrecadava e passava o percentual para as sociedades, que distribuía, e, depois, veio o ECAD, que passou a arrecadar e distribuir. Ele repassa para a sociedade, já praticamente pronta e a sociedade só paga. A UBC era só de autores e editores e, de repente, passou a ter tudo: fonomecânico, produtor fonográfico, intérprete, músico, os conexos também. Então, houve muita mudança. Ela cresceu muito, a UBC cresceu bastante.

Melhorou a qualidade da informação?

B – Ah sim, melhorou bastante. Eu acho que ainda tem compositor que não entende bem como é que é. Por exemplo, o compositor que fica cobrando, tem compositor que vai à televisão e fala mal do ECAD e, às vezes, essa televisão onde ele está falando mal, não está pagando direito autoral. Eu acho, por exemplo, que, hoje, os artistas, compositores, reclamam, mas poucos procuram saber como funciona. Eles têm o seu empresário, o seu secretário que faz tudo e só vão à televisão para reclamar. Os grandes não procuram saber como funciona o sistema, que é muito bom, eu acho.

... e a sua percepção sobre os autores, ela mudou?

B – Eu sinto que os compositores, antigamente, ficavam mais juntos e se reuniam para discutir todos os assuntos. Hoje não, o compositor, principalmente aquele que faz sucesso, deixa tudo por conta do empresário, secretário, e não participa, não se une com os outros para lutar pelo direito deles. O compositor antigamente tinha mais amor à causa.

E seu trabalho?

B – Quando eu comecei a trabalhar aqui, eu não trabalhava muito com música, eu trabalhava mais na área de contabilidade, de cálculos, de cinema. Eu fazia o cálculo do pagamento dos cinemas que pagavam direito autoral. Depois, passei a fazer cálculos de cotas, de levantamento de conta corrente. Agora eu fico vendo direitos de créditos retidos das músicas, identifico músicas que por algum motivo o ECAD não identificou e fica no retido, então eu procuro mais essa parte.



Antigamente você tinha mais proximidade com os autores?

B – Ah, antigamente, o autor vinha na UBC, eu fazia o pagamento, então, tinha contato com eles, tinha mais contato com os autores. Hoje é muito difícil contato com os autores. O autor recebe através de DOC ou de empresário ou de procurador. Então, é difícil você ter contato com o autor hoje. O Chico Buarque vinha receber no balcão. Quantas vezes ele veio com a Marieta, com uma barriga desse tamanho, eu de um lado grávida e ela, de outro. Os autores vinham aqui, tinha uns que tocavam piano no segundo andar desse prédio mesmo, faziam música, traziam violão, teve uma época que eu trabalhei com Luiz Antônio, que foi diretor de distribuição e teve músicas famosas: “Menina Moça”, “Mulher de Trinta”.

Você teve uma história especial com o Nelson Cavaquinho, não é?

B – Ah, Nelson Cavaquinho era uma pessoa muito querida, ele era muito bonzinho, sabe? Na época, eu fazia os pagamentos, então, era assim: a gente pagava e, se o autor quisesse, nós dávamos um adiantamento de até 60%. Todo autor levava o adiantamento. Nelson Cavaquinho, quando vinha receber, geralmente ele vinha muito bêbado. Aí, vinham aquelas mulheres atrás dele, ele botava o dinheiro, assim, pelos bolsos, caía o dinheiro. No dia em que ele vinha receber o pagamento dele, eu não dava o dinheiro todo, eu só dava o saldo, não dava adiantamento, nunca dei, porque eu sabia que uma semana depois ele vinha lúcido pedir dinheiro para pagar aluguel. Aí, quando ele vinha, eu dava o adiantamento para ele. O Nelson Cavaquinho era um amor. Uma vez, ele viu que eu cheguei chorando porque meu cachorrinho tinha sido atropelado. Aí, ele falou: “Vou te dar um cachorrinho”. Nunca deu, mas toda vez que ele vinha, ele dizia “Vou te dar o cachorrinho”.

Essa questão do compositor ser tão vulnerável, você acha que ela melhorou nesses 70 anos?

B – Eu acho que melhorou, melhorou bastante. Por exemplo, tinha o João do Vale também. Ele me chamava de madrinha, era um doce de pessoa, mas bebia e ganhou muito dinheiro, como o Nelson Cavaquinho, que chegou a ser a maior arrecadação da UBC, na época do auge dele. No fim, a UBC ajudou muito, o internou, pagou a internação, o tratamento para ele.

Do que mais você se lembra?

B – Tem tantas lembranças boas: quando Chico Buarque se filiou, eu que fui com o contrato para ele assinar. Para mim, foi o máximo, chegar com o contrato para ele assinar, o primeiro contrato que ele assinou com a sociedade. Aquilo me deixou feliz!



E como você daria os parabéns pelos 70 anos da UBC?

B – Ah, eu sei lá... que a UBC continuasse por muitos e muitos anos sendo a primeira, a mais honesta, forte e ativa. E vou falar uma coisa boa que aconteceu comigo. Foi quando o José Antonio Perdomo me chamou para ser chefe de departamento e eu disse para ele que eu não sabia chefear. Falei pra ele: “Eu não sei mandar em ninguém”, e ele falou: “Você sabe sim, você vai aprender” e eu fiquei 12 anos como chefe de departamento.

Seu Edson, de onde saiu a inspiração para “Deixa Isso pra Lá”?

EDSON MENEZES – Existe uma deixa total que, antigamente, ou até hoje, uma briguinha, coisa de namorados... Ele se aborrece, fica enciumado por qualquer coisa e, aí, entra outro colega e diz para ele ou para ela: “Ô, fulana, Marieta... Deixa isso pra lá, não está fazendo nada, deixa ir embora, depois ele volta... Então, fica perpetuada a deixa do “deixa isso pra lá”. Você vê que em quase todas as camadas sociais existe essa deixa do “deixa isso pra lá”.

O sucesso com essa música deu retorno para o senhor?

E M – Com o retorno financeiro, construí minha primeira casa. Eu recebia o direito autoral, guardava uma parte, e a outra eu utilizava para comprar o material para construir minha casa. A arrecadação desses direitos mudou minha vida para melhor porque na Bahia eu não tinha nada. Eu não vivo com dinheiro de música totalmente, mas ele ajuda, porque eu sou funcionário aposentado pelo Ministério da Saúde. Na UBC eu tenho arrecadação, então, faço parte de um conselho da sociedade e, no próprio INSS, também peguei um trocadinho, porque eu trabalhei 60 anos.

O que é a UBC para o senhor?

E M – A UBC é a minha vida, é o amor da minha vida. Eu não posso e não gosto que ninguém fale mal da UBC, gosto demais e tenho uma confiabilidade espetacular na diretoria, que é super comandada por um homem chamado José Antonio Perdomo. Temos um presidente também muito bom atualmente, que é o Fernando Brant, que é excepcional. Temos também na parte da administração a Marisa Gandelman, que faz um trabalho espetacular.



O senhor se sente protegido na UBC?

E M – Você tocou em um caso interessante... Há anos, quando eu trabalhava na UBC, a minha função era na parte social e a UBC cansou de ajudar vários autores que não tinham condições de se alimentar. Eu era porta-voz dos autores, eles ligavam pedindo e eu falava: “Leve para eles, para ajudar a família deles. Não deixe ninguém passar fome”.

O senhor acha difícil o compositor viver só de música?

E M – Eu acho difícil o compositor viver totalmente de música. É difícil, entre outras coisas. Alguns vivem de música; outros, não. A camada mais forte, por exemplo, que geralmente está na mídia, televisão e tem uma exposição de motivo para participar da mídia, eles têm a possibilidade. Igual, praticamente, na música. Aí, você me pergunta: “Por que a música do passado continua tocando?” Primeiro, o conteúdo é maravilhoso, melodias bem feitas, gostosas, maravilhosas... você não pegou o Sassaricando, Cabeleira do Zezé, Colombina, Alalaô... Você pega as músicas do Braguinha, do Ataulfo Alves... Então, as coisas são totalmente diferentes.

Qual é a mensagem que o senhor vai deixar para os 70 anos da UBC?

E M – Olha, a mensagem que, realmente, eu vou deixar para os 70 anos da UBC... Eu peço a Deus, que eu tenho muita fé em Deus e em Santa Rita de Cássia, que tome conta dessa casa, que é nossa, que dêem toda força aos dirigentes da casa, a todos os funcionários, que são maravilhosos... Essa mocidade que está na UBC, todos são maravilhosos. Até onde eu estou chegando, eles são maravilhosos e até antes de eu sair, então... É uma prova de gratidão e, ao mesmo tempo, desejo a eles sucesso, felicidade, muita saúde e que toda diretoria tenha força para lutar contra tudo. ■

A entrevista foi realizada no auditório Paulo Tapajós (na sede da UBC) no dia 16 de fevereiro de 2012, dia em que o Seu Edson completou 82 anos.

Um parabéns especial

David Safir, é economista formado pela Universidade de Chicago. Fez mestrado na Escola de Economia de Londres e é referência mundial em Gestão Coletiva. Safir trabalhou durante 20 anos na ASCAP, *American Society of Composers, Authors and Publishers*, na representação de Londres, com responsabilidade de observar e cuidar da arrecadação do repertório da sociedade norte-americana fora dos Estados Unidos.

Feliz aniversário UBC

O rótulo de retardatário é invariavelmente considerado como uma crítica, mas o crescimento marcante da UBC ao longo da última década sugere que a vida realmente começa aos 60!

É evidente que a viabilidade de qualquer sociedade de gestão coletiva depende da popularidade do repertório de seus associados e da qualidade e do tamanho dos recursos que emprega. No entanto, à primeira vista (quando comecei a visitar sociedades estrangeiras em 1992), a UBC parecia estar enfrentando uma luta perpétua no processo de arrecadar e distribuir, efetivamente, apesar de ter os principais ingredientes para o sucesso. Seus associados e os nossos estavam perplexos e frustrados.

A UBC estava presa em um círculo vicioso. Com tímida cobertura de licenciamentos e, conseqüentemente, arrecadação atrofiada, dados de desempenho inadequados e distribuições sem frequência definida e, assim, não seria tarefa fácil atrair o número suficiente de associados e representar o repertório estrangeiro. No entanto, somente fazendo isso seria possível conseguir a massa crítica para explorar a economia de escala e ganhar credibilidade e a confiança que uma sociedade necessita para fazer valer seu mandato e sustentar o crescimento futuro.

Se após dez anos (e inúmeras visitas técnicas) ainda percebia uma sociedade confrontada com tantos desafios políticos, econômicos e culturais, como a UBC, hoje, ainda não encontro outra sociedade que os tivesse vencido com tanto sucesso. A UBC merece o nosso agradecimento assim como nossas congratulações por ter chegado aos 70 em tão boa forma e por ter feito isso se mantendo competitiva, ágil e transparente, o que é particularmente gratificante.

Em meus 20 anos de treinamento “*on-the-job*” (um eufemismo anglo-americano usado quando convidado a participar de um Comitê ou Grupo de Trabalho), algumas experiências foram mais recompensadoras do que outras, mas eu nunca vou esquecer as sábias palavras de um colega da UBC, que observou que “só estando no Corcovado, morro do Rio de Janeiro que abriga a estátua do Cristo Redentor, é que você pode ver o céu e o inferno ao mesmo tempo” (em outras palavras: “nove sociedades que lutam para assinar com novos associados e repertórios, antes do almoço”).

O ambiente de gestão coletiva mudou profundamente desde 1992, mas os associados ainda exigem o máximo de distribuição a custo mínimo, bem como um excelente serviço. Cada sociedade tem suas “histórias de guerra”, mas competir com outras sociedades por membros e repertório é certamente uma experiência melhor compreendida em Nova York e no Rio!

Qualquer avaliação objetiva conclui que as conquistas recentes da UBC são notáveis. Na sexta maior economia do mundo (sua posição na indústria da música é provavelmente muito mais elevada), sua cobertura de licenciamento é mais ampla, o seu monitoramento de execuções tecnicamente mais sofisticado, as suas regras, processos e métodos de distribuição mais engenhosos e de baixo custo, e os seus serviços para membros, mais eficientes do que em muitas sociedades maiores e melhor estabelecidas.

Através dos seus programas de formação e do intercâmbio de melhores práticas com as sociedades estrangeiras representadas, a UBC assumiu a liderança no fortalecimento dos direitos de execução pública na região. Com sua vontade de criar novos modelos de negócio e investir em nova tecnologia, e com o conhecimento e experiência que traz para os projetos globais, a UBC dá uma contribuição generosa e inestimável.

A UBC provou ser um parceiro confiável, criativo e enérgico não só lidando com os associados e com as sociedades estrangeiras representadas, mas também em sua defesa jurídica e na negociação com os licenciados. Autores e editores em todo o mundo continuam a tirar proveito da sua reputação crescente.

Como diretores da sociedade líder no Brasil, os compositores e letristas da UBC conhecidos, nacional e internacionalmente, fizeram lobby incansavelmente para impedir iniciativas políticas e legislativas que causariam prejuízos aos direitos dos autores, trazendo paixão e clareza ao debate público e garantindo, acima de tudo, que as realizações da UBC sejam consolidadas à medida que entra em sua oitava década.

A receita bruta de direitos de execução no Brasil aumentou impressionantes 145% desde 2002, mas o crescimento nas distribuições da UBC é ainda mais impressionante. A força de resistência e a participação no mercado do repertório (doméstico e internacional) que a UBC representa não podem ser subestimados, mas é por meio de constantes melhorias e aprimoramentos de suas competências essenciais que a UBC tem sido capaz de distribuir os direitos de forma mais precisa, com maior frequência e com um custo cada vez menor.

Apesar de quase 100% de cobertura de licenciamento de execução pública e radiodifusão, e do custo inicialmente elevado da arrecadação para uso de obras musicais *online*, as deduções das taxas de administração da UBC e Ecad combinadas caíram para 24%; e a UBC está de parabéns por ter repassado esta dedução diretamente aos seus membros e sociedades representadas.

Dizem que se leva “toda a vida e mais 70 anos” para entender os direitos de execução pública, por isso é um prazer e um privilégio comemorar a conquista da UBC; mas, esperando que este sucesso seja contínuo, meu brinde deve vir direto do *American Songbook*: “O Melhor ainda está para vir!” ■

** (“The Best Is Yet To Come” – música composta por Anders Wikstroem, Eric Brazilian, Fredrik Thomander, Rudolf Schenker e eternizada pelo grupo americano Scorpions)*



Agradecimentos

Maria Carmem Barbosa: pela cessão da foto do compositor Haroldo Barbosa
Edinha Diniz: pelas informações de leituras
Paulo Jobim: Espaço Tom Jobim
Aos compositores do Brasil

UBC

União Brasileira de Compositores

UBC70 ANOS

União Brasileira de Compositores

O AUTOR EXISTE